3 1761 04130 4809

# I

# O CANCIONEIRO FERNANDES TOMÁS

Lfor.H
M6214c

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

ESTUDOS CAMONIANOS

I

# O CANCIONEIRO FERNANDES TOMÁS

ÍNDICES, NÓTULAS E TEXTOS INÉDITOS

550551
3.10.52

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1922

Desta edição

fez-se uma tiragem especial de 100 exemplares,

numerados e rubricados.

PQ
9067
M53

# PREFÁCIO

Como preito de gratidão que eu devia a *Aníbal Fernandes Tomás,* tracei há um par de anos, as páginas que só hoje se publicam. Gratidão a êsse fervoroso cultor da bibliografia portuguesa — autor de *Cartas bibliográficas*, um *Boletim de bibliografia portuguesa,* e numerosos artigos em jornais da Lousã, Figueira e Aveiro, assinados às vezes com o criptónimo transparente de *Amílcar* — porque conservou, aproveitou e deixou que pela minha vez utilizasse o melhor dos *Cancioneiros*, com numerosos e valiosos textos inéditos dos séculos XVI e XVII (1550 a 1650), que subsiste, e figurará na história da literatura nacional como *Cancioneiro Fernandes Tomás.* Reconduzira-o da Holanda, onde parece esteve desde que fôra

trasladado de uma miscelânea original, começada por ventura por Fernão Rodrigues Lobo — *o Soropita* —, geralmente conhecido como publicador primeiro das *Rimas* do cantor dos *Lusíadas,* e, conforme conto no texto, o mais amplamente representado poeta e prosador da colecção. Depois de haver extraído dêle as composições *camonianas* que naturalmente mais o interessavam, cedeu-me o precioso volume de *Flores Várias de diversos autores lusitanos,* sabedor de como eu me ocupava, com insistente estudo e reflectida averiguação, de questões de autoria.

Infelizmente, o generoso possuïdor do *Cancioneiro* faleceu antes de eu haver realizado integralmente os meus planos, reünindo pouco a pouco os materiais indispensáveis para a justa avaliação do *Florilégio.* Aprontando a redacção do meu Estudo em 1919, destinei-o à homenagem que outro notável bibliófilo entendia dever prestar a Aníbal Fernandes Tomás: seu íntimo amigo M. Cardoso Marta, que me convidou a colaborar no volume *In Memoriam.* Persuadida de que esta publicação havia de ser *monumental,* colaborada

por todos aqueles estudiosos a que Aníbal Fernandes Tomás prestara serviços, facultando cópias e esclarecimentos a respeito de livros, fôlhas volantes, manuscritos e estampas raras que arquivava nas suas colecções, remeti ao editor as minhas cento e tantas páginas—insatisfeita ainda por não serem mais numerosas e substanciais.

Calcule-se quão penalizada fiquei quando me informaram de que não se tratava de um edifício vasto e suntuoso, mas apenas de um pavilhão, para o qual a amizade de cada devoto acarretaria uma pedra de pêso diminuto. Uma a seis páginas. Penalizada; mas resolvida a dar vida independente ao meu trabalho. Êsse projecto tomou a forma actual de *Estudo Camoniano I,* quando, por gentil intervenção do próprio sr. Cardoso Marta, outro benemérito bibliógrafo, —o sr. Martinho da Fonseca, autor do *Dicionário de pseudónimos* — pôs à minha disposição o *Índice* dos versos de Luís de Camões e Diogo Bernardes, coleccionados em 1577 (em vida portanto de ambos os insignes poetas líricos) pelo *Padre Pedro Ribeiro,* Índice, cujo estudo minu-

cioso ministrou resultados complementares, sôbre questões de supostos plágios, e direitos de autoria. O curioso poderá verificá-lo no N.º II dos *Estudos Camonianos*, e no N.º III, em que conto tornar públicas as cinqüenta e duas obras de Soropita que constituem o núcleo principal das *Flores Várias*.

Á memória de *Aníbal Fernandes Tomás* sejam dedicados todos os três, pelos serviços que desinteressadamente prestou às letras, e pelas provas de estima que particularmente lhe devo. De uma, pouco conhecida em Portugal, tratarei, *brevi-manu* no volume *In Memoriam* que, conforme informações recentes, sempre saïrá.

*

Singular e quási inexplicável falta de memória foi a que me fez dizer (a p. 11) que eu *ignorava* o actual paradeiro do *Cancioneiro* — visto que foi, baseando-se num meu Relatório, expressamente escrito, para que o volume não mais saísse de novo do país — que o erudito director do Museu

Etnológico de Belém, meu ilustre amigo José Leite de Vasconcelos, se resolveu a adquiri-lo, e a guardá-lo como uma das melhores jóias das colecções que patriòticamente juntou. Felizmente pude rectificar o êrro no fim do volume.

Outubro de 1922.

C. M. de V.

# O CANCIONEIRO FERNANDES TOMÁS

Em Dezembro de 1887 fiquei sabendo, por gentil carta particular, que no ano quási decorrido, o afamado bibliófilo e bibliógrafo Aníbal Fernandes Tomás vira, num Catálogo da importante Livraria de Frederick Müller de *Amsterdam*, anunciado e oferecido à venda, um volumoso Cancioneiro manuscrito, intitulado — *Flores Várias de Autores Luzitanos*, e que, entusiasmado e cheio de esperanças de lá encontrar novidades, o adquirira e estava a estudá-lo.

Mais me dizia o feliz possuidor, jubiloso, que realmente encontrara no manuscrito numerosos inéditos, e entre êles bastantes de Luís de Camões, que iria publicar.

A notícia toda, mas sobretudo a parcela, relativa a textos camonianos, já fôra espalhada verbalmente, e sobressaltou naturalmente os interessados. Mas o ano imediato passou sem que os *Inéditos* viessem à luz da publicidade.

Incitado por muitos, com particular empenho por Joaquim de Araujo, o malogrado poeta das *Íntimas*, que então iniciara a publicação de uma Revista Camoniana, e desejava naturalmente ter os *primores* da publicação, Fernandes Tomás lhe enviou como amostra

dois dos *Inéditos:* o Soneto *Olhos de cristal puro que vertendo* e a Canção horaciana *Não de côres fingidas.*

Acompanhou-os todavia apenas de um pequenino artigo, no qual há referência a outro da mesma Revista, um pouco anterior (1), em que já aludira ao seu *Cancioneiro de Holanda*, e à edição que preparava.

O assunto dessa primeira contribuïção ao *Circulo Camoniano* é uma *Fabula de Narciso*, que fôra publicada em 1880 como «Pérola do Centenário» por T. Braga, mas, conforme Fernandes Tomás provava, nem era inédita, nem de Camões, mas sim do castelhano Cristoval de Mesa, em cujo *Valle de lagrimas y diversas Rimas* saíra impressa em 1607 (2). E a êsse respeito informava de que no seu Cancioneiro havia outra *Fábula de Narciso* em Oitava-rima que, conquanto anónima, parecia ser realmente obra de Luís de Camões...

Ilusão absoluta, a meu ver, como mostrarei neste ensaio.

*

Eis agora o teor do segundo artigo, epigrafado — *Poesias Inéditas de Camões* (3):

«As duas peças inéditas de Camões que o *Circulo*

(1) No *Circulo Camoniano* (1889), I, p. 109, dizia: «*numa edição, que preparamos, de varios ineditos de Camões, encontrados num manuscrito do* XVII *seculo que adquirimos na Hollanda, tencionamos incluir uma composição com egual titulo* [sc. *de* FABULA DE NARCISO] *em oitava-rima, a qual, posto venha anonima, nos parece poder atribuir-se com muito maior fundamento a Camões*...».

(2) Em outro volume do mesmo Cristobal de Mesa, de 1611, há uma homenagem a Camões, conforme mostrou Fernandes Tomás.

(3) *Ib.*, p. 133-139.

*Camoniano* insere no presente fascículo e que precedem esta rápida notícia (1), são destacadas da edição de poesias líricas, a que me referi a pág. 109 desta Revista, na qual as publico, satisfazendo os desejos do seu ilustrado Director. Cumpre-me, pois, dar uma ideia embora sucinta do manuscrito que então citei, e que serve de base à edição de algumas composições inéditas do grande Génio nacional do século XVI (2).

« Compõe-se o códice, escrito em papel de Holanda, com boa caligrafia, de 174 fol., ou 348 pag., em fol. pequeno; e no alto da lombada, se bem que semi-apagado, pode ainda ler-se o título: *Flores varias de diversos autores Luzitanos.* Não só pelo exame das poesias que contém, mas ainda pelo carácter da letra, e por outras razões que em ocasião oportuna desinvolverei, estou convencido de que a sua formação não vai além dos últimos anos do século XVII.

« Encerra composições, em verso e prosa, dos escritores que em seguida vão mencionados pela ordem alfabética, segundo o Índice que elaborei ».

Suprimo essa lista dos poetas, para a dar mais abaixo, com a data da morte e indicação das composições de cada um. De resto, a lista de A. Fernandes Tomás era incompleta. Continha trinta e nove nomes, em vez de quarenta e cinco. Faltavam nela, além dos

(1) «O *Soneto* acha-se a fl. 150 v., e a *Canção* a fl. 32 do ms. a que no texto me refiro».

(2) « Adquirido em 1886 em Amsterdam na antiga e conhecida livraria de Frederik Müller, esse manuscrito era designado sob o n.º 1429 a pag. 96 da *Littérature Française, Anglaise, Allemande, Italienne, Espagnole & suivie de quelques ouvrages sur les beaux-arts. Catalogue de livres à prix marqués en magazin chez Frederick Muller & C.ie* ».

Anónimos: *Antonio Alvarez Soares, Antonio Lopes de Ulhoa, Estevam Ribeiro, Fernão Lopes, Frei* [*Agostinho da Cruz*] e *Juan de Bobadilha.*

Continuando dizia:

« Grande parte das espécies que compõem êste manuscrito são inéditas, havendo só com relação a *Fernão Rodrigues Lobo Soropita*, cincoenta e duas composições que não foram incluidas na edição do Sr. Camilo Castelo Branco, e apresentando parte das já impressas, comparadas com as do códice, notáveis e importantes variantes.

« Sob a rúbrica de *Camões* aparecem 21 sonetos (dos quais 14 inéditos) (1), 2 elegias (uma inédita, e outra muito mais completa do que a impressa com numerosas e capitais variantes), uma canção, dois epigramas, e um capítulo, perfazendo o total de vinte e sete composições.

« Dezanove sonetos, já impressos como de Camões, em antigas edições do Poeta, acham-se neste manuscrito sob a rubrica de outros poetas, como se verá na publicação que temos entre mãos (2).

« Outras observações se podiam acrescentar; ficam porém, de remissa para no lugar devido serem enunciadas. »

*

A promessa dada não foi cumprida, principalmente

(1) Mais abaixo mostro que dois dêsses catorze *(Claros olhos azuis — Fermoso moço)* não eram inéditos, e não são de Camões. E tomo provável que a Elegia também seja de outro autor.

(2) Êsses outros poetas são: Bernandes, o Soropita; Estevam Rodriguez de Castro, D. Manuel de Portugal; o Infante D. Luís, o Duque de Aveiro, Baltasar Estaço, Francisco d'Andrade, Martim de Crasto e certo João Pinheiro.

por falta de saúde e desgostos da vida, mas também porque na mente de A. Fernandes Tomás surgiram dúvidas a respeito da autenticidade de algumas atribuïções — (dúvidas alimentadas por mim, é preciso confessá-lo). —

E só muito parcialmente realizaram-na outros letrados, aos quais generosamente foi franqueado o volume. Sobretudo Teófilo Braga; a autora destas linhas; Delfim Guimarães; e Ricardo Jorge.

Por três vezes o venerando investigador da literatura portuguesa fez arremetidas ao Cancioneiro. A primeira vez em 1891. No volume *Camões e o Sentimento Nacional* (1) há a lista dos versos camonianos, isto é, dos que no manuscrito são atribuídos ao Poeta (27) e dos que, anteriormente publicados em edições do Poeta, aparecem aí com atribuïção diversa (20). Mas também essa lista nem é completa, nem está isenta de erros (2).

No texto repetem-se as lendas relativas a furtos e plágios literários, assim como as acusações contra Diogo Bernardes, levantadas por Faria e Sousa, e repetidas por Tomás J. de Aquino, sem criteriosa discussão.

A segunda arremetida é de 1897. No volume *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo,* T. Braga ocupa-se naturalmente da Canção em estilo e metro italiano *Esconde, Diana bela, os raios belos,* que aparece no manuscrito com a epígrafe *De Bernardim Ribeiro* (3).

(1) Vid. p. 160, 134-179 e 183, com traslado do artigo do *Circulo Camoneano.*

(2) Faltam da segunda espécie, p. ex., o Soneto *Co tempo o prado seco reverdece* e *O que te fiz amor que mal me tratas?*

(3) P. 146 e seg. e 324. Em nota são reproduzidos novamente os dizeres de Fernandes Tomás.

Afim de tornar acreditável que o poeta da *Menina e Moça* e das cinco *Églogas*, em estilo e metro antigo, tentasse também o *dolce stil nuovo*, lembra como base um dito de Sá de Miranda contido no seu *Aleixo* e relativo a *Cantares de estranha parte*, trazidos a Portugal por Ribeiro, reforçando-a por meio de afirmações de Faria e Sousa (1).

Em terceiro lugar, T. Braga tornou a tratar do Cancioneiro e da parte que o autor dos *Lusíadas* tem nele, no volume sôbre *A obra lírica e épica de Camões* (1911). Desta vez mais explìcitamente.

A questão dos plágios tinha no entretanto mudado de figura, no espírito de T. Braga. Resolve-a agora a favor do suave poeta do Lima, não por causa das demonstrações de Storck e desta tradutora e amiga do ilustre alemão, mas sim porque no *Índice* de outro Cancioneiro (perdido, segundo parece), o do Padre Pedro Ribeiro, coleccionado em 1577, — em vida portanto de Luís de Camões e de Diogo Bernardes — muitos Sonetos aparecem, numa página com a autoria de Camões, e em outra página com a de Bernardes (2). São essas incertezas ou hesitações e o facto de Bernardes figurar ao lado de Camões num Cancioneiro, coleccionado em vida dos dois, que actuaram na mente de T. Braga.

(1) Trato do problema na *Anotação* 317.

(2) Êsse *Índice*, está hoje na posse do distinto bibliófilo Martinho Augusto Ferreira da Fonseca, ao qual devemos o *Diccionario de Pseudonimos* e *Obras anonimas de Escritores Portugueses* (1896). *P. S.* — Consegui vê-lo. E dêle me ocupei em outro estudo, que o nosso generoso amigo Anselmo Braamcamp Freire, queria publicar com a possível brevidade, no *Arquivo Historico*, mas que finalmente vai sair independentemente, depois dêste Estudo Camoniano.

Do Cancioneiro Fernandes Tomás traslada desta vez os Sonetos inéditos (1), meramente registados em 1897 (com exclusão da *Canção* e da *Elegia*).

*

No longo espaço de tempo decorrido desde a primeira notícia epistolar de F. Tomás relativa ao Cancioneiro, eu continuava a trocar correspondência (a que já aludi) com o possuïdor, sobretudo acêrca de alguns dos problemas de autoria que se ligavam aos textos nele contidos, e em geral a respeito dos ominosos plágios e furtos de que foram acusados Diogo Bernardes, Francisco Rodrigues Lobo, Fernão Álvares do Oriente, e outros.

Tentando explicar o fenómeno, procurei as suas origens, apontando como causadora a prodigalidade dos artistas portugueses, — louvada por uns como bizarra fidalguia, e censurada por outros como desleixo e indiferença, falta de brio e de patriotismo. Quinhentistas e Seiscentistas faziam circular entre Mecenates, amigos, e Damas da côrte as suas criações, sem primeiro lhes apôr, de modo inconfundível, a sua marca: p. ex. numa epígrafe explicativa. Pouquíssimos chegaram a

(1) Conto quinze. Entre êsses há *Olhos de cristal puro,* impresso no *Circulo Camoneano; Já foi tempo*, editado por mim em 1900; mas não *Que gritos são os que ouço?* que estão no mesmo caso, porque já o próprio T. Braga repetira no volume I *(Epoca e Vida)*. Nem tão pouco o *Descalço sem chapeu* pelo mesmo motivo.

Quinze com os dois omitidos e mais quatro em versão muito diversa do texto comum. Ao Soneto *Contentamentos meus* falta por descuido, o terceto final.

publicar pessoalmente as suas *Rimas*. Cada um dos obsequiados, claro que como coleccionador guardava os originais recebidos numa pasta, ou num cofre especial. Vários teriam a lembrança de, além disso, lhes dar entrada no seu *Album* ou *Cancioneiro de mão*. E poetas e amadores que indirectamente chegaram a conhecer tais inéditos, os copiariam igualmente para seu gôzo espiritual, ora fiel e cuidadosamente, ora retocando-os com estranhável mas indubitável liberdade, e muita vez sem nome de autor. Herdeiros e editores então, ao encontrarem, vamos dizer *autógrafa* de Frei Agostinho da Cruz a *Canção da Imortalidade*, de Estevam Rodrigues de Castro, a existência do qual e da qual ignoravam, as *Lagrimas de S. João Evangelista* de Diogo Bernardes, seu irmão, ou mesmo Sonetos de amor profano de *Martim de Crasto* (Castro do Rio), *Fernão Rodrigues Lobo Soropita*, *Fernão Correa de Lacerda*, etc., atribuiram-nas afoitos ao piedoso frade da Arrábida! (1)

Ao próprio Camões foram atribuídas poesias alheias logo pelo primeiro, leal e benemérito publicador das suas *Rimas*; e sucessivamente por todos quantos se empenharam em avolumar essa colecção: depois de Soropita, Estevam Lopes, Domingos Fernandes, António Álvares da Cunha, Faria e Sousa, e nos nossos dias o Visconde de Juromenha e Teófilo Braga (2).

(1) São elucidativas do caso as *Obras de Fr. Agostinho da Cruz*, recentemente publicadas nos *Subsídios para o estudo da História da Literatura Portuguesa*, por Mendes dos Remédios (Coimbra, 1918). — Veja-se sobretudo p. 46 e 47 e 436-451.

(2) Há dúvidas sobretudo acêrca da autoria de *Sonetos*, essa forma predilecta dos cultos da nação, o seu *Lied* peninsular, mas também a respeito de *Elegias*, *Églogas*, *Canções*, *Odes*, *Epístolas* e mesmo de *Redondilhas*.

De aí, dessa nobre isenção ou dêsse feio desmazêlo, e em todo o caso da falta de amor dos Portugueses por datas, ou pela exactidão em minúcias (1), resultaram as numerosas incertezas em que estamos com relação aos verdadeiros autores de joias líricas como: *Horas breves do meu contentamento* e *Fermoso Tejo meu, quam diferente* (2).

De aí também nasceu em espíritos scépticos ou pessimistas a idea que cada poeta, em cujas *Rimas* se encontram versos, *provadamente, ou provàvelmente alheios*, metera de propósito a sua foice na seara de outros! E infelizmente podia-se alegar a favor dessa idea o roubo «*notório*» do *Parnaso*, que Luís de Camões tirara a limpo, limando-o, nos ócios forçados de Moçambique, conforme conta Diogo do Couto na *Década VIII* (3).

O laborioso empreendimento de juntar os casos e de os esclarecer obrigou-me a leituras reflectidas, das obras impressas dos principais poetas quinhentistas e seiscentistas, e ao estudo dos Cancioneiros manuscritos, conservados em bibliotecas públicas e particulares do Pôrto, de Lisboa, Évora (4) e Coimbra. Cedo (1880)

(1) Aludo aos Motes *Senhora pois minha vida*, e *Pois é mais vosso que meu*, *Esperei já não espero*, os três de Garcia de Resende (*Cancioneiro de Resende*, f. 218 *d* e 220 *a*).

(2) Ora falta o nome do autor, ora é indicado apenas por iniciais como *B. R.*; *F. C.* — ou por abreviaturas como *Cam.*

(3) Cap. XXVIII (p. 233 da ed. de 1786. — *P. S.* De outra redacção dessa Década (provàvelmente a primitiva), descoberta no Pôrto, e anunciada no Vol. XI do *Boletim da Segunda Classe* da Academia das Sciências de Lisboa, falo num estudo a que aludo mais abaixo.

(4) *Cancioneiro Juromenha; Cancioneiro Luís Franco: Cancioneiro de Évora; Miscelânea do Pôrto*, etc.

principiei a dar conta das pequenas descobertas que ia fazendo; claro, sem logo ter atingido o ponto de vista, a que pouco a pouco subi. Nem sempre cheguei naturalmente a resultados decisivos. Onde faltam argumentos *extrínsecos* de pêso, é impossível apurar a autoria *por indícios intrínsecos*. Os assuntos (1), os conceitos, o estilo (especialmente dos Sonetos de amor, petrarquesco na essência) tanto de Luís de Camões e Diogo Bernardes como de imitadores distintos (v. g. Martim de Castro, o Conde de Vimioso, o Duque de Aveiro, o Infante D. Luís, Francisco de Andrade, e mesmo o Soropita — joco-sério nas prosas) é tão parecido que seria árdua tarefa para o crítico mais bem preparado destrinçar poesias de cada um, se os baralhassemos primeiro, sem lhes apôr o nome do autor.

Exactamente por ser assim, é que o mais erudito e aplicado, mas também o mais fanático dos editores de Camões, o já mencionado Faria e Sousa, iludido, e iludindo, tirou sem escrúpulo de impressos e de manuscritos raros, quantas poesias lhe pareciam dignas do Mestre, embora estivessem atribuídas nas colecções exploradas a outros vates, ou fôssem anónimas (2).

E depois de Faria e Sousa haver explorado os prin-

(1) É sabido que os nossos clássicos (e os de Espanha) escolheram para assunto de Sonetos e Oitavas frequentemente assuntos já tratados por outros Renascentes, atraídos pela sua beleza primorosa; p. ex., as fábulas antigas de Amor e Psique, Hero e Leandro, Aquiles e Policena, Ecosa e Narciso, Piramo e Tisbe, Raquel e Lia. E também que os Sonetos à morte de uma donzela cortada em flor, ou de moço de *bel moris* etc. são numerosos. Imitando, traduzindo, parafraseando produziram obras às vezes tão parecidas que parece haver plágio.

(2) Entre elas, claro haveria algumas sobscritadas: De Camões.

cipais impressos e manuscritos anteriores a 1645, ainda ficou campo por respigar aos editores da segunda metade do século passado (1).

*

Para completar o meu inquérito, A. Fernandes Tomás ofereceu-me o seu *Cancioneiro*. Aceitei gratíssima. Submeti-o a um exame tão minucioso, trasladando todos os textos não-impressos (quási o volume inteiro), elaborando catálogos de autores e poesias, colecionando as já publicadas, que fiquei capacitada a escrever hoje êste estudo, ao cabo de quási dois decénios, sem ter tido a felicidade de o rever, porque do espólio do falecido o volume passou, ignoro para as mãos de quem.

Não publiquei todavia nem os Inéditos em globo, nem os resultados colhidos, por não estar plenamente satisfeita com êsses. Faltavam-me alguns auxílios preciosos, e ainda hoje me faltam. P. ex.: as *Obras poéticas* de Gregório Silvestre (2), as de Paulo Gonçalves de Andrade (3), as de Antonio Lopez de Veiga (4) e as

(1) Entre o procedimento de Faria e Sousa e o dos nossos contemporâneos há a diferença de o primeiro ter retocado libèrrimamente, mas com arte e engenho, os textos alheios, nos passos defeituosos (ou acusadores da proveniência), ao passo que o Visconde de Juromenha e T. Braga os reproduzem *diplomàticamente*, com todos os erros rítmicos, gramaticais e de rima, que os deturpam no manuscrito-fonte, e às vezes mais os deturpam ainda na transcrição descuidada a que os dois procederam.

(2) Granada, 1599.

(3) *Várias Poesias*, Lisboa, 1629 e Coimbra, 1658.

(4) *Lirica Poesia*, Madrid, 1620.

de Duarte Dias (1). Esperei por isso — infelizmente debalde — pelo feliz acaso que, por indicações de *Catálogos de livros raros e curiosos* me proporcionasse o ensejo, quer de as adquirir, quer de pelo menos saber quem as comprou.

Apenas de alguns factos estabelecidos dei conta em diversos opúsculos meus.

Pela primeira vez (2) falei do Cancioneiro num tratado relativo a Pero de Andrade Caminha (3), depois de na edição das *Poesias Ineditas* do mesmo, publicadas por Dr. J. Priebsch, haver publicado um Soneto (4). Nele explico que o único Florilégio manuscrito que contêm versos de Caminha é o Cancioneiro de Fernandes Tomás. Além do *Soneto* que acabo de mencionar *A D. Leonis, Pereira*, apenas as duas Elegias do *Verão e do Inverno*, embora erradamente aí sejam dadas por obras de Diogo Bernardes. A êsse respeito lá comunico que bastantes atribuïções do Cancioneiro são erróneas; e também que entre os versos ditos *De Camões*, talvez alguns sejam de *Caminha*. Resolução errónea da abreviatura *De Cam.*

Lembro que mesmo um Camonista moderno, adestrado como o Visconde de Juromenha, resolveu mal a abreviatura *Cam.*, — lendo uma vez *Caminha* por *Camões* (5). Dou dois exemplos quási certos, onde *Cam.*,

(1) *Varias Obras*, Madrid, 1592.

(2) *P. S.* — É êrro. Ao reler as Provas verifiquei que já falara em 1897 do Cancioneiro numa *Anotação* (p. 688) da minha tradução do Camões de Wilhelm Storck.

(3) *Revue Hispanique*, VIII (1901), p. 16 e 47 da *Separata*.

(4) Halle, 1898, N.º 545 : *As maritimas ninfas*.

(5) Vid. *Poesias de Sá de Miranda*, p. LVII — *Zeitschrift*, V, 127 e VIII, 431.

interpretado *Camões*, deve ser a meu ver, *Caminha:* um Epigrama relativo ao *Senhor D. Duarte,* e outro de factura igual, a *D. Sebastião.* Hesito quanto a dois Sonetos: o peditório *Descalço*... (1) e o lamento sôbre a morte de D. Joana, Princesa de Portugal, que principia *Que gritos ouço?* (2). E pregunto se não seriam também do camareiro do Senhor D. Duarte, antes do que do autor dos *Lusiadas*, os mediocres Sonetos a D. Teodósio de Bragança *Os reinos e os imperios poderosos* e *Levantai minhas Tagides a frente* (3).

Dos textos agora citados publiquei então os que eram inéditos do Cancioneiro F. Tomás.

Posteriormente referi-me em diversas ocasiões a Sonetos que, contidos no Cancioneiro, mas com atribuïção a outros quinhentistas, tinham sido publicados como obras de Luís de Camões por qualquer dos editores a que mais acima aludi.

Em *Notas aos Sonetos Anónimos* (4) falei de três espécies: *Com o tempo o prado sêco reverdesce*, de Baltasar d'Estaço (p. 16); *Como poderá dar do tempo conta* (p. 20), anónimo de Camões; e *Já tempo foi que meus olhos folgavam* (p. 22). Em *Sonetos e Sonetistas* (5) ocupei-me do Cancioneiro, com relação a uns catorze exemplos que estão nas condições indicadas (6).

(1) Veja-se a Anotação relativa ao N.º 184

(2) N.º 106.

(3) Os Sonetos *Descalço* e *Que gritos ouço?*, e os Epigramas *Não voa* (N.º 89) e *Não corre* (N.º 105).

(4) Paris, 1909.

(5) New-York, Paris, 1910.

(6) *Amor que em sombras vem*, 113; *Claros olhos*, 111; *Claros olhos azues*, 112; *Contentamentos meus*, 114; *Fermoso Tejo*, 115; *Hambrenk*, 89; *Horas breves*, 48; *La peregrinacion*, 46; *Lembranças*, 103; *Posto que sofro*, 108; *Quando me quis salvar*, 105; *Que debo al prado*, 96; *Que lugar*, 107.

*

A uma das festas, anualmente celebradas no Pôrto a 10 de Junho, em homenagem a Luís de Camões, contribuí com diversas *Notas Camonianas*. A quarta e última é dedicada à Elegia, então inédita, que constitue o N.º 302 do Cancioneiro

*Correntes aguas frias do Mondego.*

Editando-a, classifiquei-a como provàvelmente uma das primeiras do Poeta, dos saüdosos tempos de Coimbra, cheia ainda de versos frouxos, mas apresentando já evidentemente um cunho muito individual. Chamei a atenção sobretudo para os que dizem

*que por força de estrela, ou de costume,*
*fujo do melhor sempre e o peor sigo.*

pois lembram a terceira estrofe da incomparável Canção autobiográfica que diz

Quando vim da materna sepultura
de novo ao mundo, logo me fizeram
estrellas infelizes obrigado
Com ter livre alvedrio não mo deram,
qu'eu conheci mil vezes na ventura
*o melhor, e o peor segui forçado.*

Reminiscências de Ovídio — *video meliora proboque; deteriora sequor*, ou de Petrarca *e veggio'l meglio ed al peggio mappiglio* — bem o sei. Mas o modo de dizer é tão especìficamente o do cantor dos *Lusíadas* que,

se não fôr sua essa *Elegia ao Mondego*, deve ser obra de um dos imitadores mais felizes (1).

*

Delfim Guimarães teve de tratar, nas suas investigações sôbre Cristóvam Falcão e Bernardim Ribeiro (2), da mesma questão que já ocupara T. Braga: do problema, se o autor da *Menina e Moça* escreveu à maneira italiana, isto é se cultivou a medida nova, o hendecassílabo que a caracteriza. Êle responde negativamente e trata as ideas e afirmações, em que T. Braga se apoia, de miragens que não resistem ao mais leve embate.

A Canção problemática *Esconde, Diana bela, os raios belos*, sobrescritada *De Bernardim Ribeiro*, coloca-a no século XVIII. Entendo que é lapso por XVII, visto que a adjudica a outro poeta, e êsse de 1600 e tantos, por causa do monograma *B. R.: Bernardo Rombo* [*de Carvalho*] do qual há composições insignificantes no manuscrito.

Segundo êle, o último *escrevente* do Cancioneiro, ao trasladar uma poesia assinada apenas *D. B. R.*, interpretou, e assentou afoitamente *De Bernardim Ribeiro* — ¡como se não houvesse outros indivíduos com as mesmas iniciais!

(1) Vid. *Homenagem a Luiz de Camões no primeiro anno do seculo* XX. — Porto, 1902. — Tiragem de 56 exemplares, igual ao número de anos que Camões viveu!

(2) Bernardim Ribeiro (O Poeta Crisfal), (1908); Capitulo X, Bernardim Ribeiro e a Escola Italiana.

*

Deixando a controvérsia para a Anotação respectiva (1), acrescentarei que o último letrado, e êsse de tino crítico finíssimo, que chegou a manusear o Cancioneiro em vida de Fernandes Tomás, foi o Dr. Ricardo Jorge. No seu excelente estudo sôbre Francisco Rodrigues Lobo, infelizmente ainda não impresso integralmente (2), teve de ocupar-se de vários autores representados no Florilégio, além do próprio *Lobo*, p. ex. de *Eloio de Sá*, *Antonio Lopes de* (ou *da*) *Veiga*, *Soropita*, *D. Tomás de Noronha* e o Anónimo que redigiu a carta salpimentada à actriz castelhana Josefa Vaca. E assim fez, em Notas suculentas (3).

*

À descrição, dada pelo próprio A. Fernandes Tomás, que acima transcrevi, vou acrescentar agora alguns pormenores.

O Cancioneiro encerra 329 composições, segundo a minha maneira de contar, em 174 fôlhas, ou 318 páginas (*in-folio* pequeno).

(1) N.º 317.

(2) *P. S.* — Já saiu. E todos quantos o lerem, hão de bemdizer seguramente a sorte do excelente bucolista que tal biógrafo teve!

(3) *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol. II, p. 571, 576, 578, 588 Conf. *Contra um plágio do Prof. Theophilo Braga* (1918), p. 34 e 48.

Se contasse como composições independentes as poesias que estão intercaladas em prosas (algumas de vulto) — o que não seria injusto — teriamos 334.

E haveria mais seis (340) (1) se separassemos as *Respostas* das *Propostas* (ou seja as *Respostas* das *Preguntas*), o que todavia me parece pouco acertado, visto que a *Pregunta* consta em geral de um só verso, sendo mero tema ou *Mote* para *Voltas* e *Glosas* (2).

As trezentas e vinte e nove composições são obra de quarenta e cinco Portugueses (3) de nome, e em grande parte de renome, e de alguns Anónimos. Êles floresceram parte no século XVI, parte no XVII, entre 1550 e 1650, quando muito. Vários nasceram no último quartel de quinhentos, e poetaram no primeiro de seiscentos. Quero dizer: durante os reinados dos Filipes. De *Luís de Camões* até *D. Tomás de Noronha*, e os extravagantes da *Fenix Renascida* (4). Se portanto o *B(ernardim) R(ibeiro)* da *Diana bela*, que aparece nas últimas páginas do volume, fôsse realmente o iniciador do estilo pastoral entre Portugueses — aquele que contribuiu com *Cantigas*, *Vilancetes* e *Esparsas* ao *Cancioneiro Geral* — (1450-1516) —, êle estaria absolutamente isolado entre os Camonistas!

Notável é que, embora coleccionado provàvelmente durante o período da dominação castelhana, predominem quási com exclusivismo textos em português (5).

(1) Rubriquei-as como 200ª, 201ª, 202ª, 230ª, 236ª.

(2) Vid. N.os 158, 175-178 e 274ª.

(3) Juan de Bobadilla talvez fôsse espanhol.

(4) Não faltam no Cancioneiro versos *retrógrados*, *Labirintos*, e outras brincadeiras, dignas de *Singulares* e *Ocultos*.

(5) Mesmo de *Antonio Lopez de Vega* que viveu e poetou no reino vizinho, não há textos castelhanos.

Entre os *Inéditos* que copiei, não há excepção alguma (1).

Na ordem das poesias e prosas não há intuito cronológico, nem estético. Foi ao acaso, conforme vinham às mãos do coleccionador, que êle as trasladou. Impossível dizer, se para deleite meramente espiritual seu, ou com fins comerciais.

Pela igualdade da caligrafia e tinta, parece cópia de uma colecção já feita. Pelo conteúdo, não se parece com nenhum dos manuscritos que examinei, conquanto tenha de comum com todos os que conheço, uma ou outra poesia.

Em parte, essas são belas, em parte fúteis e jocosas; raras vezes indecorosas, excepção feita da *Carta* vil, a que já aludi, a uma das melhores, talvez a melhor actriz da idade áurea do drama castelhano — para a qual Lope de Vega e Velez de Guevara escreveram comédias (2).

Começando com Sonetos de dois dos melhores imitadores do grande lírico, Fernão Correa de Lacerda e Martim de Crasto, o Cancioneiro termina com versos do Doutor António Ferreira, falecido em 1569, e um Soneto do próprio Luís de Camões.

Êste maior dos Líricos peninsulares está representado, parcamente, com o pecúlio que a minha lista geral inclue, e em seguida destaquei para outra lista especial: vinte e sete peças, entre as quais algumas não me parecem dêle, conforme explico nas Anota-

(1) Apenas intercalados numa das Prosas há alguns versos em castelhano.

(2) Comédias em que Josefa Vaca havia de vestir — com garbo inexcedível — trajes varonis (a Sára Bernhardt de então).

ções. Há entre elas todavia inéditas: lindíssimos *Sonetos* petrarquescos (1) e a *Ode* horaciana.

*

A parte mais volumosa pertence a Fernão Rodrigues Lobo Soropita, a cuja admiração pelo autor dos *Lusíadas* devemos a primeira edição das *Rimas*, como de propósito repito. As prosas satíricas e os versos dêle, tão esmerados que vários entraram nas edições posteriores das *Rimas*, hão de constituir um grosso volume, se eu chegar a publicar o meu traslado. Mesmo os já publicados por Camilo Castelo Branco tem, na redacção do Cancioneiro, variantes importantíssimas. Conto 70 *Inéditos* que talvez encham duzentas páginas (2).

(1) Há verdade e justeza no que Fidelino de Figueiredo afirma sôbre a transformação do *Soneto petraquesco* em *Soneto camoniano*. Acho todavia que a *unidade* de inspiração de Petrarca e a admirável bipartição do seu *Canzoniere* em *Vida e Morte de Madona Laura* não pôde ser superada. Nem tem igual a arguta intuspecção dêsse primeiro homem moderno. O Livro dos Sonetos de Camões, tal como o possuímos, é *bigarré*. E muito! E depois... Petrarca fôra o primeiro configurador, ao passo que Luís de Camões imita! Mesmo os exemplos alegados na *Historia da Litteratura Classica*, o atestam. Vid. p. 297-302.

*Tanto de meu estado me acho incerto* e *Que douto pensamento é o que sigo* e *Amor é um fogo que arde sem se ver* (que pela sua impetuosidade eu coloco acima dos outros), que são senão transposições, belíssimas isso sim, do *Soneto* dos contrastes: *Pace non trovo e non ha da far guerra!* E o retrato tão fino *Um mover de olhos*, lembra ou não lembra o Soneto de Dante *Tanto gentile e tanto honesta pare?*

(2) Dos vinte números publicados por Camilo, só as mais insignificantes faltam no *Cancioneiro F. Th.*: 3 sátiras, escritas na medida velha, e 3 Sonetos; entre êles um castelhano, que talvez seja de outro autor.

Em volta de Camões agrupam-se *Bernardes, D. Manuel de Portugal*, o *Infante D. Luís*, o *Duque de Aveiro*, o *Conde de Vimioso*, *Francisco d'Andrade*, *Frei Paulo da Cruz*, *Jorge Fernandes* (o chamado *Fradinho da Rainha D. Catarina*), o *Dr. António Ferreira*, e *Andrade Caminha:* cada um com poucas amostras do seu génio.

O já mencionado *Martim de Crasto*, *Baltasar Estaço, Vasco Mousinho, Bernardo Rodrigues* e *Paulo Gonçalves* formam a transição para o segundo grupo.

Nele destacam-se *Francisco Rodrigues Lobo* (com 18 poesias), *Fernão Álvares do Oriente* (com 26), *Elojo de Sá, Sotomaior,* (só com 5): os três bucolistas maiores de 1600.

Distanciados dêles, não pelo tempo, mas pelo espaço, e pela inspiração, distinguem-se *Estevam Rodrigues de Castro* (na Itália, 1623), *Fernam Correa de Lacerda* (1631), e *António Lopes da Veiga* (em Espanha), cada um com vinte e tantas contribuïções.

Vários entre êles receberam elogios de Jacinto Cordeiro (em 1631), por não os haverem grangeado de Lope, o *Fenix dos Ingénios* no *Laurel de Apolo* (1).

Dos autores da *Fenix Renascida* entraram *Diogo de Sousa* e *D. Tomás de Noronha*.

Além dêsses vinte e oito poetas de nomeada, há ainda no Cancioneiro uns dezassete de terceira e quarta ordem, com duas, três ou quatro composições, e alguns com uma só (2).

(1) Vid. Garcia Peres, *Catálogo*, p. 124.

(2) Quem olhar de perto para os meus *Índices* verá que são dezassete os autores que contribuíram com uma única poesia para o Cancioneiro. Com duas figuram nele uns oito; com três aparecem Baltasar Estaço, o Conde de Vimioso, o Duque de Aveiro. Quatro há de Francisco de Andrade, Paulo Gonçalves, D. Manuel

*

Para facilitar ao estudioso as verificações e a aferição dos factos registados, ofereço-lhe três listas:

1.º O catálogo alfabético dos poetas, com indicação das obras de cada, contidas no Cancioneiro, e a data quer do seu nascimento quer da sua morte, ou ambas, sendo elas conhecidas, ou então a da publicação de obras dêle (1).

2.º A lista das poesias atribuídas a Luís de Camões, e a de versos publicados como obra dêle, mas que aparecem no Cancioneiro em nome de outros poetas.

3.º O índice geral completo.

A êsse índice farei em seguida Anotações explicativas.

O género que predomina é o das Prosas picarescas que anunciam o advento da *Fenix Renascida*. Depois, vem o Soneto. Há no Cancioneiro perto de duzentos (2), e, posto que nenhum seja diamantino, alguns formam o tema de parafrases: glosas em catorze oitavas (19).

de Portugal. Cinco são ministradas por João Pinheiro e Eloy de Sá. Sequeira deu seis; Martim de Crasto, António Soares e João Ribeiro apresentaram sete. Os verdadeiros contribuintes são portanto depois de Soropita: Luís de Camões (27), Fernando Alvares (26), Estevam Rodrigues de Castro (24), António Lopes (23), Fernam Correa de Lacerda (22), Francisco Rodrigues Lobo (18).

(1) Recorri, como é dever de todos os investigadores, aos monumentais trabalhos de Barbosa Machado e Inocêncio da Silva. Mas também a Garcia Peres, Sousa Viterbo e T. Braga.

(2) Soropita assina 35 Sonetos; Estevam Rodrigues 21; Fernão Alvares 18; António Lopes 27; Lacerda 16.

Agrupando com os Sonetos as 26 *Elegias* da colecção, 4 *Églogas*, 18 *Canções*, 10 *Oitavas*, 1 *Ode*, 3 *Liras*, 1 *Hino* e 1 *Madrigal*, e juntando em outro ramilhete 1 *Sextina*. 9 *Décimas*, e algumas *Quintilhas*, *Voltas*, *Glosas*, *Endechas*, *Esparsas*, *Labirintos* e os 5 *Romances* de Rodrigues Lobo, veremos que a par de 283 composições em estilo italiano, há apenas 52 de medida velha.

## A

### LISTA ALFABÉTICA DE AUTORES COM INDICAÇÃO DAS OBRAS ATRIBUÍDAS A CADA UM

Anónimos:
Sonetos 220, 225, 324.
Elegias 323, 327.
Oitavas 322.
Canção 326.
Quintilhas 325.
Voltas 316.
Glosa 315.
Entremês em prosa 238.
Cartas em prosa 233, 235, 236, 237, 238.
Proposta em verso com Reposta em prosa 274 e 274ª . . . . . 17

António Álvares Soares (1628): Sonetos 256, 257, 258; Redondilhas 227, 228, 262, 263, 269, 256 9

António Ferreira Dr. († 1569): Elegia 88, Égloga 328 . . . . . 2

António Lopes de Ulhoa: Sonetos 221, 222 . . . 2

António Lopes da Veiga († 1669): Sonetos 67, 94, 95, 125, 126, 173, 174, 179, 180, 249, 250, 267, 270, 271, 273; Canção 171; Sextina 172; Egloga 247; Madrigal 60; Decimas 248, 272; Glosas 251, 268. . . . . 23

António Siqueira: Sonetos 102, 154, 244; Canção 188; Redondilhas 77, 145 . . . . . 6

Baltasar Estaço (1604): Sonetos 70, 93, 246 . . 3

Bento Rombo [de Carvalho]: Redondilhas 204, 243 2

Bernardim Ribeiro: Canção 317 . . . . . 1

Conde de Vimioso († 1632): Sonetos 277, 288; Oitavas 281 . . . . . 3

Diogo Bernardes († 1605): Sonetos, 47, 63, 68, 92, 123, 124, 299; Elegia 291, 295; Égloga 199 10

Diogo Duarte: Soneto 242 . . . . . 1

Diogo Lopes de Ulhoa: Soneto 223 . . . . . 1

Diogo de Sousa (1623): Canção 41; Prosa 205, 206. . . . . 3

Duque de Aveiro (1571): Sonetos 292, 293. . . . 2

Duarte Diaz (1590): Soneto 54 . . . . . 1

Eloyo de Sá [Sotomaior] (1623): Sonetos 15, 30, 111, 118; Canção 84 . . . . . 5

Estevam Ribeiro (1630): Redondilha 209. . . . . 1

Estevam Roiz [de Castro] (1623, 1637): Sonetos 12, 17, 39, 57, 75, 302-314, 318-321; Canção 37; Oitava 182 . . . . . 24

Fernam Correia de Lacerda (1631): Sonetos 1, 3, 5, 13, 16, 20, 21-24, 26, 28, 44, 80, 86; Liras 104; Elegia 59, 69; Canções 71, 72, 82, 156 . . . . 22

Fernão Lopes (1639): Redondilhas 208 . . . . . 1

Fernam Rodrigues Lobo Soropita (1605): Sonetos 9, 10, 19, 25, 27, 31, 33, 35, 38, 43, 48, 76, 79, 91, 112, 116, 119, 130, 131, 135, 136, 137, 138, 139, 150, 151, 155, 157, 190-194, [202ª], 217, 241, 247; Redondilhas 62, 78, 140, 146, 196, 197, 198; Labirinto 134; Oitavas 64, 117; Elegia 127, 129, 159, 187, [200ª], 203; Capítulos 128, 132, 133 [201ª]; Sátira 211; Canção 195; Hino 161; Ode 162; Prosas 200, 201, 202, 210, 212, 213, 214, 215, 216, 229, 230-232. . . . . 70

Fernando Álvares [do Oriente] († 1595): Sonetos 45, 46, 55, 65, 66, 96, 97, 108, 109, 120, 166, 169, 252, 253, 254, 255; Canção 81; Égloga 110; Redondilhas 121, 141, 163-165; Capítulo 269. . 26

Fradinho da Rainha (O): Vid. (Frei Paulo da Cruz).

Francisco de Andrada (1614): Sonetos 11, 18, 34, 52 . . . . . 4

Francisco Mendes: Soneto 51. . . . . 1

Francisco Rodrigues Lobo († 1622): Sonetos 103, 245; Romances 83, 98, 142; Endechas 143; Voltas e Glosas 114, 115, 122, 141, 149; Capítulo 269; Propostas e Repostas 158, 175-178. . 18

Frei Agostinho da Cruz († 1619): Elegia 181. . 1

Frei Paulo da Cruz († 1631): Soneto 186. . . . 1

Infante D. Luís († 1555): Soneto 294. . . . . 1

Jerónimo da Silva (1618): Carta em prosa 234. .

João Pinheiro: Redondilhas 99, 100, 147, 160; Liras 189 . . . . . 5

João Ribeiro: Sonetos 7, 29, 32, 36, 42, 87; Elegia 40 . . . . . 7

Juan de Bobadilla: Canção 207. . . . . 1

Jorge Mendes d'Andrade: Soneto 90; Liras 101 2

Luís de Camões († 1580): Sonetos 49, 50, 53, 73, 74, 166, 183, 184, 239, 275, 278-280, 282, 283, 289, 290, 296-298, 302, 329; Elegia 61; Capítulo 276; Canção 85; Epigramas 89, 105 . . . 27

Luís da Costa Serrão: Redondilhas 148; Liras 152. . . . . 2

Luís de Melo (1631): Canção 153; Liras 170 . . 2

Manuel de Portugal D. (1606): Sonetos 284-287 4

Manuel Soares de Albergaria (1631): Sonetos 185, 210 . . . . . 2

Martim Afonso Coelho: Soneto 224. . . . . 1

Martim de Crasto (Castro do Rio) (1631): Sonetos 2, 4, 6, 8, 14, 219, 240 . . . . . 7

Paulo Gonçalves de Andrada (1629): Sonetos 259, 260, 261; Canção 266. . . . . 4

[Pedro de Andrade] Caminha (1589): Soneto 58; Elegia 300 e 301 . . . . . 3

Pero Gomez Roiz: Soneto 56 . . . . . 1

Tomás de Noronha D. (c. de 1651): Décimas 226 1

Vasco Mousinho [de Quevedo] (1611): Soneto 107 (1) . . . . . 1

Summa Summarum . . . . . 329

## B

### POESIAS ATRIBUÍDAS A LUÍS DE CAMÕES

I. Sonetos (21)

* Amor mil vezes já me tem mostrado, 73
* Apartamentos tristes sem ventura, 282

(1) O nome João Pereira, registado por T. Braga, *Camões, Poesia lyrica e epica*, p. 197 é êrro por Pinheiro ou Ribeiro.

* Claros olhos azuis, olhos fermosos, 53
* Com que voz chorarei meu triste fado, 296
* Com voz desordenada, sem sentido, 183
* Contentamentos meus que já passastes, 49
Contente vivi já, vendo-me isento, 280
De amor escrevo, de amor trato e vivo, 239
* Descalço e sem chapeu, Apolo louro, 187
* Dias há já, que eu soube da ventura, 289
* Eu não canto mas choro, e vai chorando, 275
* Fermoso moço que no Ceo descanças, 74
* Já tempo foi que meus olhos folgavam, 297
Memória de meu bem, cortado em flores, 50
O dia em que nasci moura e pereça, 329
* Oh quem dizer pudesse quanto sente, 298
* Olhos de cristal puro que vertendo, 279
* Prometi já mil vezes de emendar-me, 290
* Que gritos são os que ouço? De tristeza, 106
* Se cuidasse que nesse peito isento, 283
* Vai-me gastando Amor e um pensamento, 278.

Elegias (2)

Belisa, uma só alma desta vida, 61
Correntes águas frias do Mondego, 302.

Canção (1)

* Não de cores fingidas, 85.

Capítulo (1)

Não pode quem quer muito ser culpado, 276.

Epigramas (2)

* Não corre o ceo o astro tão fermoso, 105
* Não voa pelo ceo com tanta graça, 89.

Os textos que estavam inéditos em 1889 marquei-os de asterisco. Nas Anotações trato da exactidão ou inexactidão da atribuïção.

II. Em nome de outros quinhentistas figuram no Cancioneiro F. Tomás as seguintes poesias que antes de 1889, tinham entrado nas *Rimas* de Camões:

A perfeição, a graça o doce geito, 306
Amor que em sonhos vãos do pensamento, 19 (Soropita)
Brandas águas do Tejo que passando, 92
Co tempo o prado seco reverdece, 70
Contentamentos meus que já passastes, 18
Conversação doméstica afeiçoa, 76
De cá donde no mais que imaginais, 9
Doce despojo do meu bem passado, 97 (Estevam Rodriguez de Castro)
Fermoso Tejo meu, quam diferente, 51 (Francisco Mendes)
Foi-se gastando a esperança, 160
Horas breves do meu contentamento, 63
Já do Mondego as águas aparecem, 124
Já tempo foi que meus olhos faziam, 286
Lembranças de meu bem, doces lembranças, 12
Mal que de tempo em tempo vais crescendo, 294
O que te fiz amor? que mal me tratas, 293
Os olhos onde o casto amor ardia, 305
Queimado sejas tu e teus enganos, 284
Sem ventura é por demais, 147
Um brando mover de olhos e piedoso, 319.

Quanto aos supostos autores, vejam-se as minhas Anotações.

# C

## INDICE DO CANCIONEIRO FERNANDES TOMÁS

1 * *Parto amoroso, versos concebidos*, fl. 1
Soneto — De Fernão Correa de Lacerda.

2 * *Entre flamas de amor fostes criados*, fl. 1
Soneto — De Martim de Crasto.

3 *Está tudo sujeito à gentileza*, fl. 1 v.
Soneto — De Fernão Correa de Lacerda.

4 * *A peregrinação de um pensamento*, fl. 1 v.
Soneto — De Martim de Crasto.

5 * *Perdi-me dentro em mi como em deserto*, fl. 2.
Soneto — De Fernão Correa de Lacerda.

6 *Perdidos tantos anos na esperança*, fl. 2.
Soneto — De Martim de Crasto.

7 *Em vãos discursos vou passando a vida*, fl. 2 v.
Soneto — De João Ribeiro.

8 *Quando me quis salvar de um perigo*, fl. 2 v.
Soneto — De Martim de Crasto.

9 * *De ca donde no-mais que imaginarvos*, fl. 3.
Soneto — De [Fernão Rodrigues Lobo] Soropita.

10 *Nesta alma vossa de cuidado rica*, fl. 3.
Soneto — De Soropita.

11 *Lembranças que quereis a um desterrado*, fl. 3 v.
Soneto — De Francisco d'Andrade.

12 * *Lembranças de meu bem, doces lembranças*, fl. 3 v.
Soneto — De Estevam Roiz [de Castro].

13 *Fermosa Lises, se eu cuidei algum dia*, fl, 4.
Soneto — De Fernão Correa de Lacerda.

14 * *Que lugar, tempo, estado, ou esperança*, fl. 4.
Soneto — De Martim de Crasto.

15 *Rio tu que me deste estas montanhas*, fl. 4 v.
Soneto — De Loyo de Sá.

16 *Entre estes montes e áspero deserto*, fl. 4 v.
Soneto — De F. C. de Lacerda.

17 *Doce despojo de meu bem passado*, fl. 5.
Soneto — De Estevam Roiz.

18 * *Contentamentos meus que já passastes*, fl. 5.
Soneto — De Francisco d'Andrade.

19 * *Amor que em sombras vans do pensamento*, fl. 5 v.
Soneto — De Soropita.

20 * *Que devo ao campo e ao monte que florece*, fl. 5 v.
Soneto — De Lacerda.

21 *Sou um vivo sepulcro de esperanças*, fl. 6.
Soneto — De Lacerda.

22 *Divina Lises, nessa fermosura*, fl. 6.
Soneto — De Lacerda.

23 *Foi, Lises, minha ausência em ti mudança*, fl. 6 v.
Soneto — De Lacerda.

24 *Vi na fama de vós, senhora, tanto*, fl. 6 v.
Soneto — De Lacerda.

25 *Doces cuidados meus, que já algum dia*, fl. 7.
Soneto — De Soropita.

26 *Aqui onde o que foi já doce, amarga*, fl. 7.
Soneto — De Lacerda.

27 *Fermosos olhos, onde amor descansa*, fl. 7 v.
Soneto — De Soropita.

28 *Quanto tempo há que choro só comigo*, fl. 7 v.
Soneto — De Lacerda.

29 *Se Demócrito ria, então chorava*, fl. 8.
Soneto — De João Rireiro.

30 *Amado rio que a pedaços quebras*, fl. 8.
Soneto — De Loyo de Sá.

31 *Quando o sol torna donde nos deixou*, fl. 8 v.
Soneto — De Soropita.

32 *Segue o meu sol da lua a natureza*, fl. 8 v.
Soneto — De João Ribeiro.

33 *De amor, d'enveja, de ira sai armado*, fl. 9.
Soneto — De Soropita.

34 *Um bem me deu amor com tanto mal,* fl. 9.
Soneto — De Francisco de Andrade.

35 *Do grande mar do meu tormento antigo,* fl. 9 v.
Soneto — De Soropita.

36 *Pare já hoje tudo quanto quero,* fl. 9 v.
Soneto — De João Ribeiro.

37 *Já de uma fé mais alta,* fl. 10.
Canção — De Estevam Roiz.

38 * *Posto que sofre amor apartamento,* fl. 11 v.
Soneto — De Soropita.

39 *Pus em tamanha altura o pensamento,* fl. 11 v.
Soneto — De Estevam Roiz.

40 *Ao som que na corrente dura e forte,* fl. 12.
Elegia — De João Rireiro.

41 *Quem com subido intento,* fl. 13.
Canção — De Diogo de Sousa.

42 *Lembranças que minha alma atormentais,* fl. 14.
Soneto — De João Ribeiro.

43 *Há no parque de amor uma fonte estranha,* fl. 14 v.
Soneto — De Soropita.

44 *É mui digna de um ilustre peito,* fl. 14 v.
Soneto — De F. C. de Lacerda.

45 *Armada de aspereza minha estrela,* fl. 15.
Soneto — De Fernando Alvarez.

46 *No bem dando-me o tempo assalto fero,* fl. 15.
Soneto — De Fernando Alvarez.

47 *Num bosque de loureiros rodeado,* fl. 15 v.
Soneto — De Diogo Bernardez.

48 *Cabelo em ricos laços ordenado,* fl. 15 v.
Soneto — De Soropita.

49 * *Contentamentos meus que já passastes,* fl. 16.
Soneto — De Luís de Camões.

50 * *Memória de meu bem, cortado em flores,* fl. 16.
Soneto — De Luís de Camões.

51 * *Fermoso Tejo meu quam diferente,* fl. 16 v.
Soneto — De Francisco Mendes.

52 *Emquanto aquela glória me faltava,* fl. 16 v.
Soneto — De Francisco d'Andrada.

53 * *Claros olhos azuis, olhos fermosos,* fl. 17.
Soneto — De Luís de Camões.

54 * *Serenos olhos, doce movimento,* fl. 17.
Soneto — De Duarte Dias.

55 *Tam alto me aleranta a fantesia,* fl. 17 v.
Soneto — De Fernando Alvarez.

56 *Caros despojos meus, que me ficastes,* fl. 17 v.
Soneto — De Pero Gomes Roiz.

57 *Em mi me busco a mi, e não me alcanço,* fl. 18.
Soneto — De Estevam Roiz.

58 * *As marítimas ninfas do Oceano*, fl. 18.
Na Morte do Conde da Feira, Visorey da Índia.
Soneto — De [Pero d'Andrade] Caminha.

59 *Lises, amada Lises, a temida*, fl. 18 v.
Elegia — De F. C. de Lacerda.

60 *Fugiram já dos montes*, fl. 18 v.
Madrigal — De António Lopez de Veiga.

61 * *Belisa, uma so alma desta vida*, fl. 19.
Elegia — De Camões.

62 *Lágrimas tristes cansadas*, fl. 22.
Mote com Glosa que principia: *Se pelos olhos brotais* — De Soropita.

63 * *Horas breves de meu contentamento*, fl. 22 v.
Soneto — De Diogo Bernardez.

64 *Esperei e esperança é morte amarga*, fl. 22 v.
Oitavas, que são Glosa do Soneto de arriba — De Soropita.

65 * *A bela mão que em seda de ouro e prata*, fl. 24 v.
Soneto — De Fernando Alvarez.

66 * *Se uma alma noutra por amor liada*, fl. 24 v.
Soneto — De Fernando Alvarez.

67 *Se amor não é o que sinto no meu peito*, fl. 25.
Soneto — De António Lopez da Veiga.

68 * *Eu me parto de vós, campos do Tejo*, fl. 25.
Soneto — De Diogo Bernardez.

69 *Soberbo humilde sou pois que me atrevo*, fl. 25 v.
Elegia — De F. C. de Lacerda.

70 * *Co tempo o prado seco reverdece*, fl. 25 v.
Soneto — De Baltasar Estaço.

71 *Estima esta pobreza*, fl. 26.
Canção — De F. C. Lacerda.

72 *Inda que andais, sentidos, desvelados*, 26 v.
Canção — De F. C. de Lacerda.

73 * *Amor mil vezes já me tem mostrado*, fl. 27.
Soneto — De Camões.

74 * *Fermoso moço que nos ceos descanças*, fl. 27.
Soneto — De Camões.
Á morte do Bisconde de Lima. D. B.

75 *Com perigoso mar e vento imigo*, fl. 27 v.
Soneto — De Estevam Roiz.

76 * *Conversação doméstica afeiçoa*, fl. 27 v.
Soneto — De F. R. Soropita.

77 * *Tenho um bem que mal me trata*, fl. 28.
Mote de uma Glosa que principia: *Pode uma imaginação* — De António de Siqueira.

78 *Só o mais triste me alegra*, fl. 28.
Mote de umas Voltas e duas Décimas que principiam: *O que ontem foi já não é* — De Soropita.

79 *Quanto mais pode amor num peito humano*, fl. 28 v.
Soneto — De Soropita.

80 *Querida Lises, temerária empresa*, 28 v.
Soneto — De F. C. de Lacerda.

81 * *Daquela vista honesta*, fl. 29,
Canção — De Fernando Alvarez.

82 *Agora que anoitece*, fl. 30.
Canção — De F. C. de Lacerda.

83 * *Atrevido pensamento*, fl. 31.
Romance — De Francisco Roiz Lobo.

84 *Querido pensamento*, fl. 31 v.
Canção — De Loyo de Sá.

85 * *Não de côres fingidas*, fl. 32.
Canção — De Camões.

86 *Um mundo e uma coroa é vossa empresa*, fl. 33.
Soneto — De F. C. de Lacerda.

87 * *Como poderá dar do tempo conta*, fl. 33.
Soneto — De João Ribeiro.

88 * *Sôbre o verde esmalte a bela aurora*, fl. 33 v.
Elegia — De António Ferreira.

89 * *Não voa pelo céo com tanta graça*, fl. 35.
Epigrama — De Luis de Camões.
*Ao Senhor D. Duarte, saindo em um jogo de canas.*

90 *Por mais que contra mi se mostre irado*, fl. 35 v.
Soneto — De Jorge Mendes d'Andrade.

91 *Duro mal, dura paga, duro estado*, fl. 35 v.
Soneto — De F. R. Soropita.

92 * *Brandas águas do Tejo qve passando*, fl. 36.
Soneto — De Diogo Bernardez.

93 * *Contam de Policrates venturoso*, fl. 36.
Soneto — De Baltazar d'Estaço.

94 *Onde quereis subir, vão pensamento*, fl. 36 v.
Soneto — De António Lopes da Veiga.

95 *Doce chama de amor que n'alma acesa*, 36 v.
Soneto — De António Lopez da Veiga.

96 * *Ceo inclinado sôbre a terra dura*, fl. 37.
Soneto — De Fernando Alvarez.

97 * *Agua com justa causa derramada*, fl. 37.
Soneto — De Fernando Alvarez.

98 * *De cima déste penedo*, fl. 37 v.
Romance — De Fr. R. Lobo.

99 *Um bem a que só queria*, fl. 38.
Mote com Glosa que principia: *De aquella gloria excessiva.*
De João Pinheiro.

100 *Vivo só de um pensamento*, fl. 38.
Mote com glosa que principia: *Contente do estado meu.*
De João Pinheiro.

101 *Em esta ausencia larga*, fl. 38 v.
Liras — De Jorge Mendes d'Andrade.

102 *Doces, queixosas e suaves aves*, fl. 39.
Soneto — De António de Siqueira.

103 * *Mil anos ha que busco a minha estrela*, fl. 39.
Soneto — De Francisco Rodrigues Lobo.

104 *Lises, em vosso nome*, fl. 39 v.
Liras — De F. C. de Lacerda.

105 * *Não corre ó ceo o astro tão fermoso*, fl. 39 v.
Epigrama — De Luís de Camões.
*A ElRey D. Sebastião sayndo aos touros.*

106 * *Que gritos são os que ouço? De tristeza*, fl. 40.
Soneto — De Luís de Camões.
*Á morte da Princesa de Portugal.*

107 *Dizei os que ganhastes e perdestes*, fl. 40.
Soneto — De Vasco Mousinho.

108 * *Com sua claridade o sol feria*, fl. 40 v.
Soneto — De Fernando Alvarez.

109 * *Vosso valor o coração me acende*, fl. 40 v.
Soneto — De Fernando Alvarez.

110 * *Buscando o largo mar Nabão formoso*, fl. 41.
Égloga Nabância cujos interlocutores se chamam Jasminio, Urbano, Rogeiro.
De Fernando Alvarez.

111 * *Oh ceos de cujo movimento vario*, fl. 47 v.
Soneto — De Eloyo de Saa.

112 *I pensamento(s) meu(s) e se a ventura*, fl. 47 v.
Soneto — De Soropita.

113 * *Tesouro por mãos de amor*, fl. 48.
Romance (?) — De Francisco Roiz Lobo.

114 * *Pois que trazeis pendurado*, fl. 48 v.
Mote, com *Voltas* que principiam: *Deve ser que vos mudastes.*
*A uma dama que trazia pendurados uns Cupidos nas orelhas.*
De Frco. Roiz Lobo.

115 * *Por passos sem esperança*, fl. 48 v.
Mote com *Glosa* que principia: *Levanta o meu pensamento.*
De Frco. Roiz Lobo.

116 *Por onde um manso rio caminhava*, fl. 49.
Soneto — De Soropita.

117 *Ao pé de uma fragosa penedia*, fl. 49.
Glosa do *mesmo*, ao Soneto de arriba — em Oitavas.

118 * *Se lá no reino antarctico subido*, fl. 50.
Soneto — De Loyo de Saa.

119 *Após um não sei que foge e passa*, fl. 50.
Soneto — De Soropita.

120 * *A mais pesada e grave dor que sente*, fl. 51.
Soneto — De Fernando Alvarez.

121 * *Por ti sem ti comigo estou passando*, fl. 51 v.
Glosa aos dois versos de arriba que principia: *A pena mais cruel que por ti sento.*
De Fernando Alvarez.

122 * *Vivas memorias, mortas esperanças*, fl. 51 v.
Glosa que principia: *O tempo que já tive de alegria.*
De Frco. Roiz Lobo.

123 * *Desaparecem já, por mais que estendo*, fl. 52.
Soneto — De Diogo Bernardez.

124 * *Já do Mondego as aguas aparecem*, fl. 52.
Soneto — De Diogo Bernardez.

125 *Soberbo se levanta o pensamento*, fl. 52 v.
Soneto — De António Lopez da Veiga.

126 *Sol que dentro em minha alma tens a esfera*, fl. 52 v.
Soneto — De António Lopez da Veiga.

127 *Ay amador coitado, ay sin ventura*, fl. 53.
Elegia — De Soropita.

128 * *Despojos tristes de um contentamento*, fl. 53 v.
Capítulo — De Soropita.

129 *Cansado já de longas esperanças*, fl. 54 v.
Elegia — De Soropita.

130 *A redea solta corre o pensamento*, fl. 56.
Soneto — De Soropita.

131 *Que leite foi cruel o que mamaste*, fl. 56.
Soneto — De Soropita.

132 *Ao pé deste pinheiro aspero e duro*, fl. 56.
Capítulo — De Soropita.

133 *Fermosos olhos que na côr formosa*, fl. 57.
Capítulo — De Soropita.

134 *No cego labarinto de hum cuidado*, fl. 58.
Labarinto — De Soropita.

135 *Dizei, olhos crueis, olhos fermosos*, fl. 58 v.
Soneto — De Soropita.

136 * *Esses cabelos louros escolhidos*, fl. 58 v.
Soneto — De Soropita.

137 *Pouco do seu poder o tempo fia*, fl. 59.
Soneto — De Soropita.

138 *Tanta força, senhora, me fazia*, fl. 59.
Soneto — De Soropita.

139 *Por mais belas boninas que buscastes*, fl. 59 v.
Soneto — De Soropita.
Mandado a uma dama com a glosa de abaixo.

140 *Uns dizem que sois bonina*, fl. 59 v.
Do *mesmo* à mesma dama.
A glosa (ou antes a *Volta*) principia: *Ha mui grande diferença.*

141 * *Pastora só no vestido*, fl. 60 v.
Décimas — De Frco. Roiz Lobo.
A uma dama enferma que saiu ao campo.

142 * *Ferindo o sol sobre as ondas*, fl. 60 v.
Romance — De Frco. Roiz Lobo.

143 * *Noites liberaes*, fl. 61.
Endechas — De Frco. Roiz Lobo.

144 * *Quanto mais, menos ventura*, fl. 61 v.
[Mote, com] Glosa que principia: *Sempre amor mais livre peito.*
De Fernando Alvarez.

145 *Se meu mal sentistes*, fl. 61 v.
Cantiga com *Voltas* que principiam: *Tudo ja atentei.*
De António de Siqueira.

146 *É meu mal tão duro e forte*, fl. 62.
Mote com Voltas que principiam: *Empregou-se o pensamento.*
De Fernão Roiz Soropita.

147 * *Sem ventura é por demais*, fl. 62.
Mote com Glosa que principia: *Quem duvida da esperança.*
De João Pinheiro.

148 * *Vejo que tudo tem fim*, fl. 62 v.
Mote com Glosa que principia: *Todo o bem que hũa alma presa.*
De Luís da Costa Serrão.

149 * *Tristezas, pois me buscais*, fl. 62 v.
Cantiga com Voltas que pricipiam: *Se em meu livre sentimento.*
De Frco. Roiz Lobo.

150 *Por variar até nas cousas belas*, fl. 63.
Soneto — *A uma freira.*
De Fernão Roiz Soropita.

151 *No mar em que de novo Amor me guia*, fl. 63.
Soneto — A uma dama chamada da Costa.
De Fernão Roiz Soropita.

152 *Em um monte deserto*, fl. 63 v.
Liras — De Luís Costa Serrão.

153 *Divina fermosura*, fl. 64.
Canção — De Luís de Melo.

154 *Qual diamante em ouro se veria*, fl. 64 v.
Soneto — De António de Siqueira.

155 *Importunos amantes de convento*, fl. 64 v.
Soneto — De Soropita.

156 *Amor, porque em ti tudo renoves*, fl. 65.
*Aos amantes de freiras.*
Canção — De F. C. de Lacerda.

157 *Oh cegos que mostrais na morte vida*, fl. 65 v.
Soneto — De Soropita.

158 * *Quem ama sem esperança, Se ama mais perfeitamente*, fl. 66
Proposta [a]; com a Reposta [b]: *Ninguem ama sem querer* e Outra Preposta [c] sôbre o mesmo sujeito: *Amor que a proprio respeito.*
De Francisco Rodriguez Lobo.

159 * *Aqui neste deserto, seco e pobre*, fl. 66 v.
Elegia Penitencial — De Soropita.

160 * *Foi-se gastando a esperança*, fl. 67 v.
Mote com Voltas: *Esta me fica da vida.*
De João Pinheiro.

161 *Misericordia imensa*, fl. 68.
Hymno, o fundamento do qual é aquele verso do cantico: *et misericordia ejus*, etc.
De Soropita.

162 * *Ainda que do ceo vos seja dada*, fl. 69.
Ode traduzida do livro terceiro de Horácio.
De Fernão Roiz Soropita.

163 * *Mais obriga a razão do que o costume*, fl. 70 v.
Glosa (numa Oitava) que principia: *Faz no tempo o costume fundamento.*
De Fernando Alvarez.

164 * *Uso no mal ou bem continuado*, fl. 71.
Glosa (em Soneto do mesmo verso).
Do Mesmo.

165 * *O tempo tudo faz, tudo consume*, fl. 71.
Glosa (em forma de estrofe de Canção) do mesmo verso.
Do Mesmo.

166 * *Aquele humano esfinge que tormento*, fl. 71 v.
Soneto — Do Mesmo.

167 * *Na Ilha Cypro, a Venus dedicada*, fl. 71 v.
Soneto — Do Mesmo.

168 * *Um monstro horrendo foi na Caledonia*, fl. 72.
Soneto — Do Mesmo.

169 * *O brando amor, mas em meu dano forte*, fl. 72.
Soneto — De Fernando Alvarez.

170 *Aqui entre estes montes*, fl. 72 v.
Liras — De Luís de Melo.

171 *Esperei e no esforço da esperança*, fl. 73.
Canção — De António Lopez da Veiga.

172 *Entre os enganos com que traço a vida*, fl. 74.
Sextina — De António Lopez da Veiga.

173 *Crespo cabelo de ouro que a aura leva*, fl. 75.
Soneto — De António Lopez da Veiga.

174 *Ter nos olhos o sol, no gesto as flores*, fl. 75.
Soneto — De António Lopez da Veiga.

175 * *Se pode aver puro amor Aonde falta a razão,* fl. 75.

Proposta [a] com a Reposta [b] *Porque Cupido é senhor* e outra Reposta [c] sôbre o mesmo sujeito *Afrontese o pensamento.*

De Frco. Roiz Lobo.

176 * *Que parentesco chegado Tem o amor co ciume?* fl. 75 v.

Proposta [a] com a Reposta [b] *Amor como se presume* e Outra Reposta [c] sôbre o mesmo sujeito: fl. 76.

*Estes irmãos desiguaes;* e mais outra Reposta: *Nestes dous não ha aliança*

De Frco. Roiz Lobo.

177 * *Se dará perfeita gloria Bem gozado com receo?* fl. 76.

Proposta [a] com a Reposta [b] *Em descanço alcançado* e Outra Reposta [c] sôbre o mesmo sujeito: *Não podem chamar ventura.*

De Frco. Roiz Lobo.

178 * *Se se pode achar beleza — Aonde falta entendimento,* fl. 76 v.

Proposta [a] com a Reposta [b] *O que á vista se presenta* e Outra Reposta [c] sôbre o mesmo sujeito: *Não é muda a Natureza.*

De Frco. Roiz Lobo.

179 *Por trasladar na terra a fermosura,* fl. 77.

Soneto — De António Lopez da Veiga.

180 *Olhos, honra de amor, do sol inveja,* fl. 77.
Soneto — De António Lopez da Veiga.

181 * *Alta serra deserta, donde vejo,* fl. 77 v.
Elegia — Á Serra da Arrábida.
De Frei T...

182 * *Segura fé com esperança incerta,* fl. 78 v.
Outavas — De Estevam Roiz.

183 * *Com voz desordenada, sem sentido,* fl. 79.
Soneto — De Luís de Camões.

184 * *Descalço e sem chapeo Apolo louro,* fl. 80.
Soneto — De Luís de Camões.
Acaba de pedir hum vestido ao Senhor D. Duarte.

185 *Abre os olhos do pranto antes que ao dia,* fl. 80.
Soneto — Á mizeria do homem desde nace.
De Manuel Soares da Albergaria.

186 * *Pois nesse paraiso terreal,* fl. 80 v.
Soneto Ao Cáno dos Amores.
Do Fradinho da Rainha.

187 *D'entre estes montes, d'entre esta aspereza,* fl. 80 v.
Elegia — De Soropita.

188 *Que pena tão ditosa,* fl. 81.
Canção — De António de Siqueira.

189 *Amor, Julia, em que espero,* fl. 82.
Liras — De João Pinheiro.

190 *Esmeraldas de amor cuja luz pura*, fl. 83.
Soneto — De Soropita.

191 * *Fermosos olhos que ao ceo que se mostrou*, fl. 83 v.
Soneto — De Soropita.

192 *Sobre hum e outro sol onde a beleza*, fl. 83 v.
Soneto — De Soropita.

193 * *Quando de ambos os ceos caindo estava*, fl. 84.
Soneto — De Soropita.

194 *Quando do largo esforço que mostravas*, fl. 84.
Soneto — De Soropita.

195 *A desigual balança*, fl. 84 v.
Canção — De Soropita.

196 *Acho por conta melhor*, fl. 85.
Mote — Cantiga, com Glosa que principia: *Fiz conta coas esperanças.*
De Soropita.

197 * *Pois tudo tão pouco dura*, fl. 85 v.
Mote com Voltas que principiam: *Acabasse com a vida.*
Do Mesmo.

198 *Dizei, Silvana, a que monta*, fl. 85.
Mote — Cantiga com Voltas que principiam: *Se fizereis mais estreita.*
De Soropita.

199 * *Num solitario vale fresco e verde*, fl. 86.
Égloga — De Diogo Bernardez.

200 * *Depois que o mundo começou*, fl. 89.
Prosa — Descobrimento das ilhas da poesia — Primeira Parte.
De Soropita.

200 *a* * *Quando o passado bem me representa*, fl. 90.
Elegia intercalada na Prosa.
Do Mesmo.

201 * *Tanto andaram os bons dos picadeiros*, fl. 91 v.
Prosa — Descobrimento das ilhas da poesia. — Segunda Parte.
Do Mesmo.

201 *a* * *Naquela parte da alma onde se encerra*, fl. 94.
*Capítulo* intercalado na Prosa.

202 * *Des que jaço nesta terra*, fl. 95 v.
Carta que [o Soropita] escreveo a instância do negro do abadinho Manuel Soares à filha do Marquês de Vilareal, de quem o negro se namorou e estava ausente.

202 *a* *Amor por vosso amor me açouta e pinga.*
Soneto intercalado nessa Prosa.
Do Mesmo.

203 * *Ao som de um berimbao Luís cantava*, fl. 96.
*Elegia* de hum negro namorado para sua negra dama.
De Soropita.

204 *Ei de morrer, Isabel*, fl. 96 v.
Décima — De Bento Rombo de Carvalho.

205 * *Apolo, Deus da rabeca, amigo Lereno*, fl. 97.
Cortes de Apolo.— De Diogo de Sousa.
A Lereno: Pastor Peregrino, Dedicatoria *(Prosa satírica)*.

206 *Depois de aquele caso desestrado*, fl. 103.
Segunda Parte das Cortes de Apolo.
Do Mesmo.

207 *Poeta hermano, pues subiste tanto*, fl. 108 v.
Al autor (i. é a Diogo de Sousa).
De Juan de Bobadilha, Poeta laureado.

208 *Quando este grande poeta,* fl. 109.
Coplas ao Autor (Diogo de Sousa).
De Fernão Lopes, Poeta laureado.

209 *Poeta bravo e barbado*, fl. 109.
Coplas Ao Autor.
De Estevam Ribeiro, Poeta laureado.

210 * *Nunca desegei cousa como ter...*, fl. 109.
Parrafo notável sôbre as barbas dêste mundo.
De Soropita.

211 * *Afuera! afuera! pensamientos mios,* fl. 111 v.
Sátira contra o Amor.
De Soropita.

212 * *Primeiramente todos os primogenitos*, fl. 113.
Regimento escolástico para os Estudantes.
De Soropita.

213 * *Refere-se na vida do Cid Rui Dias*, fl. 114.
Comentários saragoçanos sôbre os desposorios da saudade com o descontentamento.
De Soropita.

214 *Por não ouvir tantas vezes*, fl. 115.
*Pronostico* do ano de 1595, ho qual se achou no bucho de hũ elefante.
De Soropita.

215 *Quando eu ouvia falar na Arruda*, fl. 116 v.
Carta (em *prosa*) — De Soropita.

216 *Já sei que sou devedor das novas*, fl. 117 v.
Carta (em *prosa*) — Do Soropita.

217 *Partistes-vos e a alma juntamente*, fl. 118.
Soneto A huma partida. — Do Soropita.

218 *Crescei, meu doce amor, minha pereira*, fl. 118 v.
Soneto A huma freira chamada D. Beatriz Pereira.
De Manuel Soares da Albergaria.

219 *Que enemigo lhe falta a meu cuidado*, fl. 119.
Soneto — De Martim de Crasto.

220 *Claras e frescas aguas saudosas*, fl. 119.
Soneto — De ...?

221 *Nem com triste queixume amor consente*, fl. 119 v.
Soneto — De António Lopez de Ulhoa.

222 *Travessos olhos cuja travessia*, fl. 119. v.
Soneto A huma mulher vesga.
Do Mesmo.

223 *Natural penhor meu, que em tenra idade*, fl. 120.
Soneto Á morte de huma sua filha, estando êle ausente no Brazil.
De Diogo Lopez de Ulhoa.

224 *Quando dos breves annos que contavas*, fl. 120.
Soneto Ao mesmo sugeito.
De Martim Afonso Coelho.

225 *Da mão amada para a mão amante*, fl. 120 v.
Soneto A huma dama dando uma espada de vidro a um amante à vista de outro que lh'a avia dado.
De ...?

226 * *Se acaso o que tenho ouvido*, fl. 120 v.
Décimas A um Fernando do Poo, moleiro de Alenquer, que andando de amores com a filha de um barqueiro-pescador, o achou uma noite em sua casa e lhe deu muita pancada com um remo.
De Tomás de Noronha.

227 *Meu pai por mais que me pesa*, fl. 121.
Rol da roupa de uma dama.
De António Alvarez Soares.

228 *Já que o rol da vossa roupa*, fl. 121 v.
Romance. Em reposta do rol da dama.
Do Mesmo.

229 * *La mar en medio y tierras he dexado*, fl. 122 v.
Carta (em *prosa* portuguesa). — De Soropita.

229 *a* Intercalada a Octavilha *Nuves aonde o fogo poderoso.*

230 *Para a perda de bens possuidos*, fl. 123 v.
Carta (em *prosa*) — De Soropita.

230 *a* *Ventagem tendes de mi.*
Cantiga com Voltas, que principiam: *Buscais vosso natural.*

231 *É tão natural a morte*, fl. 124 v.
Carta (em *prosa*) A hum amigo a quem fizeram morto, sem o ser. E depois lhe escreveo esta Carta.
De Soropita.

232 *Depois que soube de vosso casamento*, fl. 125 v.
Carta (em *prosa*) A hum amigo avendosse casado.
De Soropita.

233 * *Mais afeiçoado às boas partes de V. M.*, fl. 127.
Carta (em *prosa*). Escrita a huma Comedianta chamada Josefa Vaca.
De ...?

234 *No correo passado mandei a V. M.*, fl. 127 v.
Carta (em *prosa*) — De Jerónimo da Silva.

235 *Este oficio de escrever a V. M.*, fl. 130.
Carta (em *prosa*) — De ...?

236 *Não creio que por estardes*, fl. 130 v.
Carta (em *prosa*) em que se dá conta de huns amores aldeãos, gabando a graça deles.
De ...?

237 *Para vos dar os parabens*, fl. 131.
Carta (em *prosa*) — A um amigo a quem deixou uma dama a que queria muito.
De ...?

238 *Galante termo é o destes vossos amores*, fl. 132.
Entremês (em *prosa*) dos Galantes de Freiras sobre seus amores. — Interlocutores: Abreu, Cunha, Cardoso, Machado.
De ...?

239 * *De amor escrevo, de amor trato e vivo*, fl. 133.
Soneto — De Luís de Camões.

240 * *Entre as nuves se esconde o pensamento,* fl. 133.
Soneto — De Martim de Crasto.

241 *Vender qualquer favor a peso de ouro,* fl. 133 v.
Soneto — Ás Freiras.
De Soropita.

242 *Qual soe o pescador que tem por cargo*, fl. 133 v.
Soneto — De Diogo Duarte.

243 *Entregou-me Amor, senhora*, fl. 134.
Décimas — De Bento Rombo de Carvalho.

244 *Dos mais fermosos olhos mais fermoso*, fl. 134.
Soneto — De António de Siqueira.

245 * *Quam caro custa um mal dissimulado*, fl. 134 v.
Soneto — De Francisco Roiz Lobo.

246 * *Dividiu o amor e a sorte esquiva*, fl. 135.
Soneto — De Baltazar Estaço.

247 *Aqui Salicio ao pé destes outeiros*, fl. 135.
Egloga: Do Amor desprezado.
De António Lopez da Vega.
Interlocutores: Melibeu, Salicio, Dameto.

248 *Nos teus olhos, bela Alcina*, fl. 137 v.
Décimas: A certa dama que, dando favor a muitos, fingia dá-lo a cada um.
De António Lopez da Vega.

249. *Fermosos olhos que de luz vestidos*, fl. 137 v.
Soneto: Em louvor de olhos verdes, e em desprezo dos negros e azues.
De António Lopez da Vega.

250 *Qual do oceano abrindo passo ao dia*, fl. 137 v.
Soneto: Vista amorosa ao amanhecer.
De António Lopez da Vega.

251 *Vivas cristalinas aguas*, fl. 137 v.
Mote com Glosa que principia: *Un dia amor, liberal.*
De António Lopez da Vega.

252 * *À pena o medo Amor tira, não mata*, fl. 138 v.
Soneto: Em louvor do Amor. Estes versos são retrógrados, os quais, lidos ao contrário são em vitupério do Amor.
De Fernando Alvarez.

253 * *Mata, não tira o medo a pena*, fl. 138 v.
Soneto: Em vitupério do Amor. E estes versos são retrógrados, os quais lidos ao contrário, são em louvor de Amor. E se assim se lerem os de arriba, fazem êste Soneto.
Do Mesmo.

254 * *A vida ao tempo rende o fraco e o forte*, fl. 139.
Soneto em versos retrógrados.
Do Mesmo.

255 * *O forte e o fraco rende ao tempo a vida*, fl. 139.
Soneto em versos retrogrados, e os de arriba, lidos ao contrário, fazem êste Soneto.
Do Mesmo.

256 *Amor alma é do mundo, Amor é mente*, fl. 139 v.
Soneto—De António Alvarez Soares.

257 *Nesses suspiros tristes, nessas puras*, fl. 139 v.
Soneto: A uma dama chorosa por seu amante que se embarcava.
Do Mesmo.

258 *Se de meus males, se de teus rigores*, fl. 140.
Soneto: A uma dama que desejava extinguir em seu amante a fama que tinha nos versos.
Do Mesmo.

259 *Ditosas flores que na altiva esfera*, fl. 140.
Soneto: A flores amarelas em cabelos negros.
De Paulo Gonçalves de Andrada.

260 *Por ter a monarquia mais segura*, fl. 140 v.
Soneto: A uma dama em trajos de homem com espada.
Do Mesmo.

261 *Pintada voz, habitador do vento*, fl. 140 v.
Soneto: A um passaro que estava com o bico na boca de uma dama.
De Paulo Gonçalves de Andrada.

262 *Désses olhos ao sol puro*, fl. 141.
Décimas: A uma dama que dilatava deixar-se ver.
De António Alvarez Soares.

263 *Senhora, vossa beleza*, fl. 141.
Décimas: A uma dama fermosa e discreta.
Do Mesmo.

264 *Saiu Clarinda como aurora um dia*, fl. 141 v.
Soneto: Saida de uma dama ao campo.
Do Mesmo.

265 *Sombras da morte que de um vão receio*, fl. 141 v.
Soneto: Fantasmas de amor.
Do Mesmo.

266 * *Louro metal que lá do centro escuro*, fl. 141 v.
Canção — De Paulo Gonçalvez de Andrada.

267 *Morreu logo em nacendo um bem que tinha*, fl. 142 v.
Soneto: Sentimento de um bem perdido ainda em flor.
De António Lopez da Vega.

268 *Vede como amor me trata*, fl. 143.
Mote com Glosa que principia: *Amor que em meu dano ordena.*
Do Mesmo.

269 * *Ilustre dama em cuja fermosura*, fl. 143.
Capítulo — De Fernando Alvarez.

270 *Fermosa fera de piedade isenta*, fl. 145 v.
Soneto: A uma dama que dando crédito a um engano deixou o que quis pelo que aborrecia.
De António Lopez da Vega.

271 *Suspendei, claros olhos, a corrente*, fl. 145 v.
Soneto: Às lágrimas de uma dama em sentimento de um morto.
Do Mesmo.

272 *Em medonha noite escura*, fl. 146.
Décimas: Em sentimento de estado penoso.
Do Mesmo.

273 *Se da tormenta que minha alma sente*, fl. 146.
Soneto: Em desculpa de tristeza exterior.
De António Lopez da Vega.

274 *Arden Tirse igualmente y Galatea*, fl. 147.
*Proposta* em verso com *Reposta* em prosa portuguesa.
De ...?

274 *a* *Siendo la causa unívoca a un efecto.*
Poesia em verso branco com que termina a *Reposta*.

275 * *Eu não canto mas choro, e vai chorando*, fl. 149.
Soneto — De Luís de Camões.

276 * *Não pode quem quer muito, ser culpado*, fl. 149.
Capítulo: As propriedades do amor.
De Luís de Camões.

277 *De um enganoso bem que tam ufano*, fl. 150.
Soneto — Do Conde do Vimioso,

278 * *Vai-me gastando amor e um pensamento*, fl. 150.
Soneto — De Luís de Camões.

279 * *Olhos de cristal puro que vertendo*, fl. 150 v.
Soneto — De Luís de Camões.

280 * *Contente vivi já, vendo-me isento*, fl. 150 v.
Soneto — De Luís de Camões.

281 *Fermosa ninfa minha, mais que as flores*, fl. 150 v.
Outavas — Do Conde do Vimioso.

282 * *Apartamentos tristes sem ventura*, fl. 151.
Soneto — De Luís de Camões.

283 * *Se cuidasse que nesse peito isento*, fl. 151.
Soneto — Do Mesmo.

284 * *Queimado sejas tu, e teus enganos*, fl. 151 v.
Soneto — De D. Manuel de Portugal.

285 *Que desconcerto amor foi ordenar*, fl. 152.
Soneto — Do Mesmo.

286 * *Já tempo foi que meus olhos traziam*, fl. 152.
Soneto — Do Mesmo.

287 *Se os que após amor vão suspirando*, fl. 152.
Soneto — De D. Manuel de Portugal.

288 *Mil dias ha que espero um soo dia*, 152 v.
Soneto — Do Conde do Vimioso.

289 * *Dias ha já que eu soube da ventura*, fl. 152 v.
Soneto — De Camões.

290 * *Prometi já mil vezes de emendar-me,* fl. 153.
Soneto — De Luís de Camões.

291 * *Eu que livre cantei ao som as águas,* fl. 153.
Elegia: Estando cativo em Berberia.
De Diogo Bernardes.

292 *Tenho já tanto uso e exercício,* fl. 154 v.
Soneto — Do Duque d'Aveiro.

293 * *O que te fiz, amor, que mal me tratas,* fl. 154 v.
Soneto — Do Duque d'Aveiro.

294 * *Mal que de tempo em tempo voi crecendo,* fl. 154 v.
Soneto — Do Infante D. Luís.

295 * *Sôbre um alto rochedo em Berberia,* fl. 155.
Elegia: Estando cativo em Berberia.
De Diogo Bernardes.

296 * *Com que voz chorarei meu triste fado,* fl. 156.
Soneto — De Luís de Camões.

297 * *Já tempo foi que meus olhos folgavam,* fl. 156.
Soneto — Do Mesmo.

298 * *Oh quem dizer pudesse quanto sente,* fl. 156.
Soneto — Do Mesmo.

299 * *Claro e fresco ribeiro, doce e brando,* fl. 156 v.
Soneto — De Diogo Bernardes.

300 * *Após o inverno frio e verão brando,* fl. 156 v.
Elegia — De Diogo Bernardes.

301 * *Após o verão brando e inverno duro*, fl. 158.
Elegia — De Diogo Bernardes.

302 * *Correntes águas frias do Mondego*, fl. 159.
Elegia — De Luís de Camões.

303 *Que cousa seja amor não se comprende*, fl. 160.
Soneto — De Estevam Roiz.

304 * *Quam caro vende amor um gosto seu*, fl. 160.
Soneto — Do Mesmo.

305 * *Os olhos onde o mesmo amor ardia*, fl. 160.
Soneto — Do Mesmo.

306 * *A perfeição, a graça, o suave geito*, fl. 160 v.
Soneto — Do Mesmo.

307 *Bem sei que para terem comprimento*, fl. 160 v.
Soneto — De Estevam Roiz.

308 *Real alma gentil, rara beleza*, fl. 160 v.
Soneto — Do Mesmo.

309 *Se sospiros bastassem a mover-vos*, fl. 161.
Soneto — Do Mesmo.

310 *Quem não se estará a vida encendendo*, fl. 161.
Soneto — Do Mesmo.

311 *Não pode por mais alto a ventura*, fl. 161.
Soneto — Do Mesmo.

312 *Estranha perfeição, pura beleza*, fl. 161 v.
Soneto — Do Mesmo.

313 *Já tempo foi algum que descuidado*, fl. 161 v.
Soneto — Do Mesmo.

314 *Se quisesse fortuna que esperasse*, fl. 161 v.
Soneto — Do Mesmo.

315 *Tenho posto o pensamento*, fl. 162.
Mote com Glosa que principia: *É o mal que amor me deu.*
De ...?

316 *Não sei quem goze mor gloria*, fl. 162.
Mote com Voltas que principiam: *Ha uma dura questão.*
De ...?

317 * *Esconde Diana bela, os raios belos*, fl. 162 v.
Canção — De Bernardim Ribeiro.

318 *Aquela rara e nova fermosura.*
Soneto — De Estevam Roiz.

319 * *Um brando mover de olhos e piedoso*, fl. 163 v.
Soneto — De Estevam Roiz.

320 *Amor a quem procuro...*, fl. 163 v.
Soneto — De Estevam Roiz.

321 *Não é caso horrendo e espantoso*, fl. 163 v.
Soneto — Do Mesmo.

322 * *Duro caso de amor, nunca cuidado*, fl. 164.
Outavas: Fábula de Narciso.
De ...?

323 *Quando os humidos olhos feitos fontes*, fl. 171.
Elegia — De ...?

324 * *Quando descansareis, olhos cansados.*
Soneto — De ...?

325 *Venturosa pedra dura*, fl. 172.
Quintilhas: A uma senhora que indo caminhando se apeou sôbre uma pedra.
De ...?

326 *Descontente o prazer se me afigura*, fl. 173.
Canção — De ...?

327 *Qual quem visto o sol tem, em casa escura*, fl. 173.
Elegia — De ...?

328 * *Por Lilia em vivo fogo Aonio ardia*, fl. 173 v.
Égloga — Do Dr. António Ferreira.

329 * *O dia em que nasci, moura e pereça*, fl. 174 v.
Soneto — De Luís de Camões.

## NOTAS RELATIVAS AOS TEXTOS (1)

1 — *Parto amoroso, versos concebidos.* — Este Soneto de *Fernão Correa de Lacerda* (do Tojal, a par de Viseu), afamado como poeta *docto* e *grave*, pai do

(1) Registo sempre o número de ordem do meu *Índice*, assim como o verso inicial da composição.

Bispo D. Fernando (1), parece era destinado a servir de Prelúdio a uma colecção de Sonetos de amor, por êle dedicados a certa Lises (2). Dêsses Sonetos (quinze no *Canc. F. Th.*) creio que um só se imprimiu até agora: o lindíssimo que principia *Que devo ao monte e ao campo que florece?* (N.º 20). Com indicação do nome Lacerda nos meus *Sonetos e Sonetistas* (p. 78 seg.); sem êle, no *Cancioneiro Geral* de Barata (miscelânea de textos, bastante deturpados, e mal explorados, impressa em 1902 em Évora), e em vida do próprio autor por entre as *Rimas* do Dr. Estevam Rodrigues de Castro (Florença, 1632) — outra miscelânea, publicada pelo filho do jurisconsulto, em que, apar de versos dêle, há muitos alheios (de Sá de Miranda, Jorge Fernandes, Rodrigues Lobo, Bernardo Rodrigues, Lacerda, Martim de Castro), coleccionados e copiados por ventura *manu propria*, segundo a praxe enganadora de que falei na Introdução.

Um romance (em castelhano) entrara na *Fenix Renascida* (Vol. V, 261), e de lá passou ao *Catálogo* de Garcia Peres (p. 139). Outros, julgo que subsistem num *Florilegio* recopilado por Faria e Sousa para o Conde de Haro, segundo informação de Gallardo no *Ensayo II*, c. 997 (3). Uns vinte, aparentemente di-

(1) O Bispo figura no *Dicc. Bibl.* de Inocêncio como autor da *Vida de Santa Isabel*. O filho, cujas obras (três volumes na Biblioteca de D. Rodrigo da Cunha, outros na do Cardial de Sousa), ficaram por imprimir, tem biografia na *Bibl. Lus.* — Barbosa Machado especializa, além das obras que conheço, um Poema lírico, intitulado *Pastor de Guadalupe* e doze *Cartas jocosas*. — Cf. Jacinto Cordeiro, e Garcia Peres (p. 131 e 139).

(2) Êsse nome era familiar a Faria e Sousa (*Rimas* de Camões, I, 140). Cf. Cod. Ebur., CXIV-1-39; assim como os Sonetos 13, 22, 23, 80 do Cancioneiro F. Th., uma *Elegia* (59) e *Liras* (104).

(3) N.º 2168. — A data 1666 não pode ser a da coleccionação,

versos, são mencionados por Barbosa Machado. O poema heróico intitulado *Imperio Lusitano*, existe na Biblioteca de Évora. Quem quiser ocupar-se do poeta e da sua obra, deverá procurar as matrículas dêle no Arquivo da Universidade de Coimbra.

2 — *Entre flamas de amor fostes criados.* — De *Martim de Crasto* [Castro do Rio (1)], um dos melhores imitadores do Poeta. — Impresso sem nome de autor na já citada miscelânea de Estevam Rodrigues de Castro(2) (p. 154 da reimpressão de Lourenço Caminha). Há Sonetos dêle em quási todas as *Silvas Poeticas* do século XVII, tão elegantes e expressivos que vários foram metidos por Faria e Sousa entre as *Rimas* de Camões. P. ex. as quatro que principiam

*Acho-me da fortuna salteado —*
*A peregrinação de um pensamento* (N.º 4) —
*Lembranças de meu bem, doces lembranças* (N.º 12) —
*Quando da vossa vista me apartava.*

4 — *A peregrinação de um pensamento.* — De *Martim de Crasto.* — Ocupei-me dêle nas *Obras* de Frei Agostinho da Cruz (3), entre cujos versos anda no Códice Portuense, trasladado provàvelmente de um autógrafo do simpático Frade Capucho. — Encorporado nas *Rimas* de Camões pelo polígrafo, embora no manuscrito, em que êle o colhera, estivesse com autoria de Martim de Crasto, exactamente como no de F. Tomás, foi tradu-

visto que Faria e Sousa faleceu em 1649. — Êsse Cancioneiro merece estudo.

(1) Outrora chamei-o *Fluminense,* por engano!

(2) *Ensayo* IV, N.º 3670.

(3) Vol. XXI dos *Subsidios* de Mendes dos Remédios, p. 437, Nota 42. Cito sempre a edição moderna.

zido para alemão por Storck, e para italiano por Tommaso Cannizzaro. Em redacção castelhana, que me parece ser versão (e não original), figura num Cancioneiro privativo (?) do Conde de Villamediana (*Paris*, N.º 605 do *Fond Espagnol*).

5 — *Perdi-me dentro em mi como em deserto.* — De *Fernão Correia de Lacerda.* — Por ter sido dos Sonetos predilectos de Frei Agostinho da Cruz entrou nas obras dêle (Vid. p. 171 e 437) e também no *Canc. Geral*, publicado por Barata p. 147.

9 — *De cá donde no-mais que imaginar-vos.* — De *Soropita.* — Atribuído a Luís de Camões pelo fabulista-mor que, segundo o seu costume, informa o leitor manhosamente de que «*num Ms.*» está em nome de Soropita, acrescentando mesmo «*e poderá ser, porque foi bom oficial de Sonetos*» (*Rimas* 210). O que subentendo é que êsse manuscrito foi o único em que o viu e colheu.

12 — *Lembranças de meu bem, doces lembranças.* — De *Esteram Roiz* (Rodrigues) *de Crasto.* — Provàvelmente de Martim *de Crasto* (1), mas à cautela digamos *de autor incerto.* Conforme deixei exposto em *Sonetos e Sonetistas* (p. 85), nas *Obras* de Frei Agostinho da Cruz (p. 231 e 440), e na versão italiana dos *Sonetti* de Luís de Camões, que devemos a Tommaso Cannizzaro (Bari, 1913, N.º CCXCI), êsse Soneto também foi atribuído ao poeta dos *Lusíadas* pelo fanático polihistor, com quanto no manuscrito-fonte se leia o nome *Martim de Crasto.* «Y no será impossible, porque el escrebió muchos versos dignos de que los estimasse mi Poeta,

(1) Um mero *Crasto* pode ter duas interpretações da parte dos copistas.

de quien presumo será esse»! — A meu ver, Frei Agostinho não seria senão admirador e trasladador.

14 — *Que lugar, tempo, estado ou esperança.* — De *Martim de Crasto.* — Êsse também figura nas *Obras* de Frei Agostinho, tanto no códice conimbricense como no portuense (p. 138 e 436).

18 — *Contentamentos meus que já passastes.* — De *Francisco de Andrade.* — Repetido mais abaixo (49) como de Luís de Camões. Daquêle poeta, pertencente à família em que o Poeta provàvelmente viveu na sua mocidade, como educador de D. António de Noronha, e da sua paixão por Caterina de Ataíde, conto ocupar-me ao falar da Elegia: *Belisa, unico bem desta alma* ou *Belisa uma só alma desta vida* (N.º 61). O Soneto ainda não entrou nas *Obras* de Luís de Camões. Foi publicado todavia por T. Braga no seu *Camões, Obra epica e lyrica* (*1911* p. 221), e traduzida para italiano por Cannizzaro. É outra joia das que figuram nas *Rimas* de Frei Agostinho da Cruz. Desta vez como «Mote alheio» ou tema, visto que em duas Oitavas êle glosou o verso inicial e final do Soneto (Vid. *Subsidios*, p. 232 e seg. e 440, assim como *Sonetos e Sonetistas*, p. 89).

Revendo agora os materiais, que há muito recolhi e aproveitei, descobri erros, meus e alheios. Em primeiro lugar vi que na impressão de T. Braga falta o terceto final, lacuna que preencho reproduzindo integralmente o Soneto, que de resto me parece um tanto escuro ou complicado:

¡ *Contentamentos meus, que já passastes*
*e só de vós ficou o sentimento,*
não sei em que trazeis o fundamento,
se havieis de tornar quando chegastes!

Se foi comigo só o que usastes
(no-mais que com a vista um cumprimento),
de vós me vingo, que em fim sois vento:
em vento edifiquei, vento ficastes.
Quem se fia em amor, quem tam mal sente
que em êle se confia ou põe firmeza,
desastres da fortuna não vigia.
Em fim, já agora sei que é ser contente:
nunca já mais de si deu mor certeza
que dele se não ter perfeito dia!

Em segundo lugar reconheci que o Soneto, reproduzido nas Obras de Frei Agostinho, tem de comum com o camoniano apenas — o verso inicial e o do fim. Eis o seu teor:

*Contentamentos meus que já passastes*
trocando a vida alegre que vivia
por êste mal que passo, que um só dia
me não deixou (1) depois que me deixastes,
Acabar me convém, pois acabastes
de dar-me o desengano que encobria
uma esperança vã, que me trazia
contente, a qual também me já tirastes.
Os olhos que Amor sempre guiava,
aonde eu tinha firme o pensamento,
quando vossa presença me alegrava,
Agora choram vosso apartamento
que lhe[s] tirou um bẽm que os sustentava!
*e só de vós ficou o sentimento!*

Num, temos as rimas *astes ento ento astes etc. ente eza ia;* no outro *astes ia ia astes etc.* e *ava ento etc.* O tema da Glosa de Frei Agostinho é constituído pelo dístico:

*Contentamentos meus que já passastes...*
*... e só de vós ficou o sentimento.*

(1) No original há a forma verbal *deixam* que não está em concordância com *mal*.

Em terceiro lugar eu deveria ter verificado, se o texto atribuído a *Francisco de Andrade* no *Cancioneiro F. Tomás* (N.º 18) é o *camoniano*, ou o *augustiniano*. Infelizmente, já não posso fazê-lo, porque me não é dado tornar a consultar o manuscrito. Só o actual possuidor dêle pode responder. Entre os *Inéditos* de Andrade que copiei, nenhum dos dois figura, de onde concluo, hesitando todavia, que se tratava realmente de uma *doublette*.

19 — *Amor que em sombras vans do pensamento.* — De *Soropita*. — Com essa mesma alcunha de Fernão Rodrigues Lobo, o Soneto entrou nas *Rimas* do Dr. Estevam (p. 169 da reimpressão de 1792). — Terceira documentação existe no facto de Faria e Sousa, ao metê-lo entre os Sonetos de Camões, ter confessado que «*num*» manuscrito andava como obra do notável jurista. Retocando-o hàbilmente deu-lhe a lição: *Amor que em sonhos vãos...*

20 — *Que devo ao monte e ao campo que florece.* — De *Fernão Correa de Lacerda*. — Já disse na Anotação ao N.º 1 que o lindo Soneto anda desde 1623 nas *Rimas* do Dr. Estevam, sobrescritado com as iniciais *D. F. C.* [= De Fernão Correa] (p. 160 da reimpressão); e que êle se acha igualmente como *De Fernão Correa*, e com o acrescento *A. D. J.* (que não sei explicar) no *Cancioneiro Geral* de Barata, para onde passou do códice Eborense CXIV-2-2. Criticamente depurado, reimprimi-o nos *Sonetos*, acompanhando-o de uma bela redacção castelhana (p. 78-80). São três testemunhos, não contraditados por qualquer outro coleccionador. — Pelo contrário, ainda posso juntar o testemunho do *Cod. Ebor.* CXII-12-2, f. 151. — Todos falam, a meu ver, com bastante clareza, a favor da autoria do poeta por-

tuguês. E a invocação da *Ingrata Lises* (ou *Divina Lises*) no verso 9, indício insuficiente por si só, completa os outros três. A sua substituïção em castelhano pela *Lalage* de Horácio, claro que nada prova.

38 — *Posto que sofra amor apartamento.* — De *Soropita.* — Embora de amor profano, anda nas *Obras* de Frei Agostinho, uma vez no códice conimbricense, e duas vezes no conimbricense (Vid. p. 164 e 437 da edição do Dr. Mendes dos Remédios).

50 — *Memoria de meu bem colhido em flores.* — De *Luís de Camões.* — Colhido no *Cancioneiro de Luís Franco* pelo Visconde de Juromenha (f. 119) e impresso por êle (ed. de 1861, Vol. II, N.º 337) e posteriormente por T. Braga (N.º 319); traduzido por Storck e Cannizzaro, fica agora autenticado pela atribuïção do *Cancioneiro F. Tomás.*

51 — *Fermoso Tejo meu, quam diferente.* — De *Francisco Mendes.* — Uma das melhores joias líricas, atribuída a diversos, conforme expliquei nos *Sonetos*, p. 89 e nas *Notas* à tradução de Cannizzaro (N.º 349, p. 270), e foi posteriormente com amplitude exposto por Ricardo Jorge no seu movimentado estudo sôbre o autor da *Primavera* e *Côrte na Aldeia* (*Revista da Universidade de Coimbra*; e *Separata* p. 361).

53 — *Claros olhos azuis, olhos fermosos.* — De *Luís de Camões.* — Êste Soneto, não admitido por ora no *Parnaso* do Poeta, trasladado apenas por T. Braga (p. 222) (1) e por Antonio Padula no opúsculo *Camoens petrarchista* (p. 71, em tradução italiana de Cannizzaro) fôra metido em 1623 nas *Rimas* do Dr. Estevam (p. 168 da reimpressão). E a êle pertence provàvel-

(1) Além de pontuação irracional há no verso 11 o êrro *juntamente*, por *justamente*.

mente. Que eu saiba, Camões nunca prestou homenagem directamente a olhos *azues*. Apenas diz uma vez que *ouro e azul* é a melhor côr por que a gente se perde. Em regra enaltece olhos verdes, ao passo que Soropita dedicou várias poesias a *Claros olhos azues* e à *cor do ceu* (Vid. N.º 191 e 192).

54 — *Serenos olhos, doce movimento.* — De *Duarte Dias.* — Desconhecendo a edição das *Varias Obras* dêsse autor (1592, Madrid) ignoro se nela se encontra êsse Soneto.

58 — *As maritimas ninfas do Oceano.* — De *Caminha.* — Essa composição foi por mim junta às 544 inéditas que o Dr. J. Priebsch colheu em 1898 nos Códices de Lisboa e Londres (1). Posteriormente encontrei-o no *Codice Eborense* XIV-2-2, f. 216, de onde também o foi tirar A. F. Barata, afim de o incorporar no seu *Cancioneiro Geral* (p. 18). No último verso lê-se aí, e deve ler-se, *séculos* e não *siglos lá*, como no do *Canc. F. Tomás.* No estudo que a edição Priebsch me mereceu, *(Revue Hispanique VIII)*, explico (p. 47 da Separata) que o Soneto não foi feito à morte do Conde da Feira, mas sim à de um filho dêsse Conde, D. Leonis Pereira, o vencedor de Malaca.

61 — *Belisa, uma só alma desta alma triste.* — Esta Elegia sôbre uma formosíssima e amadíssima mas crudelíssima dama, conquanto epigrafada *De Luís de Camões*, tem provàvelmente outro autor: *Francisco de Andrade.* No *Cancioneiro Luís Franco*, que foi coleccionado por um poeta relacionado com os melhores quinhentistas, de 1557 a 1589, em geral correcto nas atribuïções (2) e riquíssimo sobretudo em originais de

(1) *Poesias Ineditas de P. de Andrade Caminha*, N.º 545.

(2) Não é culpa de Luís Franco, se os modernos exploradores

Luís de Camões, muito mais do que qualquer outro Florilégio subsistente, ela figura (af. 221), como obra dêsse poeta, mais conhecido como épico e cronista de D. João III, em redacção algo mais completa e perfeita (1) do que a do *Cancioneiro Fernandes Thomás;* sendo seguida imediatamente dos *Tercetos de Filomena*, que saíram em 1561 anónimos, mas são atribuídos em regra a *Andrade*. P. ex. por Barbosa Machado (2), e pelo Conde de Ericeira (3). O polígrafo Faria e Sousa, que foi o primeiro a imprimir a *Elegia* (4), confessa igualmente que no último dos manuscritos que aproveitara, a obra estava como de Francisco de Andrade, e dizia *Felicia* em vez de *Belisa* (5). O mesmo benemérito mas fanático camonólogo, caluniador e rouba-honras de todos os mais poetas quinhentistas, como não me farto de registar, adjudicou ainda assim a *Elegia* ao seu idolo «porque há nela coisas indubitàvelmente camonianas», como se um coevo, amigo, admirador e sobretudo imitador do Mestre, não pudésse ter

(o Visconde de Juromenha e T. Braga) atribuem, a Camões textos que (imperfeitos) andam no Florilégio sem nome de autor.

(1) Principia p. ex., segundo a minha leitura: *Belisa, um só amor desta alma triste.*

(2) *Biblioteca Lusitana,* II, p. 104

(3) Inocêncio, II, p. 334. — Cf. Mendes dos Remédios: *Philomena de S. Boaventura reimpressa em harmonia com a edição de 1661* (Coimbra, 1907).

(4) *Rimas Varias de Camões,* Vol. IV, p. 59.

(5) *Felicia* é nome que não ocorre nas obras de Camões. — *Belisa* sim, anagrama de *Isabel*, com a variante *Sibela*, p. ex. nas Eglogas III, IV, VII. Por isso temos hoje *Belisa* em todas as três redacções subsistentes da *Elegia*, mesmo na dos Cancioneiros Luís Franco e Fernandes Tomás. Faria e Sousa, sempre inventivo, finge que em um manuscrito havia o nome de *Felicia* e que em outro o de Francisco de Andrade, *entrando também com Felicia.*

tais «coisas camonianas». Quero e posso todavia crer, à vista do *Cancioneiro Fernandes Tomás*, que também procedeu assim porque realmente a encontrara com o nome *De Luís de Camões*, em qualquer dos numerosos manuscritos que explorara. O facto de êle ter alterado o texto *ad libitum*, como era seu costume, êsse é inegável; e também a tendência dos coleccionadores de versos, de atribuírem a Luís de Camões tudo quanto lhes agradasse.

Não me parece inútil acrescentar dois pormenores. 1.º) *Felicio* era criptónimo de Andrade. Barbosa Machado, pelo menos, regista entre os manuscritos dêle, que viu, uma *Historia pastoril* de *Felicio e Delia;* e sobretudo outra *Elegia à morte de Caterina de Ataide, em que são interlocutores Felicio e Silvano* (1). 2.º) O tal último manuscrito a que Faria e Sousa se refere numerosas vezes nos seus Comentários, foi provávelmente uma *Silva poetica*, coleccionada por Francisco de Andrade, cheia, como todas as mais, de composições do próprio autor e de poesias alheias, sobretudo do Príncipe dos poetas do seu tempo (2), com o qual convivera na casa dos condes de Linhares.

Já me ocupei da *Elegia* problemática (3), diversas

(1) E a *Égloga elegíaca* que desde 1779 anda nas obras de Camões, pelo quero-mando-e posso de Faria e Sousa, sendo interlocutores *Soliso e Silvano!* Dela me ocuparei em outra parte.

(2) Nos *Comentarios* ao Soneto *Fermosura do ceo a nós descida*, atribuído a Camões desde 1595, Faria e Sousa informa p. ex. o leitor de que nesse último manuscrito tinha a epígrafe *A Dona Guiomar Enriques quando entrou no paço da Infante D. Maria em 1566* e estava em nome de ...*Francisco de Andrade!*

(3) Francisco de Andrade era um dos distintíssimos e cultíssimos irmãos da Condessa D. Violante, visto que seu pai era o

vezes (1), sobretudo quando ia acompanhando com investigações auxiliares a admirável tradução comentada das Obras completas (*Sämmtliche Werke*), de Luís de Camões, com que Wilhelm Storck enriqueceu as minhas duas pátrias (2); e novamente quando verti para português a biografia com que o ilustre lusófilo coroou a sua magna empresa camoniana (3).

Conservo inédito o ensaio que então dediquei a Francisco de Andrade e Caterina de Ataíde, e em especial à Elegia em questão, assim como à *Egloga elegiaca à morte de D. Caterina de Ataide, Dama da Rainha* (4). Nêle acentuo propositadamente o facto, aliás conhecido, de o título dessa Égloga nos haver revelado o nome *Caterina de Ataide*, desconhecido antes que Faria e Sousa o tornasse notório como uma das figuras femininas cantadas por Luís de Camões, e igualmente por Francisco de Andrade, e Pedro de Andrade Caminha (5).

opulento dono da Casa da Anunciada, o Tesoureiro Fernão Álvares de Andrade, herdada posteriormente pelo Conde de Ericeira.

(1) Concisamente, no 1.º artigo que dediquei aos Apócrifos Camoneanos em 1882, na *Revista da Sociedade de Instrução*, p. 119.

(2) Publiquei-as em alemão na *Zeitschrift, 1883* (Vol. VII, p. 130-157 e 494-503); *ib.*, 1884 (Vol. VIII, p. 1-23).

(3) *Vida e Obras de Luís de Camões* (1897). Veja-se o Capítulo X, *Os amores de Camões*, sobretudo os parágrafos 150 e 156.

(4) As minhas investigações estavam destinadas a formar o Vol. II da edição académica, mas não saíram por motivos económicos.

(5) Claro que uma Égloga quinhentista a uma dama da Rainha, chamada Caterina de Ataíde, estava predestinada a entrar nas *Rimas* do Poeta desde o dia em que Faria e Sousa, guiado por uma observação de J. Pinto Ribeiro, tinha reparado nos Sonetos

Do meu já amarelecido manuscrito vou extrair agora os tópicos principais, relativos à Elegia.

No texto conservado por Luís Franco, a Elegia, em que o próprio Andrade parece ter substituído o nome *Felicia* por *Belisa*, a Elegia consta de 81 Tercetos. Outros tantos tinha ela no original copiado pelo coleccionador do Cancioneiro de que estou a tratar. Nesse traslado falta apenas um terceto (o 83.º) por descuido, conforme se nota na falta de três versos com as rimas *ea* e *ona*.

Faria e Sousa conheceu também a redacção com 81 tercetos (1). Visto que não subsiste a de 40 tercetos, devemos crer, conhecendo os processos do amoral letrado, que êle as reduziu a metade porque a maior parte era medíocre — *de mala desistion* (sic) (2). Deixou subsistir apenas os que tinham sabor camoniano: *feições airosas e um encarecimento afectuoso.* Assim, a redacção abreviada, tocada e retocada pela varinha de condão do hábil Comentador, saíu naturalmente mais apurada do que a primitiva, tão apurada mesmo que a

*Todo animal de calma repousava,* em que figura o pastor *Liso,* e *Na metade do ceo subido ardia,* em que figuram *Liso e Natercia;* forjando depois o banal Acróstico dos dois nomes *(Lume desta vida),* e falsificando outra meia-dúzia de textos em que substituiu nomes como *Delio e Marilia* ou *Damon e Marfisa* por *Liso* e *Natercia* (ou *Soliso* e *Natercia*). — A Égloga significativa é a XV entre as de Camões, e foi impressa pela primeira vez pelo Padre J. Tomás de Aquino, sucessor de Faria e Sousa no pôsto de rouba-honras, sobretudo quanto ao suave *cantor do Lima,* Diogo Bernardes. Os dois pastores Soliso (ou Felício) e Silvano representam provàvelmente Camões e Andrade, ou talvez Andrade e Caminha.

(1) *Rimas Varias,* Vol. IV, p. 59.

(2) Ignoro a significação que F. S. dava a êsse termo. ¿Seria *desinência?* ou *redacção?*

espécie comum do «pio leitor» gostou e não reclamou contra a fraude. Ainda assim é muito pouco perfeita, como deve reconhecer quem ler com critério, autênticas poesias camonianas.

Pronta em 1645 (no refazimento souseano), a *Elegia* não foi impressa senão quarenta anos mais tarde, no último dos cinco tomos das *Rimas Varias comentadas*— dos oito que o filho do autor, o Capitão Pedro de Faria, entregara ao impressor António Craësbeeck de Melo.

Não entrara na edição muito importante de Inéditos camonianos que no meio-tempo com data de 1668 fôra publicada como *Terceira Parte (sc. das Rimas) tiradas de vários manuscritos, muitas da letra do mesmo autor* por um afamado e intelectual patriota, o fundador da *Academia dos Generosos* (1), D. António Alvares da Cunha. Esse sobrinho dilecto do grande Arcebispo-bibliófilo D. Rodrigo da Cunha, comquanto não fôsse tão activo e curioso vasculhador de papéis como Faria e Sousa, tivera ensejo de em casa do tio manusear preciosos manuscritos, e entre êles provàvelmente autógrafos de Camões (2) e também de Francisco de Andrade.

(1) A respeito dessa Academia e dos seus sócios veja-se: Prestage, *D. Francisco Manuel de Mello*, p. 300-327.

(2) D. Rodrigo era aparentemente venerador e conhecedor da obra de Camões. O livreiro Domingos Fernandes ofereceu-lhe em 1609 uma edição dos *Lusiadas*, e em 1616 a *Segunda parte das Rimas de Camões* que contêm valiosos inéditos, agradecendo-lhe a mercê de haver certificado serem do Autor a maior parte dos inéditos (e de ter dado ajuda de custo para a impressão). — Li (infelizmente não apontei onde) que em poder do Arcebispo havia um manuscrito com versos de Camões, datado de 1568. — O *Catálogo* da livraria do Arcebispo, freqüentemente citado por Barbosa Machado, é, também por desgraça, *introuvable*. — Cfr. Inocêncio, II, p. 51.

Creio que viu e consultou também os volumes de Faria e Sousa, porque estiveram depositados, de 1666 em diante, em casa do Craësbeeck (1), o qual ia publicando trabalhos do próprio D. António (2). A não ser assim, utilizou em parte os mesmos originais que o incansável poliglota explorara (3). Quanto a Sonetos, a *Terceira Parte* tem de comum com as *Rimas Varias* uns sessenta; tem de privativo uns trinta e tantos, e não aproveitou setenta, coleccionados por Faria e Sousa. As lições dos sessenta, comuns a ambos, divergem em regra, e às vezes profundìssimamente. Não posso por isso suspeitar, como faz Storck, da lealdade de Álvares da Cunha. Quanto ao seu critério, errou muita vez na escolha dos versos.

Basta dizer que foi êle quem meteu entre as Rimas de Camões a *Carta do Dr. Antonio Ferreira a El-Rei D. Sebastião: Rei bemaventurado em quem parece!* (4)

(1) Temos a prova de que D. António Álvares viu os oito volumes das *Rimas Varias*, na censura que êle fez da *Europa* do polígrafo (1678). Vid. Juromenha, I, p. 336 e Inocêncio, V, p. 415.

(2) P. ex., em 1669 o *Obelisco* e a *Escola de Verdades;* e a *Carta* a João Nunes da Cunha.

(3) Na Dedicatória ao Príncipe Regente, o futuro D. Pedro II, seu protector, D. Antonio diz alguma coisa das suas fontes: mas vagamente e retòricamente, como era uso do tempo e da nação. Conta que a edição se compõe de «Rimas que a Alta Providencia deixou para satisfazer o merecido a êste tão insigne autor, encobrindo-as com as trevas do esquecimento mais de cem anos, para que saíssem à luz, entregues à protecção de S. A.!! etc., etc.... e posteriormente «os trabalhos dos estudos lhe trouxeram à mão em vários dos manuscritos, muitos da letra própria do Autor, versos ainda não vistos do grande Poeta».

(4) *Habent sua fata libelli.* — A *Égloga* ou antes *Carta I a D. Sebastião,* impressa desde 1598 nos *Poemas Lusitanos* (e posteriormente em todas as reedições), foi propagada em vida do Dr. Ferreira em manuscrito, como todos os versos de Clássicos

Entre as Elegias que êle acrescentou às anteriormente publicadas, todas elas colhidas na colecção souseana, falta exactamente e exclusivamente *a de Belisa*. É fácil supôr que a excluïria por ter reconhecido a autoria de Francisco de Andrade.

Fácil, mas muito incerto; e impossível é prová-lo. Só posso constatar o facto.

Dos indícios exteriores que falam a favor de Andrade, passemos às exteriores. Já conhecemos parte da crítica de Faria relativa aos 81 tercetos: *lo más de mala desistion, el resto, indubitavelmente do Poeta*. Continuando assenta que, se Luís de Camões assim a fez, cerceou-a depois com a lima (1). E se foi Andrade, estendeu-a.

Entendo que mais justo seria dizer: se Andrade fez longa a Elegia, foi Camões quem a abreviou. E se o Camões a fez curta, alargou-a Francisco de Andrade. É interessante ouvir agora a opinião de T. Braga.

portugueses. De aí a possibilidade de ter sido intercalada, com atribuïção errónea, em Florilégios e Poéticas Silvas. — Em nome de Camões apareceu em 1668 na *Terceira Parte* das *Rimas*, publicada por Álvares da Cunha. Assim mesmo a imprimiram os editores da *Biblioteca Portuguesa* em 1852; e o próprio Visconde de Juromenha, embora conhecesse o verdadeiro autor, não a excluiu da sua opulenta edição (vol. III, 237; cf. p. 512). Como novidade (!) deu-a o Sr. Barata no seu variegado *Cancioneiro Geral* (de Évora) p. 183. E seu apresentador, Teófilo Braga, fez suposições gratuitas sôbre o autor *desconhecido (!)*, afirmando que aquela linguagem máscula, sentenciosa, e, vibrantemente poética, *só a possuia Camões!* (ib., p. XXIII). Leia-se o que a êste respeito escreveu o General Brito Rebêlo no *Archivo Historico Portuguez*, I, 140. E também o que o próprio T. Braga dissera na *Biblioteca da Actualidade*, Vol. III, p. V-VI.

(1) Os textos camonianos que possuímos apresentam muitas variantes. Não me lembro todavia de nenhum autêntico, que exista, em redacções tão alteradas como as de *Belisa*.

Na sua *Historia de Camões* (1), estão tresladados os primeiros quatro tercetos. Dêles e dos restantes, em que por bons motivos não reconheceu a garra do leão, diz que revelam o carácter mediocre e a incapacidade de um imitador! Acha que são martelados na mesma corda *(sic)*, com um esfôrço mais próximo da negação poética do que as próprias composições de Andrade Caminha. Encontra-lhes uma cansada e consciente monotonia, certo prosaísmo, e mesmo os vícios maus do *humanismo jesuítico!!*

Essa crítica refere-se aos 81 tercetos de Andrade. A mediocricidade dêles, transformou-se imediatamente em *ouro puro* camoniano, quando os viu tocados e abreviados por Faria e Sousa, já o disse, mais acima (2).

O confronto dos textos, que facilito ao leitor, — imprimindo as tais redacções no Capítulo V, e numerando os tercetos — mostra às claras que das duas hipóteses de Faria e Sousa, só a primeira é válida, se a transformarmos um pouco: Andrade escreveu 81 tercetos que Faria e Sousa reduziu a 40, camonizando-os *ad maiorem poetae gloriam*, isto é, introduzindo frases como *formosa fera* (v. 4); *ganhada e perdida* (v. 6); *a nodoa da crueldade* (v. 9); *olimpica beleza* (v. 42), etc., etc.

Os cortes que fez, obrigaram-no naturalmente a redigir um terceto de transição, por causa das rimas, mas também para ligar as ideas. Peço ao leitor que analise os tercetos 12.º, 28.º e 38.º (3), e que depois diga, se tenho razão.

(1) Primeira edição (de 1875), Vol. II, p. 546.

(2) Na edição da *Actualidade* nem mesmo se mencionam as Variantes do Canc. Luís Franco (vol. III, p. 121). — Na do Visconde de Juromenha (vol. III, p. 193 e 485) acontece o mesmo. Confesso não compreender êsse procedimento.

(3) O original remodelado por Faria e Sousa parece ter sido

63 — *Horas breves do meu contentamento.* — De *Diogo Bernardes.*—Êste afamadíssimo e discutidíssimo Soneto serve aqui de tema a uma *Glosa* de Soropita em catorze Oitavas. E êsse primeiro editor das *Rimas* de Camões, atribue-o não ao Poeta, mas sim ao autor das *Flores do Lima*, nas quais anda desde 1596. ¿Quem pode exigir mais do que essas três provas? Quanto aos diversos poetas, em cujo nome aparece, e aos glosadores, já me ocupei dêles no tratado sôbre *Sonetos e Sonetistas*, p. 45-55 e 61, Nota 4.ª — O primeiro que o usurpou para o autor dos *Lusíadas*, fôra, como quási sempre, Faria e Sousa, cujos manuscritos, impressos tarde, em 1685, tinham sido utilizados pelo editor de 1668 — segundo já contei; isto é por António Álvares da Cunha.

65 — *A bela mão que em seda de ouro e prata.* — De *Fernando Alvares.* — Faz parte da *Lusitania Transformada* (Livro III, Prosa XIV). Só compreenderá bem o Soneto quem souber que êle é resposta à pastora Laurélia que começava a favorecer Florimonte; e em sinal de amor lhe mandara uma bolsinha de seda verde, lavrada toda com SS de ouro e prata, que simbolizam grilhões.

66 — *Se uma alma noutra por amor liada.* — De *Fernando Alvares.* — Também faz parte da novela pastoril citada, Prosa XIII. Florimonte, namorado de Sílvia, verte lágrimas, banhando com elas uma trança

nem o que Luís Franco utilizou, nem o que serviu de original ao copista do *Cancioneiro de Fernandes Tomás.* Os dois divergem um do outro bastantes vezes. Mas no fundo são iguais. As variantes são do género das com que cada poeta português sabe alterar os seus modelos, sem escrúpulos, julgando melhorar a obra alheia.

que essa lhe dera, roubando-lhe em troca o seu coração.

68 — *Eu me parto de vós, águas do Tejo.* — De *Diogo Bernardes.* — Impresso desde 1596 nas *Flores do Lima* (Soneto XXVI), onde está no meio de um ciclo relativo a Lisboa, que abrange treze peças (XXII a XXXIV). Êste facto de modo algum tirou, aguçou pelo contrário, a gana de Faria e Sousa de o vindicar para o seu Poeta. Tratando o suave cantor do Lima (*Rimas* 260 *b*) de ladrão daquele *Parnaso*, em que o autor dos *Lusíadas* trabalhara em Moçambique, nega redondamente factos documentados da vida de Bernardes, como a sua estada em Lisboa. Desta vez há todavia para a errónea atribuïção uma sombra de desculpa: o próprio Soropita acolhera a linda composição nas *Rimas* de Camões (LXI). O êrro foi contudo emendado, tàcitamente, por omissão, logo na reimpressão de 1598. Álvares da Cunha e Faria e Sousa tornaram todavia a cometê-lo, propositadamente pelo menos o segundo.

70 — *Co tempo o prado seco reverdece.* — De *Baltasar Estaço.* — A atribuïção confirma o que já se sabia a respeito dêste imitadíssimo Soneto, relativo a um tema universal: a acção do *Tempo.* Impresso em 1604 nas *Rimas* do Padre Baltasar Estaço, irmão do antiquário Gaspar (*Sonetos, Canções, Eglogas e outras Rimas*, Coimbra) claro que é obra dêle. Ainda assim, o Visconde de Juromenha (N.º 316) e T. Braga (N.º 346) o admitiram no *Parnaso* de Camões! Cf. N.º 87.

73 — *Amor mil vezes já me tem mostrado.* — De *Camões.* — Inédito e ainda não metido nas *Rimas* do Poeta. Impresso todavia na obra já tantas vezes citada de T. Braga (p. 222). — Confesso não compreender os

tercetos. O verso 8 deve ser: *pòs, por essa maneira, o tempo e o fado.*

74 — *Fermoso moço que no ceo descanças.* — De *Camões.* — *Á morte do Bizconde de Lima. D. B.* — Exemplo significativo de como poesias do suave cantor do Lima entraram, *per nefas*, nas do Poeta! — Não há indício algum de que Luís de Camões estivesse relacionado com os nobres *Limas*, os quais durante século e meio foram chamados por antonomasia *os Viscondes*, e com razão, visto que não havia outros em Portugal (1). Quanto a Bernardes, já era em teoria provável que o *suave cantor do Lima* conhecesse e festejasse aqueles outros *Limas* que enalteceram o nome do rio. E na realidade há nas *Rimas ao bom Jesus* (p. 164 da edição de 1770) uma *Elegia à morte de D. João, filho de D. Fernando Visconde de Vila Nova de Cerveira*, que principia

*Ah triste rio Lima, ah cruel rio*
*como te não secaste quando viste*
*outro mais claro Lima morto e frio!*

Há mais do que isso, todavia. À tal *Elegia* segue-se um *Soneto ao mesmo* (p. 167), que é *ipsis verbis* o de que estou a tratar. Não há que duvidar portanto. O *Fermoso moço* é D. João, primogénito de D. Fernando (2), que morrera muito prematuramente, creio que com menos de sete anos, visto que o poeta o trata de «anjo novo», isto é, de «*anjinho*». — E a epígrafe do nosso Cancioneiro quer dizer: *Soneto à morte de*

(1) Vid. A. Braamcamp Freire, *Os Brasões de Cintra*, II, p. 280-295.

(2) Braamcamp Freire, p. 290 e 477 dá o nome Francisco ao 5.º Visconde, falecido em 1578.

*D. João, filho de D. Fernando, 5.º Visconde de Vila Nova de Cerveira;* [De] *Diogo Bernardes.*

76 — *Conversação doméstica afeiçoa.* — De *F. R. Soropita.* — Outra atribuïção errónea, a meu ver. — Anda nas *Rimas* de Camões desde 1598 e a êle é atribuído no *Cancioneiro de Luís Franco* (f. 60, com duas variantes). E em nenhum outro manuscrito o encontrei até agora, em nome de Soropita.

77 — *Tenho um bem que mal me trata.* — Êste Mote antigo, em estilo de quadra popular, bastante vulgar, estava em voga em volta de 1600. — Não foi glosado sòmente pelo *António Siqueira* do *Cancioneiro F. Tomás* (1). — Sei de um Anónimo que o parafraseou em Décimas, conservadas no *Cod. Ebor.* XIV-2-2, f. 201, e passadas daí ao *Cancioneiro Geral* de Barata (p. 15) (2). E sei de mais duas. Uma no *Pastor Peregrino*, Jornada X (p. 301), e na *Primavera* (I, 9) de Francisco Rodriguez Lobo; outra do seu rival, Eloio de Sá nas *Ribeiras do Mondego* (V, p. 149). — Glosa em Oitavilhas que principia: *Tanto bem quero a meu mal.*

81 — *Daquela vista honesta.* — *Canção.* — De *Fernando Álvares.* — Encontra-se realmente no Livro II, intercalada na *Prosa* VII da *Lusitania Transformada.*

83 — *Atrevido pensamento.* — *Romance.* — De *Francisco Roiz Lobo.* — Não é inédito, como erradamente eu disse nos *Romances Velhos* (p. 279, Nota 8.ª). Pertence à *Primavera*, onde Lereno o canta *(Livro I, Floresta I, 5)* e onde dá margem a o Bucolista se enfeitar com a glória falsa de ter sido o primeiro romancista português! É acima de tudo, o Romance que levou Camilo

(1) *Pode uma imaginação.*

(2) *Quanto mais morro, mais vivo.* — É inadmissível dividir as Décimas de uma *Glosa em Quintilhas.*

Castelo Branco a acreditar nos amores românticos (atrevidos e perigosos por desproporção) de Lobo pela aia do Duque de Caminha, a que aludiu o Bispo do Grão-Pará. Vid. Ricardo Jorge, *Francisco Rodrigues Lobo.* (*Revista da Universidade*, Vol. III, p. 76).—Cfr. N.º 98 e 102.

85 — *Não de cores fingidas.*—*Canção.*—De *Camões.* — Inédita até 1887, foi, conforme deixei dito na Introdução, apresentada aos leitores do *Circulo Camoniano*, I, 134, pelo próprio Aníbal Fernandes Tomás, como amostra das novidades contidas no seu *Cancioneiro.* — Êsse belo estudo é tradução livre, ou adaptação da Ode de Horácio *Non ebur neque aureum Mea renidet in domo lacunar* (II, 18). ¿Mas será realmente obra de Camões? ¿Ou será de Jorge Fernandes, o Fradinho da Raínha, do qual publiquei outra Ode Horaciana, III, 24, *Intactis opulentior — Ainda que do ceo vos seja dada* — também relativa á *aurea mediocritas* na *Zeitschrift* (VIII, p. 268), colhida no *Cancioneiro de Juromenha?* — Ou talvez do erudito André Falcão de Resende que nos legou um livro inteiro de *Odas de Horacio* (1)? — A forma estrófica escolhida é a das *Liras*, introduzida por Garcilaso de la Vega nas literaturas peninsulares, e que se presta òptimamente para o género (*ababbcc* e *abbacc ababb*).

Por me parecer interessante direi que as duas Odes que citei, são acrescentos ao admirável *Horacio en España* de Menéndez y Pelayo (2); ou antes aos belos Ca-

(1) P. 163-269 da edição incompleta de Coimbra, 1878.

(2) A 1.ª edição é de 1878; a 2.ª de 1885, das *Obras Completas* do autor (2 vols.). — No Vol. I há de p. 239-290 um suculento estudo sôbre *Traductores Portuguezes de Horacio;* no Vol. II, p. 293-354 outro igualmente belo sôbre *La Poesia Horaciana en*

pítulos da obra, em que estudou as imitações e traduções de Portugueses — obra infelizmente tão pouco manuseada entre nós que o mesmo benemérito publicador dos *Subsidios*, não o citou ao tratar da *Castro*, como obra-prima do poeta que merece o título de honra de *Segundo Horacio!*

87 — *Como poderá dar do tempo conta.* — *Soneto.* De *João Ribeiro.* —Trasladei êste Soneto, na ocasião inédito, e a respeito dêle me ocupei de alguns outros, em que, com mais ou menos filosofia, se trata quer sòmente da acção destruïdora do *Tempo*, quer da *conta*, que o homem terá de dar um dia do emprêgo do que lhe fôra concedido, num opúsculo intitulado *Notas a Sonetos Anonimos* (Paris, 1900, p. 20 e seg.).

Eis a minha lista de Sonetos, relativos ao *Tempo*, já larga, mas que seguramente ainda é sensível de outros acrescentos.

GRUPO 1.º

*Com o tempo o prado seco reverdece.*
De Baltasar Estaço. —Vid. N.º 70.

*De tempo em tempo tudo vai andando.*
Do mesmo Baltasar Estaço, segundo o *Códice Conimbricense* N.º 338 (f. 423).

*O tempo está vingado à custa minha.*
Atribuido a Camões pelo Visconde de Juromenha (N.º 312; T. Braga, 344; vid. *Zeitschrift*, VIII) ùnicamente por no *Cancioneiro* dêle preceder Trovas do Poeta. Talvez tradução do castelhano.

*Portugal.* — A importância do trabalho juvenil de Pelayo ressalta bem do *compte-rendu* de Emilio Huebner (em *Nord und Süd*, Vol. 46, fasc. 136).

*Con el tiempo el leon, aunque inhumano.*
Anónimo. — *Rev. Hisp.*, VI, p. 394, N.º 118.

*Con tiempo el año, el dia, el mes, la hora.*
Anónimo. — *Rev. Hisp.*, VI, p. 387, N.º 106.

*Con tiempo passa el año, más la hora.*
Da *Silva Curiosa* de Julio Iñiguez de Medrano (1583).— *Rev. Hisp.*, VI, p. 387, N.º 106ª e Juromenha, II, 493, com variantes.

*El tiempo está vingado a custa mia.*
Redacção castelhana, original de *O tempo está vingado à custa minha* (*Cod. Ebor.*, CXIV-2-2, p. 212 *v.*).

GRUPO 2.º

*Como poderá dar do tempo conta.*
Atribuído a João Ribeiro no *Cancioneiro* de que estou a tratar (a f. 33) e impresso por mim no opúsculo, cujo título indiquei.

*Dos anos mal gastados pede a conta.*
Perestrelo, ed. Caminha, p. 80.

*O tempo já de si me pede conta.*
Da *Miscelanea* de Leitão Andrade, p. XVIII.

*Pede-me de si mesmo o tempo conta.*
Atribuído a Martim de Castro no *Cod. Ebor.*, CXIV-2-2 (f. 234 *v.*); e impresso por Barata no *Cancioneiro Geral*, p. 73; mas numa redacção

que diverge do texto de Leitão em todos os quatorze versos.

*Pide-me de mi mesmo el tiempo cuenta.*
Redacção castelhana, extraída do *Viaje a Argel* de Frei Bartolomé Serrano (ms. de 1671) por Gallardo no *Ensayo* (IV. c. 598). Ignoro se outro Soneto que, segundo Morel-Fatio se encontra no Ms. 630 da Biblioteca Nacional de Paris, começando com o mesmo verso, marcado com o nome *Almazan* (1), é idêntico ou diverso.

*Larga cuenta que dar de tiempo largo.*
É uma Oitava dita *de Montalto* que li no *Ms. Port.* 419 (f. 72).

Podíamos juntar ainda ao Grupo 1.º o Soneto de Jorge da Silva

*Todas as cousas tem seu próprio tempo.*
Barata, p. 27, *Cancioneiro de Évora*, p. 57 e T. Braga, Camões, II, 307;

e ao Grupo 2.º, embora só se fale neles de *Contas* a dar, os três Sonetos seguintes:

*De tudo quanto fiz, quis fazer conta.*
Epigrafado *Contas a Deus* no *Cancioneiro* de Barata (p. 146);

*Vinde cá, pensamento, vinde à conta.*
Ib., p. 137.

(1) Êsse *Almazan* talvez seja *Agustin*, autor de certo *Momo*, do meado do século XVI. Vid. Gallardo, *Ensayo*, N.º 138 e 139.

Assim como

*Contas que traz amor com meus cuidados.*
Tirado por Juromenha (N.º 305) do manuscrito de D. Cecília de Portugal.

88 — *Sobre o verde esmalte a bela aurora.* — *Elegia.* De *António Ferreira.* — Não anda nos *Poemas Lusitanos!* E é até hoje o único inédito do *Segundo Horácio*, que eu conheço! — ¿Mas será realmente dêle? ¿Teremos de reconhecê-lo no *Albano* que se queixa de uma Sílvia? ¿E essa Sílvia será a mesma que Bernardes festejou nas suas *Eglogas XIV e XVIII* e na *Elegia 2.ª* das *Flores do Lima?* O protagonista é lá todavia *Alcido* (e não *Albano*). A XIVª que principia *Cantava Alcido um dia ao som das águas*, seja dito de passagem, é a que mais agradou aos quinhentistas e seiscentistas. — É uma das joias do *Cancioneiro* de Luís Franco (f. 217). Lope cita-a no seu *Láurel de Apolo;* e Eloi alude a ela nas *Ribeiras do Mondego* (p. 36). — Caminha festejara também uma *Silvia* na sua mocidade (D. Margarida da *Silva*). — ¡Infelizmente não posso reproduzir o suposto Inédito do Dr. Ferreira! Desapareceu-me, nem sei explicar como.

89 — *Não voa pelo céo com tanta graça.* — *Epigrama.* De *Luís de Camões. Ao Senhor D. Duarte, saindo em um jogo de canas.* — Nas obras de Camões não há vestígio de relações dêle com o Senhor D. Duarte. Eram íntimas, pelo contrário, as que ligavam êsse príncipe ao seu camareiro, o poeta Pedro de Andrade Caminha, a ponto tal que êsse lhe dedicou todos os seus versos, tanto os publicados em 1791, como os que o Dr. J. Priebsch deu à luz em 1898. Tendo em vista, além

disso, de um lado que a abreviatura *Cam.* pode significar *Camões* ou *Caminha* (1), e do outro lado que temos no *Cancioneiro Fernandes Tomás* pelo menos três textos de Caminha — e Soneto a D. Leonis Pereira (N.º 58), e mais duas Elegias (N.º 300 e 301) com falsas atribuïções embora — é mais racional atribuirmos também êste *Epigrama* e mais outro, de que logo terei de falar (N.º 105), a Caminha, que nos legou 288 e mais 27 brincadeiras do mesmo género, do que a Luís de Camões, que não o cultivou! Publiquei-o, conforme já disse na Introdução, no estudo sôbre *Pedro de Andrade Caminha* (a p. 109; cfr. p. 49).

92 — *Brandas aguas do Tejo que passando.* — *Soneto.* De *Diogo Bernardes.* — Publicado nas *Flores do Lima*, como segunda parcela do ciclo, que Limiano dedicou aos campos e às águas do Tejo, ao qual já me referi (N.º 68). Essa auto-atribuïção é confirmada não só pelo *Cancioneiro Fernandes Tomás*, mas também pela colecção infelizmente perdida do Padre Pedro Ribeiro; se as indicações dadas por T. Braga a p. 143 do seu *Camões, Poesia Lírica e Épica*, fôssem certas. Infelizmente não são. — O Soneto de que estou a tratar, não estava no *Cancioneiro* do Padre Pedro Ribeiro. Nem tão pouco entre os de Bernardes! — Álvares da Cunha e Faria e Sousa incluiram-no todavia nas *Rimas* do Poeta que veneravam sem critério (N.º 195).

93 — *Contam de Policrates venturoso.* — De *Baltasar Estaço.* — Creio que está na edição de 1604.

96 — *Ceo inclinado sôbre a terra dura.* — De *Fernando Alvarez.* — Está na *Lusitania Transformada*,

(1) Numa Anotação remeti já o leitor às notícias que, a êsse respeito, dei no *Sá de Miranda*, na *Zeitschrift*, e no opúsculo relativo a *Pedro de Andrade Caminha* (p. 51).

Livro III, Prosa VI (p. 399) e é cantado ao som do seu rabil pelo pastor Silvio, satisfeito, mas ainda assim pesaroso de lágrimas que viu derramar a Lénia, fermosa mas ingrata pastora.

97 — *Água com justa causa derramada.* — *Soneto.* De *Fernando Alvares.* — Réplica de outro pastor ao antecedente (p. 400).

98 — *De cima dêste penedo.* — *Romance.* — De *Francisco Rodrigues Lobo.* — Vid. *Primavera* III, *Floresta* III, p. 224.

103 — *Mil anos há que busco a minha estrela.* — *Soneto.* — De *Francisco Rodrigues Lobo.* — Creio que é inédito.

105 — *Não corre o ceo o astro tão fermoso.* — *Epigrama.* — De *Luís de Camões A El Rey D. Sebastião sayndo aos touros.* — Verdade é que o Poeta se dirigiu ao reinante no primeiro e no último Canto dos *Lusíadas*, e nas *Oitavas sobre a Setta que o Santo Padre mandou a El Rey Dom Sebastião no ano do Senhor de 1575.* — Contudo, não creio que o *Epigrama* encomiástico seja seu, pelos motivos expostos a respeito do N.º 89. Sendo de Caminha é provável fôsse escrito antes de 1574. — Cfr. C. M. de Vasconcelos, *Pedro de Andrade Caminha*, p. 109.

106 — *Que gritos são os que ouço? De tristeza.* — *Soneto.* — De *Luís de Camões. Á morte da Princesa de Portugal.* — Suponho, hesitando todavia, que seja também de Caminha esta poesia, escrita em 1573, por ocasião do falecimento em Madrid de D. Joana, viúva do Príncipe D. João, e mãe de D. Sebastião. — Cfr. *Pedro de Andrade Caminha*, p. 51 e 110 e *A Infanta D. Maria e as suas Damas,* Nota 240 *b*. A minha hesitação provém da sentida homenagem ao régio par, pres-

tada por Luís de Camões na sua formosa *Égloga I* (de Umbrano e Frondelio). Mas isso fôra em 1554.

108 — *Com sua claridade o sol feria.* — *Soneto.* — De *Fernando Alvarez.* — Vid. *Lusitania Transformada*, Livro III, Prosa X (p. 449).

109 — *Vosso valor o coração me acende.* — *Soneto.* De *Fernando Alvares.* — Ib., Livro III, Prosa VIII (p. 422).

110 — *Buscando o largo mar Nabão formoso.* — De *Fernando Alvares.* — *Egloga Nabancia cujos interlocutores se chamam Jasminio, Urbano, Rogerio.* — Vid. *Lusitania Transformada*, Livro I, Prosa XI (p. 123).

111 — *Oh ceos de cujo movimento vario.* — *Soneto.* De *Eloyo de Saa.* — Não o encontro nas *Ribeiras do Mondego.* — Talvez inédito.

113 — *Tesouro por mãos de amor.* — *Romance.* — De *Francisco Rodrigues Lobo.* — Está no *Pastor Peregrino*, Jornada II, 5 (p. 332).

114 — *Pois que trazeis pendurado.* — Mote com *Voltas.* De *Francisco Rodrigues Lobo.* — Vid. *Pastor Peregrino*, Jornada VII (p. 283).

115 — *Por passos sem esperança.* — Mote com Glosa. De *Francisco Rodrigues Lobo.* — Vid. *Pastor Peregrino*, Jornada V (p. 271).

118 — *Se lá no reino antarctico subido.* — *Soneto.* De *Loyo de Saa.* — Não está nas *Ribeiras do Mondego.* Talvez inédito.

120 — *A mais pesada e grave dor que sente.* — *Soneto.* De *Fernando Alvares.* — *Lusitania Transformada*, Livro III, Prosa VI (p. 396).

122 — *Vivas memorias, mortas esperanças.* — Com *Glosa.* — De *Francisco Rodrigues Lobo.* — Vid. *Primavera, Floresta* II (p. 235). A Glosa da Oitava parece-me inédita.

123 — *Desaparecem já por mais que estendo.* — *Soneto.* — De *Diogo Bernardes.* — Vid. *Flores do Lima*, N.º XXVIII. É o terceiro número do ciclo relativo ao Tejo, que nos mostra o poeta, namorado em Lisboa, na volta à sua pátria, Ponte da Barca. À procura do motivo por que Faria e Sousa o não usurparia para o seu Poeta, reparo em que, com saüdades só da paisagem, êle não se refere às *Tagides.*

124 — *Já do Mondego as águas aparecem.* — *Soneto.* De *Diogo Bernardes.* — Êste sim, quarta parcela do mesmo ciclo, *Flores do Lima*, N.º XXIX, entrou nas edições de Álvares da Cunha e Faria e Sousa, porque Soneto tão mavioso podia ser obra sòmente de Luís de Camões!

128 — *Despojos tristes de um contentamento.* — *Capítulo de Soropita.* — Essa Elegia *À morte de um contentamento*, inspirada talvez por um retrato da amada, é de *Soropita*, não sòmente segundo o *Cancioneiro Fernandes Tomás*, mas também, segundo o códice de Tibaes, explorado por C. C. Branco (*Poesias e Prosas Ineditas de Fernão Rodrigues Lobo Soropita*, 1868, p. 29). Anda entre os versos de Frei Agostinho da Cruz que, segundo conjecturas do ilustre romancista, teria, na aspérrima montanha dos franciscanos reformados, trazido à religião aquele poeta mundano, desfortunado «em seguimento de vícios e prodigalidades» (Cfr. *Subsidios*, p. 316 e 441; e 53). Creio haver dito já que a meu ver, êle se regalava na sua solidão a copiar e reler versos que admiradores e amigos como Soropita, Andrade, Martim de Crasto, Lacerda e Gregório Silvestre, lhe mandavam.

136 — *Esses cabelos louros escolhidos.* — *Soneto.* De *Soropita.* — O mesmo texto, com bastantes variantes embora, entrou nas *Rimas* de Camões por artimanhas

de Álvares da Cunha e Faria e Sousa. As variantes, tenho-as em conta de retoques do polígrafo.

141 — *Pastora só no vestido.* — *Décimas.* — De *Francisco Rodrigues Lobo.* — Veja-se *O Desenganado*, Discurso XIX, p. 447.

142 — *Ferindo o sol sobre as ondas.* — *Romance.* De *Francisco Rodrigues Lobo.* — Vid. *Pastor Peregrino*, Jornada V (p. 268).

143 — *Noites liberais.* — *Endechas.* — De *Francisco Rodrigues Lobo.* — Vid. *O Desenganado*, Discurso XV, p. 429.

144 — *Quanto mais, menos ventura.* — Mote com Glosa. — De *Fernando Alvarez.* — Veja-se *Lusitania Transformada*, III, Prosa VI (p. 402, *Sempre amor mais livre peito*).

147 — *Sem ventura é por demais.* — Mote com Glosa. De *João Pinheiro.* — O mesmo Mote já fôra glosado por Luís de Camões, mas diversamente.

148 — *Vejo que tudo tem fim.* — Mote com Glosa. De *Luís da Costa Serrão.* — Este Mote, pôsto talvez a concurso em qualquer reunião académica, foi glosado por mais dois poetas, anónimos eborenses, cujas obras se conservam no *Códice Eborense*, CXIV-2-2. Entraram no *Canc. Geral* de Barata. A p. 38 há

*Tudo que vejo tem fim,*
*só eu no mal que padeço*
*não acho se não começo!*

com Glosa que principia: *Os Sertorios cannibaes.*

E a p. 68 (f. 200 *b*) lê-se novamente:

*Tudo o que vejo tem fim,*
*só eu no mal que padeço*
*não acho senão começo!*

com Glosa que diz: *Tal é a vista que tenho.*

149 — *Tristezas pois me buscais.* — *Cantiga com Voltas.* De *Francisco Rodrigues Lobo.* — Vid. *Primavera, Floresta* III, p. 136.

158 *a* — *Quem ama sem esperança.* — *Proposta.*

158 *b* — *Ninguem ama sem querer.* — *Reposta.*

158 *c* — *Amor que a proprio respeito.* — *Outra Reposta.*—De *Francisco Rodrigues Lobo.* —Vid. *Pastor Peregrino*, p. 201. — Cfr. o que digo a respeito dos N.os 175 a 178.

158 — *Aqui neste deserto, seco e pobre.* — *Elegia Penitencial.* — De *Soropita.*— Como o N.º 128, é obra de Soropita que, trasladada por Frei Agostinho, passou às cópias das poesias dêle que se conservam em Coimbra e no Pôrto. E esta, mais do que a outra, torna provável a suposição que, desgraçado não sem culpa, o humorista se refugiasse na Serra da Arrábida, afim de fazer penitência, instigado amorávelmente pelo piedoso anacoreta. Tanto mais assim que, no manuscrito de Tibaes, editado por C. C. Branco tem a epigrafe *Elegia da minha penitencia.*

160 — *Foi-se gastando a esperança.* — Mote com *Voltas.*—De *João Pinheiro.*—A cantiguinha, palaciana, em estilo popular, agradou aos Quinhentistas. Conheço, além das Voltas de João Pinheiro, uma Glosa, atribuída a Camões que começa *Nunca em prazeres passados;* outra de um fidalgo português, cativo em Berberia, depois de Alcácer-Quibir, cujo início é *Fiz torres de pensamentos* (*Inéditos* publicados por A. Lourenço Caminha, Vol. II, p. 240).

No *Cancioneiro de Évora,* editado sem suficiente critério por V. E. Hardung, e que é reprodução do *Códice* CXIV-1-17, o Mote figura como N.º 18; arbitràriamente colado a outros três Motes diversos.

162 — *Ainda que do ceo vos seja dada.* — *Ode de Horácio.* De *Fernão Rodrigues Soropita.*—Conforme já disse na Introdução dêste estudo, a tradução da Ode 24 do Livro 3.º de Horácio *Intactis opulentior* é atribuída no Manuscrito de Juromenha, de que tratei na *Zeitschrift*, VIII a Jorge Fernandes, o Fradinho da Raínha (l. c. p. 628). As poucas amostras do talento dêsse poeta não me capacitam a dizer, se o estilo é dêle. Quanto ao Soropita, êsse não é nada horaciano. Há outra tradução da mesma Ode, de André Falcão de Rèsende (p. 256 da edição incompleta) mais concisa, mas menos poética. Ela não foi especializada por Pelayo, no seu *Horacio en España.* Cfr. N.º 85.

163 — *Mais obriga a razão do que o costume.* — *Glosa.*—De *Fernando Alvares.*—Três parafrases dessa sentença *de nós ouvida, tantas vezes e outras tantas repetida,* encontram-se na *Lusitania Transformada*, *Livro* II, *Prosa* V, p. 214 a 215. A primeira delas, numa *Oitava* que principia *Faz no tempo o costume fundamento*, é a que está no *Cancioneiro Fernandes Tomás*, a f. 70 *v.* — Desconsolada estou de não poder dizer a que poesia pertence.

164 — *Uso, no mal ou bem continuado.* — Glosa em forma de Soneto, do mesmo autor e do mesmo verso sentencioso que tenho em conta de camoniano, sem ser capaz de dizer a que Soneto, Égloga, Elegia ou Canção pertence. — *Lusitania Transformada*, II, 5, p. 215.

165 — *O tempo tudo faz, tudo consume.* —Terceira parafrase, em forma de estrofe de Canção petrarquesca, do verso sentencioso tratado no N.º 163. — *Lusitania Transformada*, p. 214.

166 — *Aquele humano esfinge que tormento.* — *Soneto.* De *Fernão Alvares.*

167 — *Na Ilha Cypro a Venus dedicada.* — *Soneto.* — Do mesmo.

168 — *Um monstro horrendo foi na Caledonia.* — *Soneto.* — Do mesmo.

Todos os três relativos a Polifemo, como monstruosa progénie de Mercúrio e a Filáucia — símbolo do mercantilismo que se apoderara do Ocidente da Europa — formam na *Prosa V* do *Livro Segundo* da *Lusitania Transformada*, um conjunto, cujas ideas ainda são reforçadas nas Glosas ao Mote *Mais obriga a razão que o costume*, porque, segundo Fernão Álvares, o sofrimento humano é reforçado umas vezes pela *Razão* que despreza os trabalhos, e outras vezes pelo *Costume* que os facilita para os poder sobrelevar. «E se culpas nossas, do Costume em nosso dano sustentadas, são a causa dêstes infortúnios, na mesma sentença achamos o remédio delas».

169 — *O brando amor, mas em meu dano forte.* — *Soneto.* — De *Fernando Álvares.* — É glosa do verso *Nem morte mudará meu pensamento*, que na *Lusitania Transformada* serve de divisa à pastora Madalena (Livro II, Prosa X, p. 301 e 278). Julgo ser do próprio Fernão Álvares, e não *Mote alheio.*

175 a 178 — São quatro *Propostas* (da laia dos que os trovadores discutiam em tenções e submetiam ao tribunal «volante» das damas do seu tempo), com as respectivas *Respostas*, que juntamente com as que constituem o N.º 158, formam o recheio da *Floresta* sétima da *Segunda Parte da Primavera* de Francisco Rodrigues Lobo, a qual se passa nas margens do Mondego (p. 170-212; e p. 199 da edição vulgarizadora de 1723). — Visto que registei cuidadosamente no *Índice* umas e outras, escuso dar aqui novamente os primeiros versos

e o tema de cada. Acrescentarei todavia para elucidar o leitor, que os jogos de espírito da sociedade pastoril, que o Lobo nos apresenta, se realizaram diante de um templo de Diana. No friso do portal dêle aparece de repente milagrosamente uma táboa dourada que entre muitos debuxos tinha entalhadas as cinco preguntas a que me refiro, e também indicação dos prémios deputados para quem melhor lhes respondesse!

A resposta à primeira pregunta *¿ Quem ama sem esperança, Se ama mais perfeitamente?* (N.º 158ª) é de um chamado Ardenio (*Ninguem* etc.), a segunda da pastora Dinarea. Ostentando humildade o poeta junta-lhe a observação que «para preguntas amorosas bem bastam rústicos pastores, ao passo que só a avisadas damas e amantes cortesãos é concedido responder a elas com verdadeira satisfação».

181 — *Alta serra deserta donde vejo.* — *Elegia de Frei...* O título *Á Serra da Arrabida* torna logo provável que o autor fôsse *Frei Agostinho da Cruz*. E realmente o texto foi-lhe atribuído em 1771 por José Caetano de Mesquita, por constar do manuscrito que os frades do Convento dos Capuchos lhe haviam entregado. De mais a mais encontra-se no códice conimbricense e no da Biblioteca do Pôrto (Vid. *Subsidios* XXI, p. 89 e 431, Nota 23).

182 — *Segura fé com esperança incerta.* — *Oitavas.* — De *Estevam Roiz.* — Não estão nos *Ineditos* de A. L. Caminha, nem nos extractos que Gallardo tirou das *Rimas* (de 1623; N.º 3670), nem tão pouco entre os versos do Doutor, metidos por Faria e Sousa no *Florilegio* destinado ao Conde de Haro (N.º 2168).

183 — *Com voz desordenada, sem sentido.* — *Soneto.* — De *Luís de Camões.* — Essa pequenina pastoral ro-

mântica, em que *Silvano*, queixoso dos rigores de uma *ninfa*, se esforça a si próprio, é um dos vinte e sete *Inéditos* do Poeta, ou (melhor) dos *Inéditos* atribuídos ao Poeta, que se encontram no *Cancioneiro Fernandes Tomás*. Ainda não recolhido em nenhuma das edições dos Sonetos, foi impresso todavia por T. Braga, num dos seus últimos livros sôbre Camões (p. 223), a tantas vezes citada *Obra Lírica e Épica*, e traduzida por Cannizzaro (N.º 389).

O texto exige retoques, diversos dos que T. Braga lhe deu. Desaprovando aqueles, fico igualmente pouco contente com os que aventuro, lendo:

Com voz desordenada, sem sentido,
e com olhos de lágrimas cobertos,
soltava o peito — em ásperos desertos,
entre um vale escuro, empedernido —

Silvano triste, a quem endurecido
têm de uma bela ninfa os desconcertos,
perdida a esperança dos incertos
bens em que a fortuna o há metido;

Mas, volto em si um pouco, alentava
a si próprio o pastor esta tristeza:
«Levanta, oh coração já desmaiado!»

E canta, como quem melhor se achava:
«Não desmaies, esprito, na pobreza,
que a *Fortuna* da *Razão* é mao treslado!»

O conceito e o estilo não me parecem todavia camonianos. Parece obra de um principiante conceituoso.

184 — *Descalço e sem chapeu, Apolo louro.* — *Soneto.* — De *Luís de Camões.* — Em primeiro lugar seja dito que a epígrafe *Acaba de pedir um vestido ao Senhor*

*D. Duarte* está em contradição com o texto, que nos mostra o pedinte — pedinte, embora formule brincando e com chiste o seu desejo — sem chapeu (como se fôsse mouro) e descalço, mas *dos mais vestidos bem ataviado.* Em segundo lugar fixarei que êsse Soneto, inédito como o anterior até há pouco, é um dos que nos deixam perplexos, incertos sôbre o direito de o aproveitarmos como autobiográfico, para a vida do Poeta. — T. Braga já o fez (*Camões, Epoca e Vida*, p. 745), aventando imediatamente uma interpretação absolutamente fantasiosa. Segundo êle, o motivo do pedido é o desejo, enunciado por Luís de Camões em 1572 depois da impressão dos *Lusíadas,* de tomar parte numa expedição bélica a França, em favor dos católicos, prometida depois da matança dos Huguenotes, por D. Sebastião, e capitaneada pelo Senhor D. Duarte!

Finalmente devo lembrar que eu, por desconhecer relações do Poeta com o Senhor D. Duarte, tentei atribuir o Soneto a *Caminha*, que como camareiro do príncipe o via e lhe falava dia a dia (Vid. Introdução; o opúsculo sôbre *Pedro de Andrade Caminha;* e as Notas que acima dediquei aos N.os 89, 105 e 106). — Verdade é todavia que nas poesias dêle, pedantescas e cortesanescas, mas sempre dignas, não há *peditórios*, ao passo que as tristezas e os desvairos do genial Camões o levaram mais de uma vez a comer o pão da caridade, a pedir e aceitar trabalhos de encomenda, e a lembrar a um e outro Mecenas, escasso ou olvidadiço, a remuneração devida de serviços artísticos prestados, socorrendo-se assim de *tanta necessidade aborrecida.* ¿Será preciso lembrar ao leitor a fábula do Jau e da mulata Luísa Bárbara?

A balança oscila portanto.

186 — *Pois nesse paraiso terreal.* — *Soneto.* — Do *Fradinho da Rainha.* — *Ao Cano dos Amores.* — Introduzi em 1913 o texto num estudo sôbre *Inês de Castro e a Fonte dos Amores*, destinado a entrar num volume camoniano, — a favor do monumento a *Camões estudante em Coimbra.* — Não teve publicidade até agora.

191 — *Fermosos olhos que ao ceo que se mostra.* — *Soneto.* — De *Soropita.* — Sem nome de autor entrou nas *Rimas* do Dr. Estêvam Rodrigues de Castro (p. 166, *Soneto XX*, da reimpressão de A. L. Caminha), — facto que de modo algum fala contra a autoria indicada. — Julgo até que será do mesmo Soropita o Soneto inédito (XXI), que é outro panegírico da *côr do céo:* e igualmente o que, logo depois (XXII), principia *Claros olhos azues, olhos formosos.* Êsse último, atribuído expressamente a Fernão Rodrigues Lobo, isto é, ao *Soropita*, figura — como já mostrei, sob N.º 53 — no *Cancioneiro Fernandes Tomás*, como obra de Camões. Lá disse que a sentença *Ouro e azul é a melhor côr por que a gente se perde*, é um dito dêle, mas que em regra vemos enaltecidos nos seus versos, os *olhos verdes* de Natércia.

O texto impresso pelo filho do Dr. Estêvam tem algumas variantes.

193 — *Quando de ambos os ceos caindo estava.* — *Soneto.* — De *Soropita.* — Já deixei dito nas Anotações às *Obras de Frei Agostinho da Cruz* que êste Soneto de amor profano a uns olhos que choravam, se encontra com diversos outros do mesmo Soropita no apógrafo conimbricense e no portuense do Capuchinho. E como propriedade dêle foi impresso por C. C. Branco nas *Poesias e Prosas de Soropita* (p. 43). — Referi-me também a um Soneto Castelhano que principia *Quando de*

*entrambos cielos el rocio,* e que deve ser quer original, quer versão do português.

197 — *Pois tudo tão pouco dura.* — *Mote com Voltas.* — De *Soropita.* — Já foi impresso nos *Inéditos* de A. L. Caminha, isto é nas *Rimas de Estevam Rodrigues de Castro* (I, 192). No primeiro verso da *Glosa* há *Acabe-se com a vida.* Julgo que a lição verdadeira é *Acaba-se.*

199 — *Num solitário vale fresco e verde.* — *Egloga.* — De *Diogo Bernardes.* — É a conhecida Égloga II do *Lima*, escrita em 1554, ou pouco depois, em Ponte da Barca *onde em veia doce e vagarosa O Vez no Lima entrando o nome perde.* — Égloga, na qual *Limiano* (isto é *Diogo*) e *Melibeu*, forma anagramática de *Limabeu* (= Agostinho) e mais um conterrâneo deles (Tirse-Bacarrao) pranteiam a morte de um belo Adonis, ou seja do juvenil Príncipe D. João — Égloga que apesar de tudo, Faria e Sousa vindicou para o seu Poeta, embora no Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro de 1577 figure também como obra do suave Cantor do Lima.

200 — *Depois que o mundo começou.* — *Prosa do Descobrimento das ilhas da poesia. Primeira Parte.* — De *Soropita.* — Essa prosa humorística foi publicada por C. C. Branco (p. 101) incompleta. As variantes do *Cancioneiro Fernandes Tomás* são tantas e tão profundas que seria preciso imprimí-las de novo.

200 *a* — *Quando o passado bem me representa.* — Essa Elegia, intercalada na *Prosa* (C. C. Branco, p. 110-113) já fôra anteriormente dada à luz pelo Visconde de Juromenha (III, 219), como Elegia 26.ª de Camões com a nótula *escrita provàvelmente na Índia.* Êle tirara-a contudo, bastante deturpada, de um ma-

nuscrito onde tinha o título de *Saudades, a huma Senhora que estava em Sacavem em huma quinta sua.* Nas *Anotações*, Camilo (9.ª, p. 165-174) satiriza Juromenha por haver dado fé a essa epígrafe. — É todavia possível que no manuscrito aproveitado a tivesse, visto que Soropita diz nos tercetos que eles vinham com o sangue na guelra, feitas de fresco, a uma senhora de muito merecimento, mas ausente, emquanto êle namoradíssimo carregava na praia do Tejo com o pêso das suas saüdades.

Com evidente alusão e imitação da 1.ª *Carta da India* de Camões, acrescenta ainda que *namorado rapara as ordens ha dias a cuidados namorosos «enforcando a quantas esperanças té então dera de comer, com pregão publico por falsificadores de moeda»*.

O artifício secreto dos tercetos revesados já foi desvendado por Camilo, mas não com suficiente clareza. Consiste em que todos os tercetos ímpares contém repetição de um certo vocábulo.

No 1.º de *mais.*
No 3.º de *mór.*
No 5.º de *alcançar.*
No 7.º de *tudo.*
No 9.º de *perder.*
No 11.º de *montar.*
No 13.º de *atalhar.*
No 15.º de *dobrar.*
No 17.º de *assistir.*
No 19.º de *em vão.*

Nos tercetos pares há pelo contrário, antítese entre a rima do verso segundo e terceiro.

No 2.º *tristeza* e *contentamento.*
No 4.º *cobrá-la* e *perdê-la.*

No 6.º *descuido* e *cuidado.*
No 8.º *esquecida* e *lembrada.*
No 10.º *afronta* e *cortesia.*
No 12.º *trabalha* e *descansa.*
No 14.º *descobre* e *cala.*
No 16.º *triste* e *contente.*
No 18.º *concede* e *tolhe.*
No 20.º *vida* e *morte.*

201 *a* — *Naquela parte da alma onde se encerra.* — *Capítulo.* — De *Soropita.* — Intercalado na Segunda Parte do *Descobrimento das ilhas da poesia. Tanto andaram os bons dos picadeiros*, N.º 200. Em C. C. Branco, p. 116, o texto é fundamentalmente diverso. O verso de Petrarca *Intenda-mi chi può che m'intend'io*, com que termina a poesia, intitulada *Casa da Lembrança*, precedido da premissa *E se claro não sou no que publico*, não passou desapercebido a Camilo que lhe dedicou uma Nota (a 10.ª a p. 174). Sabia que êsse verso andava muito na complacência dos Seiscentistas, porque conhecia as doze Glosas que Caminha lhe dedicara, construindo delas a Elegia XXIII. — Mas subtraiu-se à fadiga de verificar o passo. — Êle pertence (como verso 17.º) à curiosa *Canção IX*, escrita propositadamente em enigmas *Mai non vo' più cantar com'io solea* e foi tanto do agrado dos Petrarquistas peninsulares que vários a imitaram. Além de Soropita e Caminha, glosaram e citaram o *Intenda-mi* p. ex. Diogo Bernardes na Carta XXIV, e Gutierre de Cetina no seu Soneto IV. Baltasar d'Estaço termina uma das suas poesias (f. 29) com a tradução: *Vede se me entendeis, que eu bem me entendo.*

202 — *Des que jaço nesta terra.*

202 *a* — *Amor por vosso amor me açouta e pinga.*

— Carta em prosa, com um Soneto intercalado que o Soropita escreveu a instâncias do negro do abadinho, Manuel Soares, à filha do Marquês de Vilareal de quem o negro se namorara, e estava ausente. — Vid. C. C. Branco, p. 10. Com variantes.

203 — *Ao som de um berimbao Luís cantava.— Elegia de um negro namorado para sua negra dama.* — De *Soropita.* — Essa caricatura, traçada pela pena humorística de Soropita, foi relacionada pelo Visconde de Juromenha com o cantor dos *Lusíadas*, por ela ser dirigida por um *Luís* a uma *Luisa*, homónima da regateira cujos melões o Chiado, ao desafio com o Poeta, ganhara, improvisando quadras! e também porque o Camões cantou as graças da escrava Bárbara, ou Bárbara Luísa! (Vid. Juromenha, I, 137 e 506). Não nos diz onde encontrou o original, ainda inédito em 1863; comunica apenas o terceto inicial e o final.

205 — *Apolo, Deus da rabeca, amigo Lereno.* — De *Diogo de Sousa.*

206 — *Depois de aquele caso desestrado.* — *Segunda Parte.* — Do *mesmo.* — Ambas as Partes da prosa satírica das *Cortes de Apolo* encontram-se na *Fenix Renascida*, Tômo V, 1-38 (1728). Há separata de 1794.

210 — *Nunca desegei cousa como ter.* — *Parrafo sobre as barbas.* — De *Soropita.* — Impresso, com variantes, por C. C. Branco (p. 57).

211 — *Afuera! afuera! pensamientos mios!— Sátira contra o amor.* — De *Soropita.* — Vid. C. C. Branco, p. 47. No fim faltam ao texto de Tibaes seis tercetos, o último dos quais termina com o verso italiano

*mille piaceri no vagliono un tormento*

que debalde procurei nas poesias de Petrarca.

212 — *Primeiramente todos os primogenitos. — Regimento escolastico para estudantes.* — De *Soropita.* — C. C. Branco, p. 1. Quási sem variantes.

213 — *Refere-se na vida do Cid Rui Dias.* — *Comentarios saragoçanos sobre os desposorios da saudade com o descontentamento.* — De *Soropita.* — C. C. Branco, p. 35. Com poucas variantes.

214 — *Por não ouvir tantas vezes.* — *Prognostico do ano de 1595...* — De *Soropita.* — C. C. Branco, p. 77. Com diversas variantes.

226 — *Se acaso o que tenho ouvido.* — *Décimas a Fernando do Poo.* — De *Tomás de Noronha.* — Andam na *Fenix Renascida*, Tômo V, e foram reproduzidas nos *Subsídios*, II, p. xxx.

229 — *La mar en medio y tierras he dexado.* — *Carta.* — De *Soropita.* — Essa carta em estilo familiar camoniano a um amigo, em que lhe dá conta do que passou quando se saiu de Lisboa pela vinda dos Ingleses no ano de 1581» passou do manuscrito de Tibaes à edição de C. C. Branco (p. 13), em lição um tanto diversa da do *Cancioneiro Fernandes Tomás.* Reconhecendo que a citação castelhana, com que abre, fôra aproveitada anteriormente na *Segunda Carta da India* por Luís de Camões, não se lembrou logo (p. 159) da sua autoria. Mas finalmente (p. 178) chegou a reconhecer que ela é o início do Soneto V de Garcilaso.

233 — *Mais afeiçoado às boas partes de V. M.* — *Carta a Josefa Vaca.* — Esta carta de um *Anónimo*, de espírito bocagiano, à comedianta Josefa Vaca, saiu impressa na monumental obra de Ricardo Jorge, relativa a Francisco Rodrigues Lobo (na *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol. III, p. 558-559), porque em dois manuscritos por êle manuseados (na Biblioteca

Nacional e na da Ajuda) anda encabeçada no Lobo da *Primavera* e *Corte na Aldeia*. — Quanto ao marido de J. V. e à estada do formosíssimo par na capital portuguesa há aí mesmo, e em outra publicação do mesmo crítico, indicações erróneas. No libelo *Contra um plagio* o sábio autor afirma (p. 46) que a actriz nos visitou antes de 1615, pois veio com o marido *Alonso Morales, o Divino*, «Principe dos *representantes*» e êle morreu nesse ano. Ignoro a fonte. Mas sei que o marido ainda estava vivo em 1634 e não se chamava *Alonso*, mas sim *Juan de Morales (Medrano)*. Houve confusão entre dois irmãos, e as datas de ambas as vidas. — Quem duvidar leia, no conscienciosíssimo estudo de Hugo Rennert *Spanish Actors and Actresses*, os artigos dedicados a *Alonso de Morales* (p. 106); *Juan de Morales Medrano* (p. 109); *Josefa Vaca de Mendi* (p. 181) e *Mariana de Morales*, filha de Juan e Jusepa, que já representava admiràvelmente em 1618 (p. 108), na idade de quinze primaveras. E bom será também que todos se inteirem dos dados comunicados por D. Maria Goyri e seu esposo D. Ramon Menendez Pidal na excelente edição da *Serrana de la Vera* de Luís Velez de Guevara (1916) (1).

239 — *De amor escrevo, de amor trato e vivo.* — *Soneto.* — De *Luís de Camões.* — Nas *Rimas* do Poeta anda desde 1668 e 1685, introduzido por Faria e Sousa, embora êste o tivesse encontrado num Manuscrito encabeçado em *Luís Álvares Pereira Brandão*, o afamado

(1) P. S. de 1922. — Quanto ao autor provável da Carta fescenina assentei na *Introdução* à Conferência do Dr. Ricardo Jorge sôbre *A Intercultura de Portugal e Espanha no passado e no futuro* (Pôrto, 1921) que um jovem estudioso prometia provar a autoria do mundaníssimo António Soares da Fonseca.

autor da *Elegíada*. Sem nome de autor está no *Cod. Ebor.*, CXIV-1-17, f. 39 *v.* (Vid. Hardung, p. 66). À vista da atribuïção do *Cancioneiro Fernandes Tomás*, teremos de classificá-lo como *De autor incerto*. As variantes foram extraidas por Braga, *Camões: Epica e Lirica*, p. 227.

240 — *Entre as nuves se esconde o pensamento.* — *Soneto.* — De *Martim de Crasto.* — Anónimo no *Cod. Ebor.*, CXIV-2-2, de onde passou ao *Cancioneiro Geral* de Barata, p. 140, com a epígrafe *Saudade;* metido arbitràriamente no *Parnaso* de Camões por T. Braga (*Parnaso* de 1880, N.º 367), depois de o mesmo o haver publicado também como *Anónimo* na *Antologia* de 1876 (N.º 169), segundo o Manuscrito da Academia que forneceu os *Inéditos* do tal *Parnaso.* — Traduzido por Cannizzaro (N.º 368). Quando me ocupei dêle em *Sonetos e Sonetistas* (N.º 106) ainda não havia descoberto o verdadeiro autor. É *Eloio de Sá Sotomaior.* Nas suas *Ribeiros do Mondego* (*Livro VI*, p. 165), anda desde 1623. É cantado com acompanhamento de sanfonha pelo pastor Ardelio (triste por ter sido abandonado por Olívia, que casara com outro) no meio de uma paisagem tristonha, despida de verdura, e ar toldado por nuvens outoniças. Sòmente quem condena como mentirosos plagiadores todos os imitadores de *Camões*, dará o texto como *De Autor incerto.*

245 — *Quam caro custa um mal dissimulado.* — *Soneto.* — De *Francisco Rodrigues Lobo.* — Pertence ao *Desenganado*, *Discurso XII*, p. 414 da ed. de 1723.

246 — *Dividiu o amor e a sorte esquiva.* — *Soneto.* — De *Baltasar Estaço.* — *Obras*, fl. 28. — Cfr. Braga, *Antologia*, N.º 182.

252 — *Á pena o medo Amor tira, não mata.* — *Soneto.* — De *Fernando Álvares.*

253 — *Mata, não tira o medo a pena.* — *Soneto.* — Do *mesmo.* — Vid. l. c. p. 494. Se no primeiro Soneto há louvores de Amor que, lidos ao contrário, são em vitupério dêle, temos neste vitupérios de Amor que, lidos ao contrário, redundam em louvor dêle. «E por quanto a rezão estava em meu favor — (Amor merece vitupérios polos efeitos que faz nos corações, que obriga ao seu cativeiro) — as mesmas palavras de Florindo ajudarão minha intenção, de tal maneira que com elas viradas ao contrário, sem meter na obra de minha parte outro cabedal, compus outra letra contra o mesmo Amor». Vid. *Lusitania Transformada, Livro III, Prosa XIV,* p. 493. Há aqui um artificioso segrêdo ou brinquedo de composição. O Soneto está escrito de maneira que, lendo cada linha de trás para diante, e pontuando-o racionalmente, resulta significado oposto ao original, e também rima nova. Em lugar de *Guia, não cega; bem não mal procura* sai o sentido contrário: *Procura mal, não bem; cega não guia.* — Florindo canta, na despedida de Laurélia, ao som do seu descante, uma letra, em que dá graças ao Amor porque o sublimara «a grao tão belo».

254 — *A vida ao tempo rende o fraco e o forte.* — *Soneto.* — De *Fernando Álvares.* — Também é retrógrado, como o N.º 252; e o que se lhe segue não é senão o mesmo, lido de trás para diante. Vid. *Lusitania Transformada, Livro* III, *Prosa* IV (p. 377): *Epigrama de Lizarte.* Serve de epitáfio a um vivo-sepultado «ou sepultado-vivo; e está inscrito no tronco inútil de um funesto teixo».

255 — *O forte e o fraco rende ao tempo a vida.* —

*Soneto do mesmo.* — L. c. p. 378. *Epigrama de Luzmeno.* — Com as mesmas regras tomadas ao revés, escritas no pé de um cipreste, simboliza a sua dôr o pastor Luzmeno, respondendo a Lizarte.

266 — *Louro metal que lá do centro escuro.* — *Canção.* — De *Paulo Gonçalves de Andrade.* — Esta poesia *horaciana*, — não mencionada por Menéndez y Pelayo, — impressa em 1629 nas *Varias Poesias* do autor (f. 48) — foi acolhida por T. Braga na sua *Antologia*, N.º 204.

269 — *Ilustre dama em cuja fermosura.* — *Capítulo.* — De *Fernando Álvares.* — Parece-me inédito. Trasladei-o. Desapareceu-me todavia juntamente com a Elegia de Ferreira (88).

275 — *Eu não canto, mas choro e vai chorando.* — *Soneto.* — De *Luís de Camões.* — Ainda não entrou em edições camonianas. Mas foi impresso por T. Braga, *Camões, Epica e Lírica*, p. 227, e traduzido por Cannizzaro (N.º 391).

276 — *Não pode quem quer muito, ser culpado.* — *Capítulo sôbre as propriedades do amor.* — De *Luís de Camões.* — O formosíssimo e bem conhecido trecho, composto de treze tercetos, pertence à *Égloga II*, e nela constitui parte do monólogo do pastor Agrario, que principia *Oh que triste sucesso foi de amores.*

278 — *Vai-me gastando amor e um pensamento.* — *Soneto.* — De *Luís de Camões.* — Ainda não entrou em nenhuma edição dos Sonetos. Apenas foi reproduzido por T. Braga (l. c., p. 226) e traduzido por Cannizzaro (N.º 392).

279 — *Olhos de cristal puro que vertendo.* — *Soneto.* — De *Luis de Camões.* — É o texto que em 1893 foi publicado por Fernandes Tomás no *Circulo Camoniano*

(p. 134), como primeira amostra dos *Inéditos* do seu Cancioneiro. —Vid. Braga, l. c., p. 220 e Cannizzaro, N.º 393.

280 — *Contente vivi já, vendo-me isento.* — *Soneto.* — De *Luís de Camões.* — Anda nas *Rimas* do Poeta desde 1685 (1). E visto aparecer também aqui como composição dêle, e igualmente no *Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro* (de 1577), não há motivo para o chamarmos de *Autor incerto*, embora, segundo T. Braga (p. 143, 144 e 160), seja atribuído no *Indice de 1577* também a Diogo Bernardes (2), uma vez que não entrou nas obras impressas em vida dêle.

282 — *Apartamentos tristes sem ventura.* — *Soneto.* — De *Luís de Camões.* — Inédito até ser impresso por T. Braga (p. 226) e traduzido por Cannizzaro (N.º 394).

283 — *Se cuidasse que nesse peito isento.* — *Soneto.* — De *Luís de Camões.* — Vid. Braga, p. 226 e Cannizzaro (N.º 394).

284 — *Queimado sejas tu, e teus enganos.* — *Soneto.* — De *D. Manuel de Portugal.* — No *Cancioneiro Luís Franco* (f. 49 *v.*), de onde T. Braga o tirou em 1874 (N.º 300 da edição da *Actualidade*), figura sem nome de autor, mas no meio de um Grupo de Sonetos inquestionàvelmente camonianos, infelizmente em péssimo estado de conservação. Não anda nas *Obras poéticas* de D. Manuel de Portugal. É portanto possível que a atribuïção a êsse fidalgo e Mecenas do Poeta seja errónea, filha do facto de êle o haver copiado *manu*

(1) E não desde 1668, como afirma T. Braga (p. 144).

(2) P. S. É êrro do autor da *Obra Lírica e Épica!* — É ùnicamente a Bernardes que o Padre o atribuía! — E não a Luís de Camões. Portanto: *De autor incerto.*

*propria.* O texto do *Cancioneiro Fernandes Tomás* é superior em correcção ao publicado por T. Braga.

286—*Já tempo foi que meus olhos traziam.*—*Soneto.* — Do *mesmo* i. é. de *D. Manuel de Portugal* (com o N.º 284-287). — O fadário desta composição, dedicada a certa Feliciana (!) é parecido, mas ainda assim diverso. Procede também do *Cancioneiro Luís Franco*, do mesmo grupo deturpado (Juromenha, 325, T. Braga, 302). É atribuído a D. Manuel de Portugal ùnicamente no *Cancioneiro Fernandes Tomás*, em que o estado de conservação é melhor, mas de modo algum perfeito. Leia-se

Já tempo foi que meus olhos *traziam*
alegres novas ao [*meu*] pensamento.
Já tempo foi que *o meu entendimento*
gostava do que eles lhe deziam.

Amor e saudade então faziam
eno contente peito ajuntamento,
[*mas*] esperança e firme fundamento
os falsos argumentos desfaziam.

Tornou-se *minha* ninfa, deshumana,
feriu-me com descuido (?) de dois gumes.
Oh grave mal! oh crua Feliciana!

Tem isto aparencia de ciumes
e, certo, não o são; nem tal me dana,
mas são de minha fé justos queixumes.

Nas *Notas aos Sonetos Anonimos* (p. 22) chamei a atenção do leitor principalmente para as diversas atribuïções. Errei todavia julgando êsse Soneto sinónimo do que principia *Já tempo foi que meus olhos folgaram* e relativo às mudanças provocadas pelo tempo (N.º 297). Os conceitos são totalmente diversos.

289 — *Dias há já que eu soube da ventura.* — *Soneto.* — De *Camões.* — Inédito até que T. Braga o imprimiu (l. c., p. 225) e Cannizzaro o traduziu (N.º 396).

290 — *Prometi ja mil vezes de emendar-me.* — *Soneto.* — De *Luís de Camões.* — Está no caso do anterior. Inédito até que T. Braga o imprimiu (l. c., 225) e Cannizzaro o traduziu (N.º 397).

291 — *Eu que livre cantei ao som das águas.* — *Elegia.* — De *Diogo Bernardes.* — É a *Elegia I*, escrita na Berberia pelo poeta cativo, e impressa nas *Rimas ao Bom Jesus* (p. 134 da ed. de 1720).

293 — *O que te fiz, amor, que mal me tratas?* — *Soneto.* — Do *Duque de Aveiro.* — Ao Duque, que é autor também do Soneto antecedente, inédito (N.º 292 *Tenho já tanto uso e exercicio*) foi usurpado para Camões pelo Visconde de Juromenha (II, p. 492, N.º 310) que o tirou do *Cancioneiro Luis Franco* (f. 139 *v*), onde está entre Sonetos de Camões, mas sem nome de autor. Não era todavia inédito em 1860. Faria e Sousa já o havia comunicado nas *Rimas Varias* do seu Poeta (Vol. V, p. 278 *a*, em Anotação à *Égloga II*) atribuíndo-o ao Duque; e o mesmo fizera o próprio Visconde (III, 410)!

294 — *Mal que de tempo em tempo vai crecendo.* — *Soneto.* — Do *Infante D. Luís.* — Foi metido nas *Rimas* de Camões por Faria e Sousa, juntamente com outras composições do filho del Rei D. Manuel, embora os encontrasse com atribuïção àquele ilustre intelectual.

295 — *Sobre um alto rochedo em Berberia.* — *Elegia.* — De *Diogo Bernardes.* — É a segunda das que o suave Cantor do *Lima* escreveu, estando cativo na Berberia (*Rimas ao Bom Jesus*, p. 138).

296 — *Com que voz chorarei meu triste fado.* — *So-*

*neto.*— De *Luís de Camões.*—Inédito até que T. Braga o imprimiu (l. c., p. 224) e Cannizzaro o traduziu (N.º 400).

297 — *Já tempo foi que meus olhos folgavam.* — *Soneto.* — De *Luís de Camões.* — O belo texto, relativo ao tempo e às mudanças que produz, foi publicado por mim na *Revue Hispanique*, VII (1900), nas *Notas aos Sonetos Anónimos*, p. 22. — Cfr. Braga (p. 221) e Cannizzaro (N.º 398).

298 — *Oh quem dizer pudesse quanto sente.* — *Soneto.* — De *Luís de Camões.* — Impresso por Braga, p. 224, traduzido por Cannizzaro (N.º 399).

299 — *Claro fresco ribeiro, doce e brando.* — *Soneto.* — De *Diogo Bernardes.* — É variante de *Meu patrio Lima, saudoso e brando* (*Flores do Lima*, N.º 40).

300 — *Após o inverno frio e verão brando.* — *Elegia.* — De *Diogo Bernardes.* — Engano evidente. Esta *Elegia* e a imediata, são obra de Pero de Andrade Caminha e estão na impressão de 1791 como *Elegia XIX* (p. 160) e *XX* (p. 169).

301 — *Após o verão brando e inverno duro.*— *Elegia.* — De *Diogo Bernardes.* —Vid. N.º 300.

302 — *Correntes aguas frias do Mondego.*— *Elegia.* — De *Luís de Camões.* — Como já disse na Introdução, tornei-a pública, numa das festas celebradas no Pôrto anualmente a 10 de Junho pela antiga *Sociedade Nacional Camoniana*, morta de há muito, de inanição. — Foi impressa em 1902 na *Homenagem a Luiz de Camões no primeiro ano do seculo* XX. — Reimprimo-a na Parte V porque a tiragem do opúsculo foi diminutíssima.

304 — *Quam caro vende amor um gosto seu.* — *Soneto.* — De *Estevam Roiz.* — Ignoro, se o grupo de doze

(303-314) atribuído ao erudito autor, no *Cancioneiro Fernandes Tomás* será realmente dêle; ou apenas um pequenino Florilégio, coleccionado por êle como amador de bons versos. De um só (N.º 305) sei indicar o autor. Parece-me todavia que êsse indício basta.

305 — *Os olhos onde o mesmo amor ardia.* — *Soneto.* — De *Estevam Roiz.* — É de *Diogo Bernardes.* Em suas *Rimas ao Bom Jesus* está impresso em redacção cuidada, servindo de *Epitáfio* a D. Angela de Noronha (p. 120 da ed. de 1791). No *Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro* também lhe era atribuído, embora lá apareça repetido com autoria de Camões (1), segundo T. Braga (l. c., p. 144, 145. Cfr. 161). Foi Faria e Sousa, como de costume, o primeiro que o usurpou para o seu Poeta!

306 — *A perfeição, a graça, o suave geito.* — *Soneto.* — De *Estevam Roiz.* — Desde 1598 anda nas *Rimas* de Camões, em redacção imperfeitíssima, que eu teria escrúpulos de atribuir ao grande Lírico! No *Cod. Ebor.* CXIV-2-2 (f. 122 *v*) está em nome de D. Manuel de Portugal; e de lá passou ao *Cancioneiro Geral* de Barata (p. 84). — Com idêntica atribuïção figura no *Cancioneiro de Luís Franco* (f. 240). — No do *Padre Pedro Ribeiro*, pelo contrário, se dá como autor *Diogo Bernardes* (vid. Braga, l. c., 144, 160 e 177). De autor incerto portanto, mas talvez de D. Manuel de Portugal a D. Francisca de Aragão, visto *Limiano-Alcido* não o incluir nas suas *Rimas* e nenhum dos *Cancioneiros* manuscritos subsistentes o atribuir ao autor dos *Lusíadas.*

(1) P. S. É êrro de T. Braga, que rectifico no estudo sôbre o *Indice* que se seguirá a esta publicação. É ùnicamente a Bernardes que o ilustrado Padre o atribuía!

317 — *Esconde, Diana bela, os raios belos.—Canção.* — De *Bernardim Ribeiro.* — A generalidade dos leitores só conhece um poeta português dêsse nome, o amigo venerado de Sá de Miranda, o novelista da *Menina e Moça*, autor de cinco *Églogas* em versos de medida velha, e algumas poesias menores, impressas desde 1516 no *Cancioneiro de Resende*, o desgraçado bucolista, de veia brandíssima, que faleceu em 1552, numa cela do Hospital de Todos os Santos, após longos anos de alienação mental, causada por profundos desgostos de amor.

Houve todavia quási um século depois, outro *Bernardim Ribeiro*, relacionado com Severim de Faria e Gaspar Gil Severim, que nos legou alguns versos em *Cancioneiros de Évora*, p. ex. no editado por Hardung (N.º 71; cf. 17). O nome completo dêsse era *Bernardim Ribeiro Pacheco.* Um filho seu, *Duarte Pacheco*, era moço fidalgo de Felipe II em 1595 (*Hist. Gen. da Casa Real: Provas*, VI, 633) (1). O pai fôra capitão na África (Mazagão). A poesia citada, única que dêle conhecia, um simples Mote, pertence à escola velha. Mas pelo tempo em que viveu é *à priori* provável que também cultivasse o estilo italiano, e que seja obra sua a *Egloga de Ergasto, Delio e Laureno* que, assinada *B. R.*, é atribuída por Barbosa Machado ao autor da *Menina e Moça;* assim como mais algumas poesias em hendecassílabos que o Dr. Estevam Rodri-

(1) Barbosa Machado confundiu os dois na biografia que traçou no Vol. I, p. 518-19. — Curioso é que, sabedor da existência do segundo Bernardim, o Sr. Delfim Guimarães não se lembrasse de vindicar para êle a autoria da Canção *Diana Bela*, nem no Cap. X do seu *Poeta Crisfal: Bernardim Ribeiro e a Escola Italiana*, nem no XVI: *O Cancioneiro de Evora.*

gues de Castro meteu no seu *Florilegio* (1); e ainda a *Canção* de que estou a tratar, e mais os quatro fragmentos que Faria e Sousa entremeteu nas Notas às *Rimas* de Camões (2).

Em todos êsses textos há um estilo conceituoso e complicado, totalmente diverso daquela ingenuìdade e profunda sentimentalidade que caracteriza as obras do *Bucolista*.

Contra a autoria dêste, defendida por T. Braga (*Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*, 2.ª ed. de 1897, p. 6-8, 109-167 e 303) — há muito que dizer. Verdade é que o suavíssimo cantor esteve na Itália, e que de lá trouxe *novidades*. — Entendo que foi entre nós iniciador do gôsto bucólico, que admiravelmente nacionalizou em vernáculo; isto é, do género vergiliano, renovado na Itália, e lá cultivado em latim por Enrique Caiado antes de o século findar. A segunda inovação, a moda de escrever essas Églogas assim como Elegias, Capítulos, Sonetos, em *hendecassílabos*, essa é de Sá de Miranda.

O *Canto alternado (amebeo)* que êsse amigo de Bernardim introduziu, como obra dêle, no seu *Alexo*, foi, a meu ver, a tentativa primeira em estâncias de arte; estâncias que, imperfeitas ainda, são contudo o que a poesia nacional havia produzido até 1532 de mais penetrantemente apaixonado (C. M. de V., *Novos Estudos sôbre Sá de Miranda*, Lisboa, 1912, p. 151-182).

(1) Soneto XIX *Não era mortal cousa o seu passeio.* — Balata: *Violante, a rede foram teus cabelos.* A *Égloga* está na mesma colecção (p. 20).

(2) Vol. V, p. 248, 270, 312, 320. Cfr. Juromenha, III, 439 e seg.

A *Canção de Diana* e os trechos da outra *Canção*, em que Faria e Sousa reconhece cantos de amor, dedicados à Infanta D. Beatriz, embora cheias de escuridões e deficiências, são todavia técnicamente muito superiores àquele ensaio de Sá de Miranda. E posteriores.

Quanto a outra conjectura sôbre o suposto autor, ideada por Delfim Guimarães, ela ainda é menos digna de aplauso. No seu *Poeta Crisfal*, em que judiciosamente combate bastantes suposições minhas e de T. Braga — expõe que, a seu ver, o nome *Bernardim Ribeiro* não era senão interpretação arbitrária, da parte do escrevente do *Cancioneiro Fernandes Tomás*, das iniciais *B. R.* que, supõe, estavam *no original*, como estão no *Florilégio* do Dr. Estevam Rodrigues de Castro. E essas iniciais podem significar, segundo êle, *Bento Rombo;* e são Bento Rombo.

¿Porquê isso? ¿E porque não *Bernardo Rodrigues?*

Replico que, uma vez que no *Cancioneiro* não há a abreviatura *B. R.*, mas sim o nome inteiro, a fantasia do crítico é absolutamente arbitrária. Não tem base real. De mais a mais, o tal Bento, chama-se *Bento Rombo de Carvalho*, no próprio *Cancioneiro*, com todas as letras. Há dêle duas amostras. *¡E essas não são Canções no estilo conceituoso e empolado da Diana!* ¡São apenas *Décimas*, em estilo nacional brincado! O leitor encontra-as na Parte V.

Responder-me hão que duas *Décimas* são mais do que um Mote. — É exacto. ¡Mas o autor do Mote chamava-se, segundo a fonte, *Bernardim Ribeiro!*

319 — *Um brando mover de olhos e piedoso. — Soneto.* — De *Estevam Roiz.* — É de Camões. E anda nas suas *Rimas* desde 1595. Verdade é que o texto do

*Cancioneiro Fernandes Tomás* diverge tanto que mais do que *variante* parece ser imitação livre. Cfr. Braga; *Camões, A Obra Lírica, e Epica* (p. 228 e 229, e Cannizzaro, N.º 30). — O esclarecido professor J. M. Rodrigues (p. 220 e seg.) reconheceu que o mágico veneno que em Macau transformou o pensamento de Camões, antes do naufrágio na costa da Cochinchina, provinha de alguma estonteadora formosura oriental, de aparente impassibilidade. E João Grave, o director da Biblioteca Pública Portuense, em que se encontrou a preciosa Década VIII roubada a Diogo do Couto, vê nela a *Dinamene* cantada em seis *Sonetos* (1) a qual o Poeta viu morrer afogada sem lhe poder valer: *a cordeira gentil que eu tanto amava.*

322 — *Duro caso de amor, nunca cuidado.* — *Oitavas.* É a *Fábula de Narciso* de que Aníbal Fernandes Tomás falou no *Circulo Camoneano*, p. 104-110. — De... — De autor desconhecido portanto. Vejamos o que apurei a respeito dela.

Severim de Faria disse na sua *Vida de Luís de Camões*, depois de ter falado da comédia dos *Amphitriões*, cujo assunto é de Plauto: «Outras *traduções* fez também em verso, em que se não mostrou menos elegante, como foi a *Elegia da Paixão*, de Sannazzaro; — o *Psalmo Super flumina Babylonis*; — a *Fabula de Biblis;* — e a de *Narciso* e outras» (2). — De aí a tendência natural dos editores e historiadores da literatura de

(1) Os seis Sonetos em que penso, são os seguintes: N.º 172 *Cantando estava um dia, bem seguro;* 173 *O ceu, a terra, o vento sossegado;* 170 *Ah minha Dinamene, assi deixaste;* 23 *Cara minha inimiga em cuja mão;* 72 *Quando de minhas maguas a comprida;* 19 *Alma minha gentil que te partiste!*

(2) P. 232 da edição de 1805.

atribuírem ao Poeta toda e qualquer *Fabula de Eco e Narciso*, em português ou castelhano, que surgisse em manuscritos.

T. Braga publicou uma, assaz elegante, no *Parnaso* de 1880 como *Perola do Centenario*. Conforme já disse mais acima, Aníbal Fernandes Tomás demonstrou, um decénio depois, que êsse texto em forma de *Canção*, que principia

*Bellissima Isabel cuya hermosura,*

é de Cristoval de Mesa, o qual a publicara em 1607 no seu *Valle de lagrimas y diversas Rimas* (Vid. *Circulo Camoniano*, p. 104-111).

E a propósito do assunto anunciava, como também já expliquei, que no *Cancioneiro* que possuía, havia outra *Fabula de Narciso*, em oitava-rima, que julgava poder atribuir com muito mais fundamento a Camões.

É o N.º 328 de que estou a ocupar-me. Consta de 72 oitavas, pouco elegantes, das quais as primeiras sete são uma *Dedicatoria a uma Senhora*.

E é ao mesmo tempo, a própria *Fábula de Narciso* que o Visconde de Juromenha introduzira nas *Obras* do Poeta (II, 343-362, f. 255), tirando-a do *Cancioneiro Luís Franco* «onde não vem rubrica nem sinal algum que indique ser de Camões».

Estas palavras são de T. Braga que, julgando-a apócrifa, não a admitiu à edição da *Actualidade*. No vol. II, p. VIII diz: «É mais natural que seja esta fábula (sc. a mencionada por Severim de Faria) a *Elegia XIX (Entre rusticas serras e fragosas)*, que Faria e Sousa encontrou no Ms. de Manuel Godinho com o título *Fabula de Narciso*. E Wilhelm Storck concordou plenamente. Vol. III, p. 280 e seg., a conferir com Faria

e Sousa *Rimas Varias*, Vol. IV, p. 41, *Elegia VI*(1), e Braga, *Hist. Cam.*, II, 572.

Sou da mesma opinião. — Lamento não haver descoberto até hoje nenhum exemplar da tradução livre de *Ovídio,* do Italiano Anguillara (*G. Andrea dell'Anguillara*, 1547-1566), que saiu em 1561 em Veneza, porque suponho que os diversos adaptadores peninsulares se cingiram mais ou menos a êsse texto latinò-italiano.

A lição, contida no *Cancioneiro Fernandes Tomás*, é superior à do *Cancioneiro Luís Franco.* Logo no verso inicial diz, conforme já indiquei, *Duro caso de amor, nunca cuidado* e não *Duro fado, amor, mingua, cuidado* como imprimiu Juromenha. — Confesso que assim como lá está, é incompreensível, e indigno de qualquer dos poetas quinhentistas. — ¡ Quanto mais de Camões!

324 — *Quando descansareis, olhos cansados.* — *Soneto.* — De... — Já foi tirado do *Cancioneiro Luís Franco* pelo Visconde de Juromenha (N.º 336).

328 — *Por Lilia em vivo fogo Aonio ardia.* — *Égloga.* — Do *Dr. António Ferreira.* — Anda realmente nos *Poemas Lusitanos* como no IV.

329 — *O dia em que nasci moura e pereça.* — *Soneto.* — De *Luís de Camões.* — Foi publicado por Juromenha (N.º 339) na lição do *Cancioneiro Luís Franco.*

## TEXTOS DO CANCIONEIRO FERNANDES TOMÁS, INÉDITOS ATÉ 1890

De tudo quanto me parecia *inédito* ou, não o sendo, oferecia pelo menos redacção muito divergente das

(1) Nas listas, muito incorrectas, da *Hist. Cam.*, 2.ª ed., ela falta a p. 194.

impressas (1) tirei cópia em 1907, conforme já disse no Capítulo I.

Estou preparada portanto a dar à luz um *Florilegio de Rimas varias de Seiscentistas portugueses*, e um volume de *Prosas e poesias* do principal contribuínte do Cancioneiro: *Fernão Rodrigues Lobo, o Sorópita.* Se ainda não o fiz, foi porque o género jocosério, cultivado pelo muito folgazão jurisconsulto, não é de modo algum, meu predilecto. E dentro dêle dou a preferência às cartas familiares e aos diálogos satíricos de Luís de Camões e Francisco de Morais, ou mesmo aos *Disparates* e às *Parvoices de Ribeiro Chiado.*

No volume *In Memoriam*, claro que não podia publicar os dois volumes que umas e outras encheriam. Por isso vou dar apenas como amostra umas parcelas que pela supremacia dos autores interessam, calculo, o leitor.

A primeira consta da *Canção de Diana* (324), atribuída a *Bernardim Ribeiro*, conforme expliquei no Comentário, e das duas bagatelas de *Bento Rombo de Carvalho*, como prova da impossibilidade desta autoria aventada por Delfim Guimarães. Em seguida dou a Dedicatória das *Còrtes de Apolo* por Diogo de Sousa *A Lereno pastor peregrino*, como ilustração complementar da admirável monografia que o Dr. Ricardo Jorge dedicou a Rodrigues Lobo.

A segunda amostra abrange as poesias atribuídas expressamente a Luís de Camões.

Juntando, e resumindo, o que já ficou exposto em notas dispersas nos Capítulos anteriores, repito que, sobrescritadas *De Luís de Camões*, há no *Cancioneiro* vinte e sete composições, que são: dois *Epigramas;*

(1) É o caso com várias prosas de Sorópita.

duas *Elegias;* uma *Canção*; um *Capitulo;* e vinte e um *Sonetos.*

Eis a lista alfabética com os N.os correspondentes (aos do meu *Indice*).

Sonetos:

Amor mil vezes já me tem mostrado, 73
Apartamentos tristes sem ventura, 288
Claros olhos azuis, olhos fermosos, 53
Com que voz chorarei meu triste fado, 302
Com voz desordenada, sem sentido, 188
Contentamentos meus que já passastes, 49
Contente vivi já, vendo-me isento, 286
De amor escrevo, de amor trato e vivo, 245
Descalço, sem chapeu, Apolo louro, 189
Dias há já que eu soube da ventura, 295
Eu não canto mas choro, e vai chorando, 281
Fermoso moço que no ceu descanças, 74
Já tempo foi que meus olhos folgavam, 303
Memória de meu bem, cortado em flores, 50
O dia em que naci moura e pereça, 335
Oh quem dizer pudesse quanto sente, 304
Olhos de cristal puro que vertendo, 285
Prometi já mil vezes de emendar-me, 296
Que gritos são os que ouço? — De tristeza, 106
Se cuidasse que nesse peito isento, 289
Vai-me gastando amor e um pensamento, 284.

Epigramas:

Não corre o ceo astro tão fermoso, 105
Não voa pelo ceo com tanta graça, 89.

Elegias:

Belisa, uma só alma desta triste, 61
Correntes águas frias do Mondego, 308.

Canção:
Não de cores fingidas, 85.

Capítulo:
Não pode quem quer muito, ser culpado, 282.

Nem todas essas vinte e sete atribuïções são todavia certas. E as que o são, não dizem todas respeito a textos desconhecidos.

Verdadeiramente de Camões, e nunca impressas antes de 1890, parecem-me ser a *Canção horaciana* (dada à luz por Fernandes Tomás no *Círculo Camoniano*); a *Elegia Correntes águas*, aliás bastante frouxa, dos tempos juvenís de Coimbra, a qual publiquei no *Anuário da Sociedade Nacional Camoniana*; e uns quatorze Sonetos, dos quais um dos melhores *(Olhos de cristal puro)* entrou como a *Canção*, na Revista citada. Os restantes Sonetos foram dados a conhecer por T. Braga na segunda edição da *Historia de Camões, Epoca e Vida* (1907) e *Obra Lirica e Epica* (1911) e pela autora destas linhas em diversos opúsculos. Todos juntos aparecem aqui pela primeira vez.

¡Entre os Sonetos, que não eram desconhecidos e por isso não reimprimo, há um *(Dias ha)* que desde a edição-príncipe figura nas *Rimas*, começando todavia *Gram tempo ha!*

¡Iludido por esta divergência (exclusivamente das palavras iniciais), T. Braga o reproduziu como *inédito!* (*Lírica e Épica*, p. 224).

Dois Sonetos *(O dia — Memória)* tinham passado do *Cancioneiro Luís Franco* à edição de Juromenha (1861), e à de Braga (1874), assim como às traduções de Storck e de Cannizzaro.

Outros dois *(Contente—De amor escrevo)*(1) figuram nas *Rimas* desde 1668 e 1685, retocados provàvelmente pela mão exercitada de Faria e Sousa. Por isso divergem quanto à redacção.

Temos portanto no *Cancioneiro Fernandes Tomás*, a respeito de quatro composições, a confirmação da autoria de Camões, bemvinda e valiosa, embora só um dos Sonetos *(De amor escrevo)* ande também em nome de outro poeta *(Luís Álvares Pereira*, autor da *Elegíada)*.

Evidentemente errónea é a atribuíção de *Fermoso moço*, como de resto o indica a epígrafe *Á morte do Visconde de Lima D. B.* Essas iniciais do nome do autor nem mesmo eram precisas, visto que o Soneto anda desde 1594 nas *Rimas ao Bom Jesus* de Diogo Bernardes, como Epílogo de uma *Elegia à morte de D. João de Lima, filho de D. Fernando Visconde de Vila Nova de Cerveira!*

Duvidosa é a autoria do *Soneto a uns claros olhos azuis*. Foi impresso em 1623 entre as *Rimas* de Estevam Rodrigues de Castro, essa Miscelânea de vários, como obra do Sorópita (p. 168 da reimpressão de 1792). E embora não esteja na volumosa colecção de obras contida no nosso *Cancioneiro*, nem na de Tibaes, é pelo menos facto conhecido que êle cantou freqüentes vezes *Claros olhos côr do ceo* (l. c., p. 166-167), ao passo que Luís de Camões preferia *olhos verdes* — côr de esmeralda ou de limão.

Duvidosa é também, conforme expliquei no Capítulo IV, a autoria do Soneto, realmente nunca impresso até 1901, *Descalço e sem chapeu*, em que um poeta *Cam.*

(1) T. Braga imprimiu essa versão a p. 227 da obra citada.

pede ao Senhor D. Duarte, lhe complete a dádiva de um traje de gala, para que não pareça mouro! *¿ Caminha? ou Camões? That is the question.*

No mesmo caso estão, para mim, os dois *Epigramas*, relativos um ao mesmo D. Duarte, e o outro a D. Sebastião.

Quanto ao valor de arte dos verdadeiros Inéditos, alguns são dignos do Príncipe dos Poetas *(Olhos de cristal — Já tempo foi)*. Outros, emparelhando com muitos dos que Luís Franco coleccionou, são meros esboços, a que falta *limae labor;* do tempo juvenil talvez em que Luís de Camões podia dizer como Bernardes: *ainda bem não caio nos Sonetos?*

Acrescentarei ainda, que entre os Sonetos, dados como de Camões por Luís Franco, há um que principia *Quando descansareis, olhos cansados* (Juromenha, 336), e está no *Cancioneiro Fernandes Tomás* (N.º 330) como anónimo: (De... (1).

Para ser completa direi finalmente, quais são os Sonetos atribuídos no *Cancioneiro* a diversos quinhentistas, mas ainda assim entremetidos em edições camonianas com mais ou menos divergências: dezassete Sonetos, e duas Redondilhas.

### De Fernão Rodrigues Lobo, o Soropita

lá estão, além de *Olhos claros azues*, os seguintes quatro:

1685 (2) Amor que em sombras vans do pensamento, 19
1598 Conversação domestica afeiçoa, 76

(1) Em outros manuscritos está em nome de *Martim de Castro.*

(2) A data indica a edição das *Rimas* em que pela primeira vez entraram.

1668 De cá donde no-mais que imaginar-vos, 9
1668 Esses cabelos louros e escolhidos, 136.

De Estevam Rodrigues de Castro (1)

1598 A perfeição, a graça, o doce geito, 312
1685 Lembranças de meu bem, doces lembranças, 12
1685 Os olhos onde o mesmo amor ardia, 311 (2).

De Diogo Bernardes

1668 Brandas aguas do Tejo que passando, 92
1595 Eu me parto de vós, campos do Tejo, 68
1668 Horas breves de meu contentamento, 63
1668 Já do Mondego as águas aparecem, 124.

De D. Manuel de Portugal

1860 Já tempo foi que meus olhos traziam, 292
1860 Queimado sejas tu e teus enganos, 290.

Baltasar Estaço

1861 Co tempo o prado seco reverdece, 70.

(1) Entre o poema famoso de Luís de Camões que principia *Um mover de olhos brando e piedoso,* e o N.º 319 do *Cancioneiro,* atribuído ao Dr. Estevam *Um brando mover de olhos grave e honesto* as divergências são tantas e tais que um pode ser *rifacimento* do outro, *ou ambos imitações independentes de um mesmo modelo italiano* (que de resto desconheço). Mesmo nas rimas há variantes. Sendo *-oso, -esto; -ura, -eno, -ento* nas *Rimas* de 1595, — são *esto oso; ido eno ura* na *Misceânea* de 1623.

(2) No Comentário fixei que em outros manuscritos êsse Soneto é atribuído a D. Manuel de Portugal. E no Índice do Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro (1577) está em nome de Bernardes.

INFANTE D. LUÍS

1685 Mal que de tempo em tempo vai crecendo, 300.

DUQUE DE AVEIRO

1861 O que te fiz, amor, que mal me tratas, 299.

FRANCISCO MENDES

1861 Fermoso Tejo meu quam diferente, 51.

JOÃO PINHEIRO

1668 Foi-se gastando a esperança, 161
1595 Sem ventura é por demais, 144.

O formosíssimo Capítulo sôbre as propriedades do amor é nada mais de que um fragmento da *Égloga II* (v. 348-402), discurso exclamatório do apaixonado *Agrario*. Conforme expliquei nos *Comentarios* tem de novo ùnicamente, o verso final *Tanto o trazes em teu laço enredado*. — Bem compreensível é que amadores de belos versos o trasladassem, isolando-o, para *Florilégios* que iam compondo.

A *Canção* pode bem ser autêntica.

Das *Elegias* resta-me repetir ao leitor que a de que ainda não falei (6) aqui, *Belisa, uma só alma desta alma triste* é provàvelmente de Francisco de Andrade. É pelo menos a êsse, que Luís Franco a atribui. E os 80 tercetos, de que aí se compõe, são os mesmos (com mais um, lá omitido por descuido do escrevente) de

que consta a redacção, que no *Cancioneiro Fernandes Tomás* está em nome de Camões. O texto, que desde 1685 passa por ser do Poeta, foi reduzido a apenas quarenta tercetos, e retocado com a habilidade experimentadíssima de Faria e Sousa.

I

## CANÇAO

### DE BERNARDIM RIBEIRO

1 Esconde, Diana bela, os raios belos
com que a noite escureces (1), negra e fria;
cobre com negro veo roxos cabelos
em que Amor almas mil e mil enfia!
E tu, gentil Dionea (2), já entrançado
o fio dourado
deixa da alegria
posto em agonia
o que seu dano
busca no engano,
entregando a isenta liberdade
*a quem isenta tem sua vontade.*
. . . . . (3).

(1) *Sic* — talvez por *esclareces?*

(2) ¡Confesso não compreender os versos 5 a 10! — Dioneia é uma das alcunhas de Afrodite; mas que tem de fazer a deusa do amor entre a Lua e o Sol? Abstraindo todavia dêsse enigma, ¿que querem dizer os versos indicados? ¿Deixa entrançado (isto é: não espalhes) o fio dourado da alegria, pondo antes em agonia aquele que busca o seu prejuízo na ilusão?

(3) Penso que falta aqui uma estrofe que principiando *A quem isenta tem sua vontade,* terminava *Esconde oh claro Phebo a leda fronte.* Porque só assim teríamos uma Canção perfeita de *leixa--prem.*

3 *Esconde, oh claro Phebo, a leda fonte!*
a negra escuridade com seu manto
cubra a terra fria! e neste monte
me acompanhe o cisne com seu canto!
Philomela, seu pranto replicando,
se estê queixando
com graça tanta
que ao que canta
suas tristes magoas
por estas fragoas
lhe acrescente mór dôr e maior pena,
*que Amor, Fortuna e Tempo assi o ordena.*

4 *Amor, Fortuna e Tempo me ordena*
que viva neste bosque desterrado,
onde o que mais me mata, e mais me pena,
é não ser, como não sou, de vós lembrado.
Mas pois, minha senhora, sois contente
que estando ausente
de vós, padeça
e meu mal creça
mais em meu dano,
com isso vivo ufano,
porque ¿que maior bem, que maior gloria
*que alcançardes de vós mesmo a victoria?*

5 *Alcançais vós de vós mesma a victoria*
alcançando-a de mi, porque sou vosso;
e deste doce triunfo a memoria
me faz triste e contente, pois não posso
maior bem alcançar que ser servida
de minha vida
quem meu coração
tem em sua mão;

e se neste monte
junto a esta fonte
a vida me acabar pena tão forte,
*oh que doce morrer! que doce morte!*

6 *Oh que doce morrer! que doce morte*
é terdes, ninfa bela, ocasião
de meu doce penar e dura sorte
que, inda que vossa isenta condição
me trate com dureza e com rigor,
então [o] meu amor
mais se afeiçoa;
porque ¿que pessoa
ha nesta vida
tão desconhecida,
que não entenda ser bem empregado
*o mal que por querer-vos sofre o cuidado?*

7 *O mal que por querer sofre o cuidado,*
por me nascer de vos só, quero e amo;
e nestes bosques tristes apartado,
por vos amar a vós, a mi desamo.
Sempre na alma trarei vossa figura,
já que a ventura
e amor me esconde
aquela vista, onde
pus minha esperança;
meu mal não cansa,
antes, se pera mór me não guardara
muito ha que dôr tamanha me acabara (1).

(Fl. 162 v., N.º 317).

(1) Quanto à técnica, confira-se a *Canzone* V e a XV de Petrarca.

## II

## DECIMA

### DE BENTO ROMBO DE CARVALHO

Hei de morrer, Isabel,
a maõs d'este pensamento,
tam constante em meu tormento
como vos em ser cruel.
Fui sempre e hei de ser fiel,
por mais estremos que veja,
o bem de outro embora seja,
que posto que merecervos
não posso, só pretendervos
é em mi gloria sobeja.

(Fl. 96 v., N.º 204).

## III

## DECIMAS

### DE BENTO ROMBO DE CARVALHO

Entregou-me amor, senhora,
a vossos olhos de sorte
que primeiro espero a morte
que me veja livre, e fora
desta prisão, em que agora
vive minha alma contente;
que posto que não consente
um só Reino dous senhores,
eu não quero mais favores
que ser vosso eternamente.

Amai quem fordes servida;
deixaivos só ser amada,
e assi não sereis culpada
de ingrata, nem fementida.
Dai a outrem embora a vida,
já que foi tam venturoso;
deixaime a mi ser queixoso
de minha fortuna esquiva,
pois que quer que eu sempre viva
do bem alheo envejoso.

Por mais força que me eu faça,
em deixar este cuidado,
não quer Amor, nem meu fado,
que em vosso amor mais me enlaça.
Pode tanto a vossa graça
que são estremos pequenos
os que esses olhos serenos
me obrigam a fazer; e são
que vos queira mais então,
quando vós me quereis menos.

(Fl. 134, N.º 243).

## IV

## ELEGIA

### DE LUÍS DE CAMÕES

Correntes aguas frias do Mondego,
dignas de ser sómente celebradas
de outro engenho, menos que o meu cego,
Correi agora claras e apressadas,
por esses campos verdes, saudosos,
banhando-lhe as flôres prateadas!

E por desertos montes cavernosos,
  vosso natural curso repugnando,
  segui novos caminhos espantosos!
Deixai de ir docemente murmurando,
  pelos troncos dos freixos e salgueiros,
  que o Zephiro move, fresco, e brando.
Das fontes de cristal, frescos ribeiros,
  refugio pola sesta dos pastores,
  que de vos correm mansos e ligeiros,
Todos tornem atraz! Sequen-se as flores,
  que nos alegres prados floreciam,
  com mil diversidades de lavores!
As mui fermosas Nimphas, que sohiam
  caçar ligeiras feras na montanha,
  que em vão achar guarida pretendiam,
A terra melhor vam da nossa Espanha,
  buscar novo apascento e novo rio,
  em triste sitio, entre gente estranha!
O liquido elemento, claro, e frio,
  que retratando suas fermosuras,
  refrea o seco ardor do quente estio;
As teas de ouro e as sedas que em figuras,
  vivas ao parecer, fazem presente
  o passado, milhor que as escrituras;
A morada quieta e reluzente,
  de preciosas pedras fabricada,
  no mais fundo do rio e mor corrente;
O retorcido arco, e mui dourada
  frecha de ouro, temida e poderosa,
  armas da casta deusa venerada;
O branco lirio e a purpurea Rosa,
  que, entre outras varias flores, coroava
  a branca fronte pura e graciosa;

O bosque, valle, ou selva que gozava
  da doce fala, e amoroso canto,
  que aos mais duros penedos abrandava:
Tudo triste, cruel, cheo de espanto,
  mostre perpetuo inverno e aspereza
  onde jamais se vio seu negro manto!
Os campos se revistam de tristeza!
  jamais se veja nelles primavera!
  Em tudo lhe falte arte e natureza!
Nada do que dá o Ceo, que a gente espera,
  se possa achar aqui; nem ache abrigo
  nimpha, gado, pastor, nem ave, ou fera!
Tudo, como a mi foi, lhe seja imigo,
  que por força de estrella, ou de costume
  fujo do melhor sempre, e [o] pior sigo!
Aquelle dos meus olhos doce lume,
  por quem alegre fui, por quem sou triste,
  e a vida em largas queixas se consume,
Donde está, cego Amor? Onde encobriste
  um bem de tanto tempo, em um momento,
  depois que tão sujeito a ti me viste?
Co-a vista, co desejo, e pensamento,
  ver o angelico rosto em vão procuro,
  que excede todo o humano entendimento.
Ah tempo avaro! ah fado esquivo e duro,
  que partiste a minha alma, e m'a roubaste,
  quando eu tinha meu bem por mais seguro!
Ah para que o grão preço me tiraste,
  da vida, num desterro aborrecido,
  pois o gosto de o ter, tu m'o deixaste?
Ah quem se vira delle despedido,
  quando se despidio uma confiança
  que lhe fazia gloria o seu perdido (?).

Quantas cousas mudou uma esperança!
  quanto prazer já vi, quanto mal vejo,
  quanto engano naceo de uma confiança!
Deixem o celebrado e rico Tejo
  os choros (=coros) das Nereidas que cantavam,—
  que é principio e fim de meu desejo,
As peregrinas aves que alternavam
  cantigas apraziveis nos sombrios
  valles, que amanhecendo retumbavam.
Tornai-vos, olhos meus, tornai-vos rios,
  até que a imortal parca, ou tarde ou cedo,
  atalhe tanto mal com duros fios!
Que ainda falar de estado ou tempo ledo,
  o alivio me tolhe o meu destino,
  para que viva de contino em medo.
Mas tão longe do bem de que era indigno,
  que pode arrecear que já não visse
  o vago pensamento peregrino?
Se a meu animo crera, elle me disse,
  antes de acontecer, com mil receios,
  a dor que adevinhou, sem que a sentisse.
Fortuna me tirou todos os meios
  de ser contente, e mais com apartar-me
  destes campos, de herva e prazer cheios,
E, pois que nelles só posso alegrar-me,
  jamais quero ver nelles alegria,
  que só póde servir de magoar-me.
Vai crecendo co-a dôr de dia em dia
  o grão temor, tristeza, e saudade:
  faça a cançada vida companhia
  á perdida esperança, e liberdade!

(Fl. 59, N.º 302).

## V

## DE DIOGO DE SOUSA

### CÔRTES DE APOLO

*A Lereno, pastor peregrino*

DEDICATÓRIA

Apolo, Deus da rabeca, amigo Lereno, nas últimas Côrtes que celebrou em Parnaso, me fez algumas mercês e esmolas que, para durarem mais, me obrigou a forrá-las em tercetos *de vaca;* e como isto não sejam *socos* nem *coturnos*, senão um novo modo de *alpargatas*, foi-me necessário buscar pés limpos e de poucos pontos, a quem fizessem, e eu os oferecesse. E entre muitos escolhi os vossos, por infinitas razões, das quais por caridade vos peço que ouçais cinco.

A primeira: porque, sendo eu poeta *perigrino*, por minha larga *perigrinação*, e esta obra *perigrina*, a ninguém podia acudir que com mais caridade a agasalhasse que a um *pastor perigrino*, pois *similis suum similem quaerit.*

A segunda: porque diz o cómico Terencio, no parágrafo *gallinarum quoque institutis de rerum divisione*, que *cuius est totum ejus est pars*, assi que, sendo eu todo vosso, e esta obra parte minha, *de iure* se havia de dedicar a parte a quem está dedicado o todo.

A terceira: por me não desviar de aquele comum provérbio, em nossos tempos tão mal comprido, que afirma *amicorum omnia esse communia.*

A quarta: porque, estando eu em Parnaso, falando-me Apolo em vos, e jurando-me, a fé de fidalgo, que como a poeta escoimado determinava laurear-vos nas pri-

meiras côrtes, pareceu-me que êste acto de minha coroação, a ninguém se devia de dedicar senão a um laureado poeta pois *proxime cingendus habet proxeneta.*

A quinta, que fecha de pancada como cofre framengo, é: porque quando jogamos aos dados, me topais reparos, a dez e a onze, cousa que me leva a boia ao fundo.

Pola delicadeza destas razões, vireis, amigo pastor, em conhecimento da muita que teve Apolo em me laurear, e das que me moveram pera pôr esta obra em vossos pés, para a couces a defender, se quiserdes.

E senão, amigos como dantes.

De Amburgo, a 3 de Janeiro.

AO RELIGIOSO LEITOR

Reverendo leitor, pera que pela concavidade deste labirinto não caminhe Vossa Reverencia sem lume, quero servir de candea, porque, se assi não for, temo que se perca a cada passo; e assi entrando por ele saberá Vossa Reverencia que Apolo, Deus dos poetas, desde o dia em que naceu até este em que estamos, costumava celebrar cortes no monte Elicona a todos seus subditos, de vinte-tres em vinte-tres anos, porque *numero Deus im-pare gaudet.* E nelas davam-se leis, regras, pramaticas, decretos, estatutos para viver bem e poeticamente, e se concediam indultos, privilegios, imunidades, isenções àqueles que tinham a vea mais grossa; e no ultimo laureava por voto de seus conseselheiros aquele que *nemine discrepante* era por único aprovado.

Agora se mudou toda esta fabrica ao monte Parnaso, aonde as Musas, pela pouca vergonha dos Turcos

mudaram fato e cabana, sendo Elicona seu verdadeiro domicilio, como bem o declara aquele Poeta que, chegando ahi, chovendo e alta noite, estando elas já fechadas, lhes disse: *pandite nunc Helicona deae.* E não lhe pareça a Vossa Reverencia o que pareceu a Ptolomeo, que jurou aos Santos Evangelhos que o Parnaso e Elicona era todo um, sendo diversos e mui distantes, porque situando êle Elicona no quarto clima e dando-lhe a linha por Zenit, está êle em nossos tempos em duzentos e tres graus, chegado ao Polo quasi com o estreito de Magalhães, assi que nesta sciencia de Cosmografia dê Vossa Reverencia mais credito à experiencia do que viu do que à habilidade de quem escreveu.

Verdade é que Elicona e Parnaso foram já tão vizinhos que se emprestavam o sal, azeite, vinagre, carvão, fogareiros e *reliqua utensilia.* Agora estão distantíssimos um do outro; se V. R. deseja saber a causa, alargue as orelhas e ouça.

Mahomet, segundo do nome e oitavo emperador dos Turcos, depois que tomou a Constantino, ultimo imperador grego, a cidade de Constantinopla, passou a ela sua Côrte, e ouvindo dizer que o Monte Elicona era morada de Musas e que ali se ouvia de contino uma celeste melodia, como homem mui afeiçoado à musica, com maquinas e engenhos que lhe custaram um pouco de ouro, fez arrancar o Monte de seus fundamentos, e com todo o resguardo, para que não quebrasse, trazê-lo e situá-lo para junto dos muros de Constantinopla, pegado com o seu serralho — paços em nosso vulgar — os quais tem para a banda do Mar Negro, naquela parte que os antiguos chamaram Bo[s]foro Tracio. E delas fez um passadiço, e ia todas as manhans de Abril e Maio, com seus queridos bardascos, ouvir a harmonia

que as Musas faziam de madrugada, ajudadas dos bufos, mochos e corujas que nele se criavam. E como os subditos tomem com grande facilidade os costumes dos Príncipes, ou pelo menos os imitem, deram todos os baxás, sanjacos e genizaros em madrugar, para ouvirem as sacras pandorgas do Elicona, mas como esta canalha tem por preceito do Alcorão fazer sete vezes no dia sua maldita *çalá*, e pera isto seja necessario agua com que se purifiquem, como no Elicona não havia outra senão a da Fonte Cabalina, metiam-se nela e enxaguando os fanados membros e lavando as rabadilhas, juntamente com algumas mijadelas, em pouco tempo tornaram a agua como se fosse uma *infundice*.

As musas mortas de sede e enfadadas da conversação turquesa, por mandado de Apolo, escondidamente se partiram todas e foram povoar o Parnaso aonde vivem com mais descanço, ainda que com mais custo, porque toda a agua, a que por natureza são afeiçoadas, lhe trazem de carreto do rio Eurita *(sic)*; e custa cada cantaro um olho da cara.

Esta é, reverendo leitor, a causa da transmigração do Elicona, que, se assi a soubera dar Frei Pantalião à cidade de pedra que viu na Palestina, nem V. R. senhor leitor, nem outro algum crítico e censor do tempo o tacharam por fabuloso; porque se êle, assi como entrou pelo sertão de Judea, entrara pelo Metamorfoseo, soubera como, depois que Perseo matou a Gorgona Medusa, cuja vista tornava os homens em pedra, metida a cabeça, em um saco e cavalga[n]do no cavalo Pegaso (que era nem mais nem menos como o hipogrifo de Astolfo, vindo pelos ares), costeando a Fenicia, chegou ao porto de Jafa, aonde a gentil Andromeda,

nua como sua mãe a pariu, estava para ser comida da orca, atada à coluna que o Padre Frei Pantalião ainda ali achou, e matando o monstro, desatando a dama, nua assi como estava, a cavalgou nas ancas de seu cavalo, e voando como uma andorinha, em menos de tres horas chegou àquela cidade, de que historiador nenhum faz menção.

Os moradores dela, vendo semelhante portento, assestaram nele toda a artelharia que tinham pelos muros e baluartes, e cevando suas espingardas e mosquetes, lhe deram tal surriada de artelharia e mosquetaria, que a Perseo não ter acordo, para se levantar em alto mais de quinhentas braças, fizeram-no em sal e cinza.

Escandalizado contudo de tão atreiçoado acontecimento, abrindo o saco, tirou a cabeça da Gorgona, que, tanto que os de baixo a viram, ficaram convertidos em pedra naquele meneo e postura do corpo em que os tomou a vista dela.

Razão que o pobre religioso não alcançou para meter tafulhos na boca dos incredulos e praguentos, pois não era muito converterem-se os homens em pedras que, segundo opinião dos peripateticos, são conversões facilíssimas, pois procedem *de habitu ad privationem*, já que em nossos tempos vemos pedras converterem-se em homens.

E não me pique V. R., senhor leitor, que sou brando de fechos, e dispararei com mais de duzia e meia destes milagres.

E se o fizer, não me tirará V. R. uma publica disciplina com voz de pregoeiro, por suas costumadas, pelo que, não no querendo importunar, se deseja saber o que passou no Parnaso, siga-me e não me canse. E se é poeta, animar-se-ha para alcançar graos semelhantes e

se o não é, folgará de ouvir novida[des], visto que *omnia nova placent.*

(Fl. 97, N.º 205).

## VI

## SONETOS ATRIBUÍDOS A CAMÕES

### 1.

Amor mil vezes já me tem mostrado
o ser-me vida o mesmo fogo ardente
como quem queima um dedo, e fàcilmente
no mesmo fogo o torna a ver curado.
Meu mal, tristeza, dôr, pena e cuidado,
o bem, a vida alegre, [o] ser contente
naquela vista pura e excelente
pôs — por essa maneira — o tempo e [o] fado
Que veja mil mudanças num momento,
que cresça nelas todas sempre a dor.
Não sei se (1) os meus castelos são de vento.
O tempo, que nos (2) mostra ser Senhor,
por mais que contra mi se mostre isento,
ha de tornar, por tempo, tudo amor.

(Fl. 27: N.º 73. — Braga, p. 222).

### 2.

Apartamentos tristes, sem ventura,
com doces sentimentos do passado
me trazem, ha tanto tempo, atormentado (3)
que a morte me será vida segura!

(1) No ms. que.
(2) vos.
(3) atromentado.

O bem é para mim (1) falsa pintura,
o descuido lembrança do cuidado;
ando (2) de meu tormento (3) tam cansado
que pouco durarei, se muito dura.
Já não vale esforçar minha fraqueza
porque o mesmo remedio me desvia,
que noutros soe abrandar o accidente,
Assi que já me deixa a natureza (4),
pois, se de ver o mal se desconfia,
rezão é desconfie quem o sente.

(Fl. 151 v.: N.º 282. — Braga, p. 225).

3.

¿Com que voz chorarei meu triste fado
que em tam dura paixão me sepultou
que mor não seja a dor que me deixou
o tempo, de meu bem desenganado?
Mas chorar não se estima neste estado
aonde sospirar nunca aproveitou.
Triste quero viver, pois se mudou
em tristeza a alegria do passado.
Assi a vida passo descontente
ao som — nesta prisão — do grilhão duro
que lastima ao pé que a sofre e sente.
De tanto mal a causa é amor puro,
(devido a quem de mim tenho ausente)
por quem a vida e bens dela aventuro.

(Fl. 156: N.º 296. — Braga, p. 224).

(1) mi.
(2) e ando.
(3) tromento.
(4) deixe à natureza.

4.

Com voz desordenada, sem sentido,
  e com olhos de lágrimas cobertos,
  soltava o peito (1) em ásperos desertos,
  entre um vale escuro, empedernido
*Silvano* triste, a quem endurecido
  tem de uma bela ninfa os desconcertos,
  perdendo a esperança dos incertos
  bens em que a fortuna o há metido.
Mas, volto em si um pouco, preguntava
  assi por si o pastor: «Desta tristeza
  levanta o coração já desmaiado?»
E canta, como quem melhor se achava:
  «Não desmaies, esprito, na pobreza!
  «que a fortuna à razão é mao treslado!»

(Fl. 79 v.: N.º 183. — Braga, p. 223).

5.

Contentamentos meus que já passastes,
  (e só de vós ficou o sentimento)
  não sei em que trazieis (2) fundamento,
  se haveis de tornar, quando chegastes.
Se foi comigo só o que usastes
  (no-mais que com a vista um cumprimento!)
  de vós me vingo; que enfim sois vento:
  em vento edifiquei, vento ficastes. —
Quem se fia em amor, quem tam mal sente
  que em êle se confia ou põe firmeza,
  desastres dã fortuna não vigia.
Emfim, já agora sei que ser-contente
  nunca jámais de si deu mor certeza
  que dêle se-não-ter perfeito dia!

(Fl. 16: N.º 49. — Braga, p. 221. — Incompleto. Veja-se o meu comentário a pág. 68).

(1) soltando.
(2) trazeis.

6.

Eu não canto, mas choro; e vai chorando
comigo Amor de ter-me assi entregado
em parte tal que nem a ele é dado
valer-me em mais que irme consolando.
Vai-me sempre ante os olhos figurando
aquela fermosura em que enlevado
ha tanto que ando, e tal me é forçado
ir-me, tras ela em vão, triste, enganando.
Mas não pode sofrer tamanho engano
Amor, que nos conhece, e de tal ver-me
foge, e me deixa só, de pura magoa.
Olho-me então, e vejo o desengano;
afronta a alma cansada; e por valer-me
desabafo, desfeito em fogo e agua!

(Fl. 149: N.º 275. — Braga, p. 227).

7.

Já tempo foi que meus olhos folgavam
de ver os verdes campos graciosos;
tempo foi já tambem que os sonorosos
ribeiros meus ouvidos recreavam.
Foi tempo que nos bosques me alegravam
os cantares das aves saudosos,
os freixos e altos álamos (1) umbrosos
cujos ramos por cima se ajuntavam.
Permanecer não pude em tal folgança;
não me pôde durar esta alegria,
não quis este meu bem ter segurança.

(1) alemos.

Ainda nesse (1) tempo eu não sentia
de fero amor a força e a mudança,
os laços e as prisões com que prendia.

(Fl. 156: N.º 297. — Braga, p. 221. — *Revue Hispanique*, VII, pág. 117).

8.

Oh quem dizer pudesse quanto sente!
ou se não magoasse do que entende!
Entenda a dor do mal quem o emende!
conheça o bem quem dele se contente!
Vida de pouco gosto e descontente
pretende quem saber muito pretende,
que com obrigações caras se vende
o muito entendimento comummente.
Não ha merecimento que mereça,
nem culpa que ninguem faça culpado:
aventura é nas cousas geralmente.
Descostume tam crú, desordenado
que sempre o bem falte e o mal creça!
Quem sofre (2) menos, é quem menos sente.

(Fl. 156: N.º 298. — Braga, p. 224).

9.

Olhos de cristal puro que vertendo
estão lagrimas tristes, saudosas,
regando as brancas faces, tão fermosas,
que a luz do sol estão escurecendo;
Espelhos claros, onde se estão vendo
de contino boninas, lirios, rosas,
não são lagrimas, não, mas preciosas
perolas que de vós estão correndo;

(1) neste.
(2) sente.

Se em vós consiste meu contentamento
  e é gloria de meu bem, minha alegria,
  tomar em vós meus olhos mantimento,
¿Como consente Amor que noite e dia,
  movidos de um ausente sentimento,
  façais sempre à tristeza companhia?

(Fl. 150 v.: N.º 279. — Braga, p. 220. — *Circulo Camoniano*, I, p. 133).

10.

Prometi já mil vezes emendar-me;
  propus já duas mil de converter-me;
  mas quando no fim quis determinar-me,
  de quanto prometi fui esquecer-me.
Eu mesmo a mim não posso obedecer-me,
  posto que bem trabalho, refrear-me.
  Deus sabe quanto temo de perder-me
  e quanto custará poder salvar-me.
Mas ¿qual será, senhor, o duro peito
  a quem vosso amor não estê dando
  de se poder salvar, grande confiança?
Não bastam quantos males tenho feito
  nem ver-me em tal estado, qual eu ando
  que de salvar-me perca a esperança.

(Fl. 152 v.: N.º 290. — Braga, p. 225).

*A morte da Princesa de Portugal*

11.

¿Que gritos são os que ouço? — De tristeza.
  ¿Quem é a causa dela? — A morte só.
  ¿Tam grande mal nos fez? — Quebrou um nó.
  ¿Que nó? ¿a quem atava? — A gentileza.

¿ Era mais que fermosa? — Era de Alteza.
¿ Desfez-se em ouro? — Não, em terra, em pó.
¿ Tambem é como nós? — Tambem. Mas só
¿ Que gemes? — De perder a tal princesa.
¿ Não vês que tudo é mundo? — Bem o entendo.
¡ Pois não te agastes! — Não mo sofre a alma.
¿ Que te consola aqui? — Na vida vê-la.
¿ Tão boa foi? — O reino o está dizendo.
Pois sabe que se cá levou a palma
Que lá terá tambem a palma dela. —

(Fl. 40: N.º 106. — Braga, *Epoca e Vida*, p. 788. — C. M. de Vasconcelos, *A Infanta D. Maria*, p. 101. — Cfr. p. 13 dêste estudo, e *Pedro de Andrade Caminha*, p. 110).

12.

Se cuidasse que nesse peito isento
inda algum tempo minha grande dôr
vos fizesse sentir, não digo amor
se não um piedoso (1) sentimento,
Tamanho fôra meu contentamento
que o mal que por vós passo, inda que mor,
sem pena, sem cuidado, sem temor,
sem queixumes passava e sem tormento (2);
Porém, como, senhora, já conheço
a vossa condição isenta e dura
no pouco que sentis o que padeço,
Não hai senão queixar-me da Ventura (3)
pois em lugar do bem que vos mereço,
males, em tanto mal, me dais (4) por cura.

(Fl. 151 v.: N.º 283. — Braga, p. 226).

(1) piadoso.
(2) êste *tromento*.
(3) de ventura.
(4) Entendo que Camões dizendo *dá*, se referia à Ventura.

13.

Vai-me gastando Amor e um pensamento
(que me inclina a seguir meus proprios (1) danos)
a esperança, o ser, o gosto e os anos,
que para mim são mil cada momento.
Os sospiros que em vão entrego ao vento
paga-m'os quem m'os causa em desenganos;
e se quero fingir novos enganos
não m'os quer consentir o entendimento.
Se pretendo (2) mostrar quanto padeço,
falta-me a voz, o alento e o sentido; —
só (3) a triste vida, não, porque [a] aborreço.
O peito, em vivas chamas convertido,
emfim mostre seu mal, pois já confesso
que nem dizer se pode, nem ser crido!

(Fl. 150: N.º 278. — Braga, p. 226).

*Duvidoso*

15.

Descalço e sem chapeu, Apolo louro,
dos mais vestidos bem ataviado,
um dia o vi vir, tão namorado
da lira que nas mãos trazia de ouro.
Dizendo alegre vinha: «Oh meu tesouro!
vida e tempo nas musicas gastado!
com um defeito is, desconcertado
que, sendo português, me fazeis mouro.
«No trajo digo só, porque é costume
na minha gente ser o trajo inteiro:
não em parte, mas em tudo se resume.

(1) propios.
(2) pertendo.
(3) e.

«Dais-me pelote e capa; sem sobreiro,
sem calças me subis num alto cume,
aonde o vento temo ser ligeiro».

(Fl. 80: N.º 184. — Braga, *Epoca e Vida*, p. 745. — C. M. de V., *Pedro de Andrade Caminha*, p. 108).

*Variante* (1)

Contente vivi já, vendo-me isento
deste mal de (2) que muitos queixar via,
chamam-lhe *amor*, mas eu lhe chamaria
discordia, sem-razão, guerra, ou tormento.
Enganou-me com o nome o pensamento.
¿Com tal nome quem não se enganaria?
Agora tal estou que tomaria
não faltar a meu mal o sofrimento.
Com desesperação e com desejo
me paga o que por ele estou passando,
nem inda de meu mal é satisfeito.
Pois sobre tudo isto ainda vejo
pera me atormentar: *um olhar brando*
e pera remediar-me: *um duro peito.*

(Fl. 150 v.: N.º 280. — Braga não o menciona).

EPIGRAMA 1.º

*A El Rey D. Sebastião sayndo aos touros*

Não corre o ceo astro tam fermoso
nem pelo alto ar o nebri voa —
um tam claro, tam puro e tam lustroso,
outro que tam ligeiro os ares coa,

(1) Melhor seria dizer: texto original emendado (por Faria e Sousa na Centuria III, N.º 48) do Soneto que é imitação do de Petrarca que principia: *I'mi vivea di mia sorte contente.*

(2) a.

Como tu, Sebastião, rey glorioso
dás nova luz ao lume da coroa
em teu ginete Zaro que, voando,
a terra, por ser teu, vai desprezando.

(Fl. 39 v.: N.º 105. — Vid. *Pedro de Andrade Caminha*, p. 109).

EPIGRAMA 2.º

*Ao Senhor D. Duarte, sayndo em hum jogo de canas*

Não voa pelo ceo com tanta graça
o fermoso falcão, dando mil voltas,
seguindo mui cruel a leve garça
com curvo bico e unhas tam revoltas
Como hoje tu correste aquela praça
no ligeiro ginete a redeas soltas,
a cara dando à contraria parte
com acertado assalto, graça e arte.

(Fl. 35: N.º 89. — C. M. de Vasconcelos, *Pedro de Andrade Caminha*, p. 109).

EDIÇÃO DE FARIA E SOUSA

*co bem* desta alma triste
*singular de minha* vida
*nde o poder de Amor* consiste! :as
*era a quem* está rendida
*a que é mais livre liberdade,*
*mais, se mais por ti* perdida
trario parece *na* beldade
orações cativa com brandura
*nodoa haver de* crueldade!
trario parece em fermosura
a *muito* atrás *quanto* é humano
*condição, ou alma* dura! a
parece *em quem só co'um* engano
*r vida ao coração sujeito,* ero
em lugar de vida, um mortal dano!
parece *que* um amor perfeito
doutro igual *remunerado,*
seja, acaso contrafeito!
parece estar desesperado
nto por ti sofre e tem sofrido
*estar de penas aliviado.*
or parece quem rendido
a um parecer que tudo rende
s qu'em seu rigor viva ofendido. s
or parece quem defende
sa beleza sempre amada
s qu'em vão se canse o que a pretende.

## VII

## ELEGIA DE LUIS DE CAMÕES

| CANCIONEIRO F. TOMÁS | CANCIONEIRO LUIS FRANCO | EDIÇÃO DE FARIA E SOUSA |
|---|---|---|
| elisa, um so amor dest'alma triste. | | 1 Belisa, *unico bem* desta alma triste |
| um so descanso meu, uma so vida, | | descanso *singular de minha* vida |
| em que todo meu mal e bem consiste; | bem ou mal | *trono donde o poder do Amor* consiste' |
| elisa, a quem esta alma esta rendida | | 2 *Fermosa fera a quem* esta rendida |
| com tam sobejo amor, tam de verdade | | *d'amor a que e mais livre liberdade,* |
| que o bem que tem e ser por ti perdida, | | *ganhada mais, se mais por ti* perdida |
| Quam contrario parece em tu beldade | | 3 Quam contrario parece na beldade |
| que os corações cativa com a brandura, | com brandura | que os corações cativa com brandura |
| haver tanta dureza e crueldade! | | *alguma nodoa haver de* crueldade' |
| Quam contrario parece em fermosura | | 4 Quam contrario parece em fermosura |
| que deixa atras tudo o que é humano, | que deixa muito atras o que é humano | que deixa *muito* atrás *quanto* é humano |
| condição deshumana, áspera e dura! | | *esquiva condição, ou alma* dura! |
| Quam mal parece aquele que com engano | quem com um engano | 5 Quam mal parece *em quem so o um* engano |
| daria a vida a quem lhe esta sugeito | | *pode dar vida ao coração sujeito,* |
| querer desenganar para mor dano! | | dar *lhe* em lugar de vida, um mortal dano' |
| Quam mal parece um puro amor perfeito | | 6 Quam mal parece *que* um amor perfeito |
| não ser com outro tal galardoado, | | *não seja* doutro igual *remunerado,* |
| ou ao menos com outro contrafeito' | | inda que seja, acaso contrafeito! |
| Quam mal parece estar desesperado | | 7 Quam mal parece estar desesperado |
| quem tanto por ti sofre e tem sofrido' | per si | quem tanto por ti sofre e tem sofrido |
| Quam mal parece o amor ser desamado! | ao amar | *devendo estar de penas aliviado* |
| Mas quam pior parece quem rendido | Quanto pior parece | 8 *Porem* peor parece quem rendido |
| [illegible] esse parecer que tudo rende, | | não fôr a um parecer que tudo rende |
| e pior o que está menos perdido. | tudo perdido | por mais qu'em seu rigor viva ofendido. |
| Quanto pior parece quem defênde | q. pior he | 9 E inda peor parece quem defende |
| ser essa fermosura sempre amada | s. esta f. | o ser essa beleza sempre amada |
| e quanto ha de ser vão o que pretende' | quanto ha de ser em vão o q. pretende | por mais que em vão se cansa o que a pretende. |

CASCIONEIRO DE TOMAS

10 E que cousa sera tam escusada
cuidar ninguem que podes tu ser vista
que a vontade não fique subjectada?
11 Mal conhece o poder de tua vista
quem cuida que o que ne a acaso alcança
pode ter modo com que lhe resista.
12 Quam bem parecerá uma esperança
no merecer certo por amorte,
não sempre o amor mostra desconhança
13 Quam bem podia eu meu mal mostrar-te,
se o quisesses tu ver, porque *merece*
que queiras alguma hora abrandar-te!
14 Quam bem parece, oh! quam bem parece
um peito que ao outro alheo sente
um verdadeiro amor, paga *merece*.
15 Se padecer por ti continuamente
pudesse dar remedio ao que te ama
bem podia eu andar contente
16 Mas temo que aquela ardente chama
com que este coração tanto abrasaste,
te esfria tanto quanto a minha fama.
17 Belisa, se a beldade assi mataste
dos que a mirada tem celeste amiga,
porquê a condição deles não temiste?
18 Nenhum deles ha lá que amor não siga
e tem no que a mais te está mostrando,
te mostras mais cruel e mais inimiga?
19 Que peito deixará de estar vibrando
com um amor qual eu tenho, firme e puro,
e a um mal qual por ti estou passando

CANCIONEIRO DE LUIS DE ANDRADE

sogzada
Quam mal sabe o q.
o que vê-la

parecerá
em quem morre c.
não sempre hũa mortal desconfiança
Quão bem seria m. m. m.
que te merece
q. q. a. h. já abrandar-te

o peito que o tormento alheo sente
e hum v. a. paga e o agradece

fama
começar, eu [illegible]
Mas eu tem.
aqueste e
quanto m infama

pura e sem [illegible]

tu no que mais t. e. m.
mais inimiga
de tornar brando
hum amor qual eu tenho firme e puro
e hum mal que eu por t. e. p.

[illegible] DE FARIA E SOUSA

10 Se [illegible] desgraça,
se podes pretender [illegible] ser vista,
mas [illegible] ferida.
11 Quam mal [illegible]
quem cuida que o que d'ela acaso alcança
pode achar coração que lhe resista.
12 Quam [illegible]
*já concedida a meu amor ardente*
não sempre [illegible] *mortal* [illegible]

13 Se um padecer por ti constantemente
pudesse ser reparo a que [illegible]
[illegible]
14 *Mas eu temo* [illegible]
*com que a tu* [illegible] *me lançaste*,
te [illegible] minha
15 Se a *olimpica* [illegible] *tu* [illegible]
*que brandamente* [illegible] *um amor puro*,
porque [illegible] *condição* [illegible]

10 Se quem te mostra amor te desagrada,
só podes pretender o não ser vista
mas não depois de vista o ser deixada,
11 Quam mal sabe o valor de tua vista
quem cuida que o que d'ela acaso alcança
pode achar coração que lhe resista.
12 Quam bem pareceria uma esperança
*já concedida a meu amor ardente*
não sempre *uma mortal* desconfiança.

13 Se um padecer por ti constantemente
pudesse ser reparo a quem mais te ama
inda esperar pudera o ser contente.
14 *Mas eu temo* que aquela imensa chama
*com que a teu belo imperio me levaste*,
te enfria tanto a ti quanto m'inflama.
15 *Se a olímpica* beleza assi imitaste
*que brandamente move um amor puro*,
porque *tão dura condição* tomaste?

ıdo, qual soberbo muro
l que m'ocupa *o pensamento*,
, *não tornara* menos duro?

:as

ı causa só de meu tormento
ıòmente podes *gloriar-me*
que as *minhas queixas* leve o vento?
e pagarias com *matar-me*
norte me negas vezes tantas!
me deras vida em morte dar-me!

a

ero

s

CANCIONEIRO F. TOMAS

20 Não digo peito já, se não que muro
ao mal que tu não queres que eu conte,
não haja a tornado menos duro.
21 Que penedo, que bosque ou duro monte
me negou seu favor ou sua ajuda?
que bravo mar? que manso rio ou fonte.
22 Nenhuma cousa há hoje agreste ou ruda
que a meu mal não mostre sentimento
e com o favor que pode não me acuda —
23 Tu que és a causa só de meu tormento
e tu que podes só remediar-me
queres que meus queixumes leve o vento
24 Tu que me pagarás com matar-me,
me não queres pagar nem com a morte,
porque com isso podes contentar-me.
25 Tu em quem pus a minha triste sorte
de meu mal o remedio verdadeiro,
te mostras cada vez mais duro e forte
26 Que carvalho, que enzinha, que pinheiro,
que salgueiro, que faia alta e sombria,
que freixo, buxo, louro ou castanheiro,
27 Que planta em fim dos que este bosque cria
deixarim de regar com tanta e regada
estes meus olhos tristes, triste e fria
28 E quando [illegible] algumas destas plantas chegam
os mais tristes suspiros, lhe concedem
o haver que os cuidados teus lhe negam —
29 Se não sabem negar o que lhe pedem
as arvores silvestres, duras plantas
que da natureza aspera procedem,

CANCIONEIRO DE LUIS FRANCO

que eu conte
não foro já

e fonte
— oje há
3. de m. m. não amostre sentimento

só

minhas queixas
matar-me

caz nh.

louro, buxo,
prantas

tristes olhos
qualquer destas prantas
sospiros tristes

estas duras, silvestres, rudas prantas

EDIÇÃO DE FARIA E SOUSA

16 Qual elevado, qual soberbo muro
este ma[illegible] o *pensamento*,
*contado*, não *tornara* menos dur[illegible]

17 Tu que [illegible] de meu tormento
tu que só [illegible] podes *gloriar-me*
queres que as *minhas queixas* leve o vento
18 Tu que me [illegible] *matar-me*
inda a [illegible] vezes duras
Ai! que [illegible] em morte [illegible]

30 Tu que com [illegible] espantas
e os corações [illegible] mais sujeitos,
se brandamente os olhos levantas,

31 Porque um amor [illegible]
de aquele que, [illegible] tanto,
as tuas sem[illegible]

32 Estende-se pela terra o alegro manto
a noite, da [illegible]
e em meus tristes olhos duro espanto.

33 Torna a manhã despois alegre e cheia
de um claro resplandor que tudo cerca,
nem de meu choro nos essa [illegible]

34 Não são lagrimas [illegible] que [illegible] clara
mas [illegible] que afoga que arde
em mim, [illegible] fora,

35 Por [illegible] tarde
de consumir [illegible]
nem meu fado [illegible]

36 Nem [illegible]
que [illegible]
queiras [illegible]

37 Porque [illegible]
do lugar [illegible]
não por ter compa[illegible]

38 Nem [illegible]
nem que [illegible]
antes de [illegible]

(1) A [illegible] como se vê nas [illegible]

daquele que se esta subjeito tanto
que as tuas semrezõis lhe estão aceitas

a noite de alegria a lux alhea
em meus tristes olhos duro espanto

que afoga que arde
dentro em mim pelos olhos deita fora

me não tarde
a morte que a hum mal tão duro e fero
já por cedo que venha, vira *tarde*

Porem não.
do lugar onde tão morto me viras
nam com paixão de mim.

antes leda a outra parte o rosto vires



19 Usa piedade, tu, que o mundo espantas
co'os belos olhos com que o douras tanto
se acaso [illegible] os levantas

20 Estende-se *na terra* [illegible]
e a noite da *alegria a luz alheia*
mas [illegible] pranto.

21 Torna a manhã despois alegre e cheia
da luz que o chôro enxuga à bela aurora,
mas do meu chôro [illegible] enxuga a vista.

22 Lagrimas [illegible]
mas *amor* [illegible]
e [illegible] fora.

23 Como inda a morte quer que mais aguarde?
não [illegible] mal tão fero,
mas já, por mais que corra, virá tarde.

24 Nem *no sapo como trans*[illegible]
que [illegible] me has posto
queiras, *crua*, entender quanto te quero.

25 A[illegible] se vovesses [illegible]
ao lugar [illegible]
não [illegible]

26 Não [illegible]
nem que [illegible]
mas que [illegible] não tires

19 Usa piedade, tu, que o mundo espantas
co'os belos olhos com que o douras tanto
se acaso a vê-lo brandos os levantas.

20 Estende-se *na terra* o negro manto
e à noite dá *alegria a luz alheia*
mas nos meus olhos tristes dura o pranto,
21 Torna a manhã despois alegre e cheia
da luz que o chôro enxuga à bela aurora,
mas do meu chôro nunca enxuga a veia.
22 Lagrimas já não são qu'esta alma chora
mas *amor* é vital que dentro arde
e por a luz dos olhos salta fóra.
23 Como inda a morte quer que mais aguarde?
não tarde já, mas corra a mal tão fero,
mas já, por mais que corra, virá tarde.
24 Nem *no supremo transe* de ti espero
que inda com ver o estado em que me has posto
queiras, *crua*, entender quanto te quero.
25 Ai! se volvesses esse belo rosto
ao lugar triste em que morrer me vires
não por desgosto tal, mas por teu gosto
26 Não quero de ti, não, que ali suspires
nem que de dar-me a morte te arrependas,
mas que os olhos de ver-me então não tires

ssi nunca pastor a quem te rendas
te faça conhecer o que me fazes
para que com teu mal meu mal entendas.
omo já agora não te satisfazes
das penas deste amor que, por querer-te
de teu merecimento são capazes?

ois quem com outro merito render-te
presume (oh raro monstro de beleza!)
muito mais longe está de merecer-te.

te si, que merece a gram crueza
com que tu d'acabar-me a vida tratas,
pois diante de ti, de si se preza.

CANCIONEIRO DE ESTÚNIGA

39 Queira deus que a pastor [illegible] não rendas
que te faça entender [illegible] que te fazes,
nem que tu [illegible] meu entendas.
40 Belisa, olha de [illegible] satisfazes,
porque sou amor [illegible] se te deve,
de teu merecimento [illegible] capazes.
41 Isto não por haver [illegible] se atreve
no que a fortuna [illegible] e inconstante,
se houver nela amor, [illegible] breve.
42 Qual rustica bastança [illegible] tão bastante
Belisa, a merecer [illegible] te
qual ouro, qual rubi, qual diamante?
43 E se com isto ninguém [illegible] render-te,
entenderás daqui, claro imagino,
quão longe estará de merecerte!
44 Porque eu dar ninguém [illegible]
merecer a [illegible] crueza
tão sobrenatural, [illegible]
45 Este merece só a gram crueza
que tu, cruel pastor, usas comigo
pois o teu gram [illegible] tanto despreza;
46 Este merece só [illegible] castigo
que [illegible]
[illegible] inimigo;
47 Este que abate tanto [illegible]
merece [illegible] fazendo,
merece [illegible]
48 Eu que só por [illegible] vivo morrendo,
vê quanto sem [illegible]
estou por amor mal [illegible]

CANCIONEIRO DE LUÍS FRANCO

E isto não pode haver em quem se atreve
dá falsa, inconstante
e se houver nela amor ha de ser leve
Qual rustiqua abastança ahi abastante

esta

cria

tão s.

so gram castigo
que eu [illegible]

abate tanto

Eu so por te amar [illegible]
vê quão s. r
está o amor com [illegible] mal so padecendo

EDIÇÃO DE FARIA E SOUSA

27 Ass[illegible] nunca pastor a quem te rendas
te faça conhecer o que me fazes
para que com teu mal meu mal entendas
28 Como [illegible] agor[illegible] não te satisfazes
das penas deste amor que, por querer-te
de teu merecimento são capazes?

29 Pois quem com outro merito render-te
presume (oh raro monstro de beleza!)
muito mais longe está de merecer-te.

30 Este s[illegible] que merece a gram crueza
c[illegible] que tu [illegible] me [illegible]
p[illegible] diante de ti, d[illegible] se preza

[illegible]

49 Se cuidais que com isto desbaratais
este [illegible] que [illegible]
porque mais vos dais quanto mais matais!
50 Sã[illegible] [illegible]
que [illegible]
que [illegible]
51 Não me [illegible]
[illegible]
porque [illegible]
52 Consentir que desse [illegible]
[illegible] que tenho
[illegible]
53 Assi [illegible]
[illegible]
sempre teu trigo em salvo à eira venha!
54 Assi [illegible]
do [illegible] porque [illegible]
de [illegible]
55 Assi [illegible]
[illegible]
[illegible]
56 Assi [illegible]
[illegible]
[illegible] pois que!
57 As [illegible]
[illegible]
[illegible]
58 E [illegible]
[illegible]
[illegible]



S. c. q. com isso os desbaratas

vida

[illegible] me vejo
[illegible] ofendes
faça
e te adore
e porque se contentar me he seu dezejo

e não
Assi no teu curral não se detenha
o carniceiro lobo e em louro fexe
sempre teu trigo salvo a e. v.
Assi [illegible] teu gado não [illegible] queive
de verdes ervas o campo fresco fexe

e seu branco
e te segue

E quando este meu mal [illegible] sintirá



31 Se cuidais que com isto desbaratais
o meu constante amor, porque não vivo
ele mais vive quando mais me matas.

1 Se cuidas que com isto desbaratas
o meu constante amor, porque não viva
ele mais vive quando mais me matas.

*dar-me morte tens por gloria altiva*
m'inclino a que mates; tu t'inclina
matar mais de branda que d'esquiva.

ta alma tua julgas por indina
aquelle grande bem qu'em ti s'esconde
descoberto mal a faze dina.
e, ai! voz acharei que baste ai! onde
poder reduzir-te a ser piadosa?
m'acaba de todo, ou me responde!

por mais que te mostres rigorosa
ixar meu pensamento m'é impossivel,
ualmente que a ti não ser fermosa.
r mais qu'esta dôr seja terrivel
*mente o contemplar* a causa dela
*da que a faz maior, a faz* sofrivel.

59 Mas na branda sazão do gracios
verão que tud faz alegre e claro
e no inverno triste e furioso,
60 Sempre vejo o teu rosto tão avaro
de qualquer mostra alegre que m engane
quanto de fermosura o mundo raro.
61 Não tens mostra que não me desengane,
não somente de que eu ledo não viva,
mas que não m'atormente nem me dane.
62 Cada hora esta vontade mais cativa
a ti vejo, e a ti sempre engeita-la!
basta matar de branda, e não d'esquiva!
63 Se algum tempo já remedeá-la
o teu peito cruel não determina,
não queiras sequer mais atormentá-la,
64 Porque, ainda que cuides que ela é indina
de ter tamanho bem, não se te esconde
que do mal que lhe fazes não é dina.
65 Onde, Belisa, ay dize onde
achar posso piedade que te abrande?
Ou m'acaba de todo, ou me responde!
66 Porem já não espero, por mais que ande,
que tu nisto te amostres piadosa
pois que te não abranda um mal tão grande.
67 Mas por mais que te amostres rigorosa,
deixar meu pensamento é impossivel —
não fôras tu, Belisa, tão fermosa,
68 E por mais que esta dor seja terrivel
a contemplação só da causa dela
não na fará menor, mas mais sofrivel.



ou na do escuro invern furioso

de p. br nda mostra

nem somente

nem me d ne

e tu sempre e.
p este m de b , nã desquiva
Se em algum tempo

que tu cuidas
desse t. b.

Onde Bilissa, onde, diz onde
[illegible] que te abrande

que t'amostres



32 *Se o dar-me morte tens por gloria alta*
eu m'inclino a que mates, tu tu d na
a matar mais de branda que desquiva

33 S'esta alma tua julgas por indina
d'aquelle grande bem qu'em ti s'esconde
de [illegible]
34 Onde, [illegible] onde
[illegible]

35 Mas [illegible]
igualmente [illegible]
36 E por [illegible]
*somente* [illegible] *contemplar* [illegible]
*mata que a faz maior, a faz sofrivel.*

ANCIONEIRO DE TODAS

69 Mas se eu viver e não poder sofrê-la,
perder por ela a vida, podes ver-me,
porem não descontente de perdê-la.

70 Que se eu sou tão contente de render-me
a quem se de meus males se contenta,
mais o serei tambem de ver perder-me.

71 Belisa, este amor se te apresenta
para que ou o desvies, ou me mates,
em ti se vive, em ti se aposenta.

72 E por mais mal ja agora que me trates
não podes neste amor qualquer receio,
que em mim novos não são estes combates

73 Antes quando estiver posto no meio
das piores sem-razões, do mor trabalho,
então de mor fraqueza estarei cheio

74 Bem vejo quanto contigo em vão trabalho
pois quanto mais me ves que por ti peno
então cruel, cruel, contigo menos valho.

75 Tudo espera meu mal, quanto ordeno
pois quanto ordeno e porque mais te ame
e quanto mais te amo menos me condeno.

76 Porque é justo que a mim, que tudo desame
pois que de mi procede o mal mais certo
e tu mesma, cruel, minha chame

77 Se neste amor tão claro e descoberto
queres vingar-te como de adversario
eu sou mesmo a vingança, a teus bem perto

78 Bem [illegible] foi justo contrario
[illegible] aceitasses,
fazê-lo eu mesmo, mais foi necessario.

CANCIONEIRO DE LUÍS FRANCO

Mas se eu vier a não p. s.
pode ver-me

mais folgarei de v. tambem perder-me
Belisa, aqui hum amor s. t. a.
a qual ou me desvia ja o. m. m
so se a.
E por mais ja que agora mal m. t.
nenhum receio

das m. s., do mor t.
estara
Bem vejo quanto em vão palavras coalho
pois quando mais quanto por ti peno

quanto ordeno
ha p. m. t'ame
e quanto te amo eu mais me condeno

pois de mim me procede
crue, inriga

mais perto
[illegible] neste contrario
pois que pera

EDIÇÃO DE FARIA E SOUSA

37 *Porem chegando a não poder sofrê-la*
*perdendo a vida, quando a morte chame*
*não perderei o gosto de perdê-la.*

38 *E justo que eu por ti mil mortes ame*
*mas vê tu se te ilustra, quando ofensa*
*minha mortal o teu valor se chame*

37 *Porem chegando a* não poder sofrê-la
*perdendo a vida; quando a morte chame*
*não perderei o gosto de perdê-la.*

38 *É justo qu'eu por ti mil mortes ame*
*mas vê tu se te ilustra, quando ofensa*
*minha mortal o teu valor se chame.*

79 Me
e
e
80 Ber
d
q
81 Ma
c
c
c

39 Bela beldade tão imensa
*tem gloria* bem pequena
*p*-me tomo por defensa.
40 Mar *tão puro* me condena
essaz desta vitoria;
ção meus males tanta pena
em por ti me dá de gloria.

(Tomo IV-V, p. 58: *Elegia VIII*).

CANCIONEIRO F. TOMAS

79 Merecia isto bem que já abrandasses
esse estranhavel odio, essa ira intensa
e que um tamanho amor tão engeitasses.
80 Bem vês que uma beldade tão imensa
de vencer-me terá honra tão pequena
que só render-me tomo por defensa.
81 Mas já que este amor meu me condena,
contente fico assaz desta vitoria,
que não me dão meus males tanta pena
quanto serem por ti merecida de gloria.

[illegible] Nº [illegible] pag. [illegible]

CANCIONEIRO DE LUIS FRANCO

que te abrandasses
e se

bem pequena
pois render-me
Mas que este amor m[illegible]

(B 221 Nº 216 *Filiais de Francisco de Antrat*

EDIÇÃO DE FARIA E SOUSA

79 Bem vês que uma beldade tão imensa
de vencer-me *tem gloria* bem pequena
*pois* só render-me tomo por defensa.
80 Mas *já* que amor *tão puro* me condena
contente fico assaz desta vitoria,
que não me dão meus males tanta pena
quanto serem por ti merecida de gloria.

Tom. V, p. 58 *Lugar VII*

## VIII

## CANÇÃO

Não de côres fingidas
  a minha casa a vista representa,
  nem as traves sustenta
  sôbre colunas de Africa trazidas;
  não de Attalo as riquezas possuídas
  logrando herdeiro escasso,
  mimoso da fortuna a vida passo.
Com Febo em companhia,
  enganando co'as musas a pobreza,
  emprego noite e dia,
  no que o mundo pouco estima e preza;
  nem quero ter na vida mais riqueza;
  tenha outrem para a vida
  as veias de Pactolo, as mãos de Mida!
Que mais ditosa sorte
  que discorrendo os anos docemente,
  viver antes da morte
  na vida mui quieto e contente!
  Que estado mais seguro, e eminente
  que a fama ter segura
  do tempo, da fortuna, e da ventura!
Do Egito pereceram
  as pirâmides e o mausoléu;
  e o rico templo Eleo,
  de marfim feito, os tempos desfizeram;
  as estátuas de Scopas não puderam
  sustentar-se contra êles,
  nem as tábuas gentis do insigne Apeles.
Mas vós, musas, aos vossos
  das injúrias dos tempos segurais,

e quaisquer feitos nossos
às leis da eternidade consagrais.
Com a lira de Orfeu ressuscitais
a virtude esquecida,
qual Euridice morta à dôce vida.
Estas as hervas eram
da mágica Medêa, preciosas,
que o velho converteram
à fresca idade; ah! obras milagrosas!
Estas eram as de Glauco poderosas
que, tanto que as comia,
feito imortal, o humano se perdia.
Que não foi só roubada
aquela por quem Troia se perdeu,
nem foram sós na espada
Diomedes, Ajax e Ydomeneo;
nem primeiro seus muros defendeu
Hector, aventureiro,
nem em vencer, Aquiles foi primeiro.
Muitos outros passaram
que perderam imortal merecimento
porque os não libertaram
as musas do perpétuo esquecimento,
que elas deram, emfim, seguro assento
nos campos fortunados
a todos os herois celebrados.
Mas como a nau se alegra
quando, com novo lume os céos abrindo,
desterra a nuvem negra,
o mar se assenta, as ondas vão caindo,
tal eu, pois novo brio vou sentindo,
voar pudera sem penas
ao monte do Parnaso, e Atenas.

Se é mais que em brando lenho
em diamante esculpir qualquer figura,
ter em tão duro engenho
maior louvor e glória se assegura;
que, se êste bem alcanço da ventura,
d'algum saber interno,
quanto escrever, será louvor eterno.

(Fl. 32: N.º 85).

## IX

## CAPÍTULO

### DE LUÍS DE CAMÕES

*Propriedades de Amor*

Não pode quem quer muito ser culpado,
em nenhum êrro, quando vem a ser
o amor em doidice transformado.
Não é amor amor, se não vier
com doidices, deshonras, dissenções,
pazes, guerra, prazer e desprazer,
Perigos, línguas más, murmurações,
ciúmes, arroidos, competências,
temores, mortes, nojos, perdições.
Estas são verdadeiras penitências
de quem põe o desejo onde não deve,
de quem engana alheas inocências.
Mas isto tem amor, que não se escreve,
senão onde é ilícito e custoso;
e onde há mor perigo, mais se atreve.
Passava o tempo alegre e deleitoso,
o troiano pastor, enquanto andava
sem ter alto desejo e perigoso.

Seus furiosos touros coroava,
  e nós alemos altos escrevia,
  teu nome Enone, quando a ti só amava.
Cresciam os altos álemos, crescia
  o amor que te tinha, sem perigo,
  e sem temor contente te servia.
Mas depois que deixou entrar consigo,
  ilícito desejo e pensamento,
  de sua quietação tão inimigo,
A toda a pátria pôs em detrimento,
  com mortes de parentes e irmãos,
  com cru incêndio e grande perdimento.
Nisto fenecem os pensamentos vãos
  tristes serviços mal galardoados,
  cuja glória se passa d'entre as mãos.
Lágrimas e sospiros arrancados
  da alma, todos se passam, com enganos
  e oxalá muitos fôssem enganados!
Andam com seu tormento tão ufanos,
  gastando na doçura dum cuidado,
  após uma esperança, tantos anos.
É tal e tão perdido um namorado,
  tão contente com pouco, que daria,
  por um só mover de olhos, todo o gado.
Em todo o povoado e a companhia,
  sendo ausentes de si, estão presentes
  com quem lhe pinta sempre a fantesia.
Com um certo não sei quê andam contentes,
  e logo um nada os torna ao contrário,
  de todo o ser humano diferentes.
Oh tirano amor, oh caso vário,
  que obrigas um querer que sempre seja
  de si contino, áspero adversário.

E que outra hora nenhuma alegre esteja,
senão quando de seu despojo amado,
sua imiga estar triunfando veja:
tanto o trazes em teu laço enredado!

(Fl. 149: N.º 276; vid. p. 110).

X

## ELEGIA

DE ANTÓNIO FERREIRA

Sôbre o verde esmalte, a bela aurora
fresco e miúdo aljofar derramava,
o gado já saía donde mora,
Quando ao pé de um salgueiro que regava
com lágrimas de amor, o triste Albano,
de mil máguas cercado, assi cantava:
Ai duro coração, aï deshumano
coração, frio mais que o caramelo,
cheio de ingratidão, cheio de engano!
Ai, peito em tudo duro, em tudo belo,
belo, pois a Amor traz de amor ferido,
duro, pois nunca amor soube vencê-lo,
Que mal te fez o mal, tão bem sofrido
dêste meu coração tão diferente
dêsse teu, que já nunca foi vencido?
Que mal te fez, por onde não consente
tua dureza estranha, oh Silvia dura,
que quem morre por ti, morra contente?
Não vês que se meneia esta espessura
cos sospiros que espalho de contino
quer seja claro dia, ou noite escura?
Não vês que crece o Tejo cristalino
co[a] agoa dos meus olhos estilada
desde que preso estou nesse ouro fino?

Ah triste, que a ribeira está esmaltada
  à custa dêstes olhos que te viram;
  e a ti, de meu mal, não te dá nada!
Sentem os mudos peixes que me ouviram,
  sente esta dura rocha, o mal que passo:
  tuas entranhas só nunca o sentiram,
És por ventura seixo? és feita de aço
  que se não doi de mi êsse teu peito
  largo em dar pena, em dar remédio escasso?
Tem, Sílvia, ao que mereço algum respeito;
  lembre-te que te tenho lá empenhado
  um coração, que a ti vive sugeito.
Olha, vê-lo-hás de amor chagado
  vê-lo-hás, se quiseres atentá-lo,
  dos raios de teus olhos trespassado.
Com tudo não te atrevas a tocá-lo
  que ei medo que te abrase os brandos dedos
  no fogo em que o tu tens todo abrazado,
Se queres mais testemunhas, os penedos
  desta rocha dirão quam mal me trata
  essa tua isenção, êsses teus medos.
Deixa-me ora gozar da bela prata
  que amor de laços de ouro tem cercado
  adonde os olhos cega, e as almas ata;
Deixa-me ora gozar dêsse tesouro
  onde amor toda a graça tem metido;
  abre êsses belos olhos, por quem morro,
Abre-os e verás logo revestido
  de novas flores, monte, bosque, e prado,
  que neles anda maio recolhido.
Verás o céo sereno, se turbado
  de nuves estiver; verás contente
  quanto co vivo raio for tocado.

Verás correr o rio brandamente,
  e quando se apartar, ir-se queixando
  com um ruído rouco e descontente,
Verás o rouxinol, ir festejando
  a graciosa luz dessas estrêlas
  e de ramo em ramo ir cantando.
Solta, fermosa Sílvia, as tranças belas
  de teu crespo cabelo, longo, ondado,
  que as ninfas para ti tecem capelas;
Solta-as e verás que alvoroçado
  para o trazer nos ares anda o vento
  de sua laçaria enamorado.
Mas ai! que busco fôrça a meu tromento,
  lenha ao vivo fogo que consume
  um coração de mágoas aposento.
Baste nos olhos meus aquele lume
  que nas minhas entranhas acendestes
  para que percais já tão mau costume,
E contentai-vos já co que fizestes;
  baste a sobegidão e a soltura
  com que para meu dano vos movestes.
Porém eu, se não vir a fermosura
  dos olhos que ao Sol fazem inveja,
  com que gôsto virei a esta espessura.
Mostra-te, Sílvia minha, inda que seja
  para perder de todo a triste vida,
  que eu morrerei, com tanto que te veja.
Suave me será minha partida,
  suave a própria morte, se não fôra
  ver que serás sem mi menos servida.
Triste, que me desfaço de hora em hora
  como névoa ao vento, ao fogo cera,
  e a ti nem de me ouvir te lembra agora,

Ah quem à triste vida dar pudera
  o fim que tu desejas, e que eu peço.
  Ah, quem quando te viu logo morrera!
Mal vês, Ninfa cruel, o que padeço,
  mal te lembra de aquilo que se deve
  aquela limpa fee que te mereço.
Porquê me tolhes ver a branca neve
  de outra gram de mais preço semeada?
  porquê tamanho mal julgas por leve?
Naceste entre liões, fôste criada
  de alguma brava loba, a quem saíste
  tam dura, tam cruel, tam mal lembrada.
Que causa há por que faças viver triste
  quem só com contentarte, se contenta
  porque tanta isenção nunca despiste.
Se esperas que êste mal que me atormenta
  me ponha em algum risco de deixar-te
  enganosa esperança te sustenta,
Que primeiro verás para outra parte
  ir-se de aqui voando estes prados
  que me vejas a mi, deixar de amar-te;
Primeiro na água os peixes afogados
  verás e sem alvura o leite puro
  que me vejas a mi sem teus cuidados.
Êsse teu peito estê, Sílvia, seguro
  que o meu sempre estará tanto mais firme
  quanto se lhe quiser mostrar mais duro.
Se te vira algum'hora Ninfa, ouvir-me
  quando à montanha em vão de ti me queixo
  se sempre não andasses a fugir-me,
Verias nomear-te aquêle freixo
  ao som do murmurar da verde rama
  que eu com suspiros meu[s] crecer não deixo;

# ÍNDICE

Pág.

PREFÁCIO . . . . . v

I. — Generalidades sôbre o Cancioneiro Fernandes Tomás 1
Lista alfabética de autores, com indicação das obras de cada um . . . . . 22
Poesias atribuídas a Luís de Camões . . . . . 26
Lista das composições contidas no Cancioneiro . . . 29
Notas relativas aos textos . . . . . 64

II. — Textos inéditos até 1890 . . . . . 121
1 Canção de *Bernardim Ribeiro* . . . . . 129
2 Decima de *Bento Rombo de Carvalho* . . . . . 132
3 Outra décima do *mesmo* . . . . . 133
4 Elegia de *Luís de Camões* . . . . . »
5 Côrtes de Apolo de *Diogo de Sousa* . . . . . 137
6 Sonetos e Epigramas atribuídos a *Camões* . . . . 142
7 Elegia de *Luís de Camões* . . . . . 151
8 Canção de *Luís de Camões* . . . . . 163
9 Capítulo de *Luís de Camões* . . . . . 165
10 Elegia do *Dr. António Ferreira* . . . . . 167

Verias como o bosque em vão te chama,
  Sílvia, Sílvia, mil vezes repetindo;
  verias-me abrasado em viva chama;
Verias como está meu mal ouvindo
  envolto em branca escuma o manso Tejo,
  as minhas tristes lástimas sentindo;
Verias figurar a meu desejo
  nos lírios, nas violas, e nas rosas
  o teu fermoso rosto que não vejo;
Estas minhas ovelhas, que mimosas
  já noutro tempo livre andar verias,
  saudosas de ti, de mi queixosas,
Que o pasto que com os teus olhos lhes crias
  com o fogo de meus ais lhe estou secando
  com o pensamento em ti noïtes e dias.
Mas ah triste pastor, que estás cansando
  e Sílvia longe está de ouvir tuas máguas!
  se não te ouve ¿a quem estás teu mal contando?
  à surda penedia, às surdas águas?

(Fl. 33 v., N.º 88) (1).

(1) *Post-Scriptum* de 1922. Vid. p. 89 — Posso fechar êste *Estudo Camoniano* com a boa nova que o *Cancioneiro Fernandes Tomás* foi adquirido pelo meu ilustre amigo, Dr. J. Leite de Vasconcelos, e se encontra no *Museu Etnológico* de Belém. A meu pedido, êle mandou tirar para mim cópia diplomática da *Elegia*, que quanto às grafias e à pontuação retoquei criteriosamente. Parece-me ser uma das mais belas poesias do autor da *Tragédia de Inês de Castro.*

PQ 9067 M53

Michaelis de Vasconcellos, Carolina
O cancioneiro Fernandes Tomás

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY